



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS E LINGUÍSTICA



JOSENICE CLÁUDIA MOURA DE LIMA

**GÊNEROS COMO CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NAS AULAS DE  
LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO SOBRE  
LETRAMENTO CRÍTICO**

Maceió

2015

JOSENICE CLÁUDIA MOURA DE LIMA

**GÊNEROS COMO CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NAS AULAS DE  
LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO SOBRE  
LETRAMENTO CRÍTICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Roseanne Rocha Tavares.

Maceió

2015

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Maria Helena Mendes Lessa**

L732g    Lima, Josenice Cláudia Moura de.  
          Gêneros como construções identitárias nas aulas de língua inglesa do ensino médio: um estudo sobre letramento crítico / Josenice Cláudia Moura de Lima. – Maceió, 2015.  
          160 f.

          Orientadora: Roseanne Rocha Tavares.  
          Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2015.

          Bibliografia: f. 93-96.  
          Apêndices: f. 97-120.  
          Anexo: f. 121-160.

          1. Identidade de gêneros. 2. Letramento crítico. 3. Linguística Aplicada. 4. Língua inglesa. I. Título.

CDU: 81'243

## TERMO DE APROVAÇÃO

JOSENICE CLÁUDIA MOURA DE LIMA

Título do trabalho: "GÊNEROS COMO CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO SOBRE LETRAMENTO CRÍTICO"

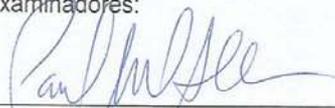
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

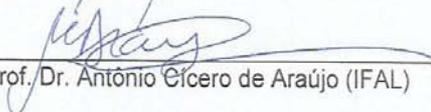


Profa. Dra. Roseanne Rocha Tavares (PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dr. Paulo Rogério Stella (PPGLL/UFAL)



Prof. Dr. Antônio Cícero de Araújo (IFAL)

Maceió, 10 de fevereiro de 2015.

**À Clara, minha filha, inspiração para desejar  
uma sociedade mais justa.**

## AGRADECIMENTOS

Quando reconhecemos a importância do outro, percebemos o quanto somos felizes por não estarmos sós. No percurso que fiz até aqui, muitas pessoas passaram ou ficaram em minha vida. Comigo trago um pouco de cada uma delas e manifesto a minha eterna gratidão.

Agradeço a Deus pela vida, por Seu amor por nós e por Seu filho Jesus, aquele que nos ensinou a amar o próximo e a perceber o valor do outro em nossas vidas.

À Gorette, minha mãe, por ser uma mulher batalhadora, que sempre lutou por suas filhas e nunca se conformou com as diferenças que geram injustiças. Obrigada por seu exemplo e amor!

Às minhas irmãs, Carla e Diana, pela amizade, confiança e torcida de sempre!

Ao Nerivaldo, meu esposo, pelo incentivo, apoio e por ter vivido comigo as mudanças que essa pesquisa nos trouxe. Amo você!

Aos Professores Doutores Antonio Cícero e Paulo Stella, pelas participações nas Bancas de Qualificação e Defesa, pela leitura cuidadosa, pelas sugestões e contribuições para esse trabalho. Muito obrigada!

À Professora Doutora Roseanne Tavares, minha orientadora, pela confiança e oportunidade. Obrigada pela paciência e amizade e por ter acreditado em mim desde o processo de seleção de mestrado até a defesa. Você é muito importante nesse processo!

Ao Professor Doutor Sérgio Iffa pela torcida e atenção de sempre.

Às Professoras e professores de Linguística Aplicada da PPGLL, pessoas admiráveis, com quem pude aprender cada vez mais.

Às professoras, professores, tutoras e participantes do curso Gênero e Diversidades na Escola.

Às amigas Sidiane, Lorena e Welma e ao amigo Antonio Lima, pela amizade, confiança, torcida e aprendizados. Agradeço a Deus por ter vocês em minha vida!

Às /aos colegas de mestrado, Edu, Cris, Rodolfo, Everton, Ritaciro, Cataline, Assis e Selma. Aprendi muito com vocês!

À Gisele pela atenção, torcida e empréstimo de livro e gravador. Muito obrigada!

À Flávia pela torcida, apoio e amizade fundamentais nesse final de mestrado. Obrigada!

Às pessoas queridas da COLIC, lugar de trabalho, de laços de amizade e carinho: Aparecida, Ari, Carlos, Christiane, Cleusa, Gisele, Damião, Danielly, Denise, Elaine, Eliza, Flávia, Karla, Lucia, Luciane, Lucilene, Narciso, Neide, Rejane, Fábio, Silvia, Soraya, Warner, William, Ivete, Ivone e Valmir. Obrigada pelo apoio e torcida!

À Ângela, diretora de ensino, pela confiança e apoio. Muito obrigada!

À turma participante da pesquisa. Vocês foram fundamentais para a concretização desse trabalho! Muito obrigada!

## RESUMO

Nessa dissertação de mestrado, discuto, refletindo e problematizando, as construções identitárias de Gêneros, analisando como essa questão circula nos textos escritos, orais e imagéticos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio e como a teoria de Letramento Crítico auxilia essa discussão. Para fundamentação teórica, recorro à concepção dialógica de Língua/linguagem de Bakhtin (1990, 1997), reflito sobre questões de identidade de acordo com Bauman (2001), Lyotard (2006) e Coracini & Bertoldo (2003) e discuto sobre o papel da Linguística Aplicada na contemporaneidade em consonância com Pennycook (2001, 2006, 2010) e Rampton (2006). Para as reflexões sobre as construções sociais de Gêneros, trago Butler (1990, 2003), Candau (2012) e Louro (2003, 2008). Finalmente, para Ensino de Língua Inglesa e Letramentos dialogo com Stella e Tavares (2013), Santos e Ifa (2013), Cerveti, Pardales e Damico (2011), Kleiman (2006) e Street (1984). É importante destacar que essa pesquisa foi realizada dentro de uma perspectiva da Pesquisa Qualitativa, o estudo de caso com intervenção, consoante Araújo (2011) e Stake (1994), uma vez que o presente estudo se deu com a participação de uma de minhas turmas de Língua Inglesa do Ensino Médio, da rede pública federal de Alagoas. Para interpretação/análise das nossas interações e das produções escritas e imagéticas, foram feitas e coletadas gravações de áudio, transcrição de aulas, atividades respondidas pela turma participante com questões elaboradas por mim, como professora-pesquisadora e as interações num grupo do *Facebook*, criado por nós, intitulado *Gêneros e Diversidades nas aulas de Inglês do Ensino Médio*. Entre os resultados, destaco que algumas pessoas passaram a ter a compreensão de que as diferenças de Gêneros são construídas socialmente e não apenas biologicamente, como acreditavam antes desse estudo.

**Palavras-chave:** Gêneros. Letramento Crítico. Linguística Aplicada. Língua Inglesa.

## ABSTRACT

In this dissertation, I discuss, reflecting and questioning, the identity constructions of Genders, analyzing how this question circulates in written, oral and imagetical/ visual lessons in English Language in High School and how theories of Literacies help this discussion. As theoretical background, I use the dialogical conception of language by Bakhtin (1990, 1997), I reflect on issues of identity according to Hall (2005), Bauman (2001), Lyotard (2006) and Coracini&Bertoldo (2003). I discuss the role of the contemporary Applied Linguistics according to Pennycook (2001, 2006, 2010) and Rampton (2006). For reflections on the social constructions of Genders, I bring Butler (1990, 2003), Candau (2012) and Louro (2003, 2008). Finally, for English Language Teaching and Literacies, I dialogue with Stella and Tavares (2013), Santos and Ifa (2013), Cerveti, Pardales and Damico (2011), Kleiman (2006), Street (1984). It is important to mention that this research was conducted within a case study with action, according to Araújo (2011) and Stake (1994), since this study took place with the participation of one of my English classes in High School, at a public federal School of Alagoas. For interpretation / analysis of our interactions and written and visual /image productions, I used audio recordings, classes transcriptions, notes during and after the classes, activities with questions prepared by myself as a teacher-researcher and our interactions in the Facebook group, created for us, entitled "Gender and Diversity in the English classes of high school." Among the results, it can be noted that some people have gained the understanding that the Gender differences are socially constructed and not only biologically, as they believed before this study.

**Keywords:** Applied Linguistics. English Language. Genders. Critical Literacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gestação.....	156
Figura 2 – Trabalho pesado .....	157
Figura 3 – Brinquedo de menino.....	158
Figura 4 –Habilidades .....	159
Figura 5 – Identidade.....	160

## NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO<sup>1</sup>

Utilizarei os códigos a seguir, adaptados de Dino Preti (2005), com seus respectivos sentidos nas transcrições:

( )	Incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu
/	truncamento
Maiúscula	Entonação enfática
::	Prolongamento de vogal ou consoante (como s,r)
-	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa
((minúscula))	Comentários descritivos
----	Comentários que quebram a sequência temática.
(...)	Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto, não no seu início.
“ ”	Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.

---

<sup>1</sup> Disponível em: PRETI, Dino (org.). O Discurso oral culto: Projetos paralelos – NURC/SP (Núcleo USP). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, p.19.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>1 GÊNEROS, LETRAMENTO CRÍTICO E LÍNGUA: ALGUMAS</b>	
<b>QUESTÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>22</b>
1.1 Concepção de Língua/linguagem a partir de Bakhtin/Volochinov.....	22
1.2 Reflexões sobre a Língua: ocultamento do feminino e Currículo Oculto.....	28
1.3 O Local e o Global: refletindo sobre Gêneros na contemporaneidade.....	31
1.4 Letramento Crítico: refletindo sobre Gêneros nas aulas de Língua Inglesado Ensino Médio.....	34
<b>2 LINGUÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA: GÊNEROS NA SALA DE</b>	
<b>AULA.....</b>	<b>40</b>
2.1 Linguística Aplicada na contemporaneidade: refletindo sobre Gêneros nas aulas de Língua Inglesa.....	40
2.2 Contribuindo com a reflexão sobre Gêneros: um fazer metodológico na perspectiva da Pesquisa Qualitativa.....	45
2.3 O processo da pesquisa.....	50
<b>3 DISCURSOS QUE NOS CONSTITUEM: INTERPRETAÇÃO/ANÁLISE DAS</b>	
<b>PRODUÇÕES ORAIS E ESCRITAS.....</b>	<b>58</b>
3.1 Discursos que nos constituem: refletindo sobre Gêneros nas tirinhas e quadrinhos produzidos por meninos e meninas, discentes do Ensino Médio .....	58
3.2 O poder da palavra: Letramento Crítico na aula de Língua Inglesa.....	69
3.3 Responsividade e interação: conversando sobre Gêneros em duas Línguas.....	74
3.4 Se eu fosse um garoto...: reflexões e refrações a respeito das diferenças de Gêneros.....	80
3.5 Gêneros: do ponto de vista biológico ao social.....	84

<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>121</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesse trabalho são feitas algumas reflexões acerca do tema Gêneros, como construções sociais, a partir das produções textuais – orais e escritas – da turma participante da pesquisa na qual atuei como professora-pesquisadora. Essas observações têm como base o estudo sobre Letramento Crítico, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio.

Percebi a importância de pesquisar temas como Gêneros em um Seminário sobre Formação de Professores, Diversidades e Injustiça Social ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPGLL – da Universidade Federal de Alagoas em 2012, quando era aluna especial. Foi a partir da realização de uma aula de Língua Inglesa com o tema Gêneros nas minhas turmas naquele ano que pude compreender que a Língua Estrangeira que eu ensinava poderia se tornar Língua Adicional<sup>1</sup>, tanto para mim quanto para as/os estudantes. Em 2013 fiz um curso de aperfeiçoamento em *Gêneros e Diversidades na Escola*. Esse curso proporcionou reflexões sobre as diferenças de Gêneros na sociedade, que são reproduzidas ou desconstruídas nas Escolas, Universidades e Institutos de Educação.

A escolha do tema Gêneros nessa dissertação justifica-se, também, pelo fato de trabalhar em uma instituição de ensino onde cursos técnicos são oferecidos concomitantemente ao Ensino Médio e por ouvir de algumas alunas que ali circulavam discursos que determinavam quais eram os lugares de homens e mulheres. Discursos que faziam com que elas se sentissem discriminadas dentro de determinados cursos, pensados para homens.

Essa pesquisa, portanto, tem como objetivo geral refletir sobre como o tema Gêneros circula em nossos discursos e de que forma podemos trazê-lo para as aulas de Língua Inglesa. Para aprofundar a investigação, apresento os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como se dá o Letramento Crítico nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio;
- Refletir sobre o lugar das diferenças de Gêneros nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio;

---

<sup>1</sup> Diferenças entre Língua Estrangeira e Língua Adicional são explicadas no primeiro capítulo.

- Identificar eventos de letramento que contribuam para um aprofundamento processual da compreensão sobre as diferenças de Gêneros.
- Analisar as produções linguístico-discursivas e linguístico-imagéticas da turma participante, observando como circulam as diferenças de Gêneros nas aulas de Língua Inglesa.

A pesquisa foi realizada em uma das minhas turmas de segundo ano do Ensino Médio integrado do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, campus Maceió. Local onde sou servidora efetiva há cinco anos. Antes de ser Instituto Federal de Alagoas, o IFAL já foi Escola de Aprendizagem e Artífices, Escola Técnica de Alagoas – ETFAL e Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET. Contando-se essas mudanças de nomes, a rede federal de educação técnica e tecnológica em Alagoas tem mais de cem anos. O IFAL foi criado por meio da Lei nº 11.892/2008, que estabeleceu a implantação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Os cursos ofertados no campus Maceió, local da realização dessa pesquisa, são: Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica, Química, Mecânica e Estradas. Muitas/os de nossas/os alunas/os foram atraídas/os pelos cursos que lhes possibilitariam uma profissão concomitantemente à conclusão do Ensino Médio, mas há aquelas pessoas que ali estão porque buscam um ensino de qualidade e veem na Formação Geral – Ciências Sociais, Biológicas, Exatas, Linguagens e Códigos – uma possibilidade de ascensão para a Universidade.

O Instituto oferece cursos de nível Médio e Superior. Para os primeiros são oferecidos cursos integrados, nos quais estudantes fazem disciplinas do Ensino Médio e disciplinas profissionalizantes de forma simultânea. Há também os cursos subsequentes para aquelas pessoas que terminaram o Ensino Médio e pretendem estudar apenas a parte técnica. Para os cursos de nível superior são oferecidos alguns de bacharelado como Sistemas de Informação e Engenharia Civil, de licenciatura como Letras/português, Biologia e Matemática e há também os Tecnológicos com duração de dois anos. Além dos cursos presenciais, o IFAL também oferece, através da Universidade Aberta do Brasil, utilizando a plataforma Moodle, cursos superiores à Distância tanto de licenciaturas quanto de bacharelados.

O campus Maceió se diferencia de outras escolas públicas por dar melhores condições para efetivação dos estudos investigativos, pois não encontrei resistência por parte da Direção de Ensino ou Coordenação de Linguagens e Códigos, onde sou lotada. As/os estudantes também são, de forma geral, muito participativas/os. Tanto para nossas aulas, quanto para

pesquisa que realizei. Além do apoio das pessoas que fazem a instituição, o campus oferece equipamentos eletrônicos, como data show e computador e uma gráfica, onde materiais impressos podem ser fotocopiados.

Quanto ao espaço físico, por causa de uma reforma que o campus Maceió passa desde 2013, o local nos apresentou alguns obstáculos que dificultaram de certa forma algumas etapas do processo da pesquisa, como a compreensão de algumas falas durante nossa interação nas aulas, por exemplo. Alguns contratempos: a sala onde realizamos a pesquisa tinha que ficar de portas abertas por conta do calor. Isso aumentava o barulho externo causado pela obra. Em muitos momentos tivemos que falar mais alto para que pudéssemos compreender as reflexões feitas por cada participante da pesquisa. As transcrições também se tornaram mais desafiadoras por conta desses contratempos.

Ao iniciar o ano letivo de 2013, convidei cada uma das minhas turmas a participar da pesquisa, disse-lhes que a partir do consentimento da turma estudaríamos temas com Gêneros e Diversidades nas aulas de Língua Inglesa, refletindo sobre o Letramento Crítico em nossas aulas. Disse-lhes também que usaria suas produções orais e escritas para as análises/interpretações que faria em minha Dissertação. Duas turmas se mostraram interessadas, uma do curso de Informática e outra do curso de Eletrotécnica.

Logo no início das aulas, percebi que a turma de Informática não estava à vontade para participar, algumas pessoas se ausentaram das aulas e deixaram de fazer as atividades propostas. Foi quando decidi realizar a pesquisa com a outra turma, a de Eletrotécnica.

A turma participante tinha aulas de Língua Inglesa na sexta-feira de 16h40min às 18h20min. Quem ministra aulas nesse dia e horário sabe o quanto é desafiador ter a maioria da turma presente nesse horário. Embora não tenha tido problemas com a frequência da turma, algumas pessoas precisavam sair mais cedo da aula ou porque moravam no interior e precisavam pegar o transporte oferecido pelo município de origem ou porque o aluno – houve apenas um estudante – era adventista e tinha que se retirar da sala no máximo às 17h, antes do por do sol.

A turma era composta por 35 estudantes matriculados, mas entre trancamentos de matrículas e desistências ficaram apenas 23 sendo 11 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Entre elas/eles me chamou atenção uma aluna, que dizia não saber inglês, mas que ao participar da pesquisa foi uma das pessoas que mais contribuiu com suas reflexões sobre o

tema trabalhado; e um aluno que embora dissesse algo em nossos momentos presenciais, se contradizia em suas produções escritas, tanto em seus textos quanto nas participações em um grupo criado em uma rede social.

É importante mencionar que no campus onde a pesquisa foi realizada a disciplina de Língua Inglesa não é ofertada no primeiro ano. Sendo assim, muitas/os reclamam “não saber nada em inglês.” Como em toda turma, as pessoas participantes da pesquisa tinham envolvimento diferentes com a Língua. Enquanto algumas diziam desconhecer o idioma, outras consideravam saber o básico, e outras diziam ter nível intermediário.

Algumas pessoas são letradas tecnologicamente, outras socialmente, outras linguisticamente, no sentido estrutural e outras no sentido reflexivo, problematizador, crítico. O que posso afirmar até aqui é que todas as pessoas participantes da pesquisa são letradas tanto em sua Língua Materna quanto em relação à Língua Adicional.

Quanto a minha participação, creio que de certa forma, como educadora, tenho sido professora-pesquisadora toda vez que insatisfeita com a minha prática, com a participação das/dos discentes em aula ou com o próprio processo de Ensino-Aprendizagem tenho buscado refletir e agir para que o processo se dê de forma mais plausível, unindo de certa forma teoria e prática. No processo da pesquisa me via como *pesquisadora-professora*, pois foi a pesquisadora em mim que, sendo também educadora, pesquisou, refletiu, dialogou, propôs e deu encaminhamento de ações de mudanças para a própria prática docente.

O presente estudo foi realizado sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, que segundo Chizzotti (2003) é a pesquisa presente em várias áreas do conhecimento, que adota vários métodos de investigação para “o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221). Dentro da pesquisa qualitativa há algumas metodologias de pesquisa que auxiliam pesquisadores em seu processo de investigação, tais como a pesquisa-ação, o estudo de caso, a pesquisa narrativa, pesquisa avaliativa, estudo de corpus, análise etnográfica, análise sócio retórica, entre outras. Minha pesquisa dialogou com aspectos metodológicos tanto da pesquisa-ação quanto do estudo de caso, não se encaixando totalmente nem em uma nem em outra, o que é compreensível dentro da área de Linguística Aplicada, pois a LA permite-nos o diálogo e o percurso transfronteiras. Foi nesse diálogo e na tentativa de seguir os cânones que pedem uma nomenclatura que descreva, de certa forma, o percurso metodológico da pesquisa que percebi que meu trabalho

dialoga em conformidade com Araújo (2011) quando dá ao seu fazer metodológico o nome de *estudo de caso com intervenção*. Segundo Araújo (2011, p. 52), o estudo de caso com intervenção prioriza uma situação específica, se assemelha à pesquisa-ação “porque propõe uma ação através de intervenções”, provocando alguma mudança no contexto observado.

Essa pesquisa, intitulada *Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramentos* buscou refletir questões de Gêneros nas aulas de Língua Adicional. Ao pesquisar tal tema para enriquecer o aparato teórico aqui apresentado, percebi que parece não haver muitos estudos nessa vertente: Gêneros e ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Daí a importância de enfatizar a possível contribuição que esse trabalho poderá dar a pesquisas futuras nessa mesma linha.

Ao iniciar esse trabalho sobre Gêneros, pesquisei para saber o que já fora produzido nesse sentido, então busquei dissertações, teses, publicações online e livros impressos e surpreendi-me ao ver que dos estudos linguísticos sobre gêneros publicados aqui no Brasil poucos foram realizados sob a ótica da Linguística Aplicada, quando se trata de Gêneros nas aulas de Língua Inglesa essa busca pode se tornar mais frustrante. Isso é curioso, pois uma Linguística Aplicada crítica, contemporânea precisa estar atenta para questões como essa, que fazem parte das relações sociais e estão muito presentes – explícita ou ocultamente – nas interações em sala de aula e nos demais espaços da Escola.

É importante lembrar que a obra *Language and Woman's place*, de Robin Lakoff, publicada em 1975 é o marco inicial dos estudos sobre linguagem e gênero social, como nos lembra Ostermann e Fontana (2010). Essa obra pioneira analisa os estilos conversacionais de interação de homens e mulheres. Como era de se esperar à época, o livro foi contestado por uns e elogiado por outros.

Em um contexto Global, pensado como aquele que ultrapassa as fronteiras da localidade, linguagem e gênero social tem sido já há algum tempo um tema estudado sob uma ótica linguístico-discursiva. No Brasil esse estudo é mais recente e tem se concentrado em áreas como a Literatura e a Educação. Estudos na área de Linguística Aplicada sobre diferenças de gêneros, mais especificamente em relação ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, ainda são tímidos.

Essa dissertação de mestrado traz reflexões acerca das identidades de gêneros na sociedade, como essas identidades são construídas através das linguagens e como o ensino de Línguas numa perspectiva do Letramento Crítico pode e deve trazer esse tema para discussão.

Pensando em Gêneros em conformidade com Butler (1990), como performatividade social e sabendo que isso se materializa na linguagem, nos discursos, creio ser importante pesquisar como as concepções de gêneros circulam, sobretudo nas relações que se dão na escola. O que se diz sobre homens e mulheres também constitui suas identidades. Muitas vezes os discursos precisam ser repensados, problematizados para que percebamos que relações de Gêneros estamos construindo.

Outra justificativa para meu interesse em estudar Gêneros em uma perspectiva linguístico-discursiva é um momento em sala de aula. Conversando com uma turma de Ensino Médio integrado ao curso técnico de Mecânica sobre questões de Gêneros, depois de termos lido um texto intitulado *Are girls smarter than boys*<sup>2</sup> uma estudante desabafou que um professor de seu curso costumava dizer nas suas aulas que o curso de Mecânica não era para mulheres, que elas tinham dificuldades em cálculo e que o curso seria pesado para elas. Típico discurso machista que defende a fragilidade e vulnerabilidade feminina em detrimento à fortaleza e invencibilidade masculina.

Esse tipo de discurso tem se disseminado em nossa sociedade, nos mais diversos lugares: em casa, nas ruas, na igreja, na escola, no trabalho, nos consultórios e até mesmo nas faculdades e nos textos de pesquisadores de Gêneros. O texto de Lakoff<sup>3</sup>, publicado em 1975, que inaugurou os estudos de Gênero e linguagem traz em suas “sugestões e conclusões” algo, no mínimo, curioso. A autora fez um estudo sobre como meninos e meninas falam e mostra que ao transgredir essa regra eles e elas eram vistos de forma negativa. Às meninas, por exemplo, eram vedados os palavrões e a exaltação no tom de voz. Aos meninos, era desaconselhável falar com delicadeza ou usando diminutivos. Então a autora, em sua conclusão, aconselha os professores de segundas línguas a ficarem atentos ao tipo de linguagem que estão ensinando e diz que se uma professora, inconscientemente, ensina uma “linguagem de mulher” para seus alunos homens, estes poderão ter dificuldades quando tentarem interagir em outro país, se uma antropóloga aprende uma linguagem de homem de

---

<sup>2</sup> Meninas são mais espertas que os meninos?

<sup>3</sup> Traduzido por Ostermann e Fontana e publicado no Brasil em 2010.

determinada região, talvez não consiga ir a lugar algum com sua pesquisa porque vai parecer não feminina aos olhos dos habitantes do contexto pesquisado, deixando-os em dúvida sobre como agir com ela (OSTERMANN & FONTANA, 2010, p. 30).

Na verdade esse estudo, apesar de sua contribuição e pioneirismo nos estudos da Linguística sobre Gêneros, acaba enfatizando as diferenças e incitando sua perpetuação. “Homem tem que falar como homem e mulher como mulher”. Poderíamos levar em conta o ano em que a obra fora publicada e dizer que somente naquela época esse tipo de debate fazia sentido, mas hoje não é diferente. Em uma aula sobre o Discurso de Martin Luther King Jr, conversávamos sobre as diversidades, diferenças, luta por uma igualdade que respeite essas diferenças quando uma aluna disse que lembrara de um vídeo<sup>4</sup> sobre as diferenças entre meninas e meninos. Como temos um grupo no *facebook*, pedi que postasse lá. No vídeo, uma mulher pesquisadora pede que homens e mulheres, individualmente, executem ações “like a girl”<sup>5</sup>. Tanto eles quanto elas agiram de forma caricata ao imitar meninas. Ao final cada participante é levado a refletir sobre o significado dado a “como uma menina” e todos chegam à conclusão que pode soar como insulto, pois foi esse sentido que deram ao executar as ações pedidas e é esse sentido que “como uma menina” ganhou com o passar do tempo.

Fazer algo como uma menina continua sendo, na contemporaneidade, algo marcado como inferior, frágil, desengonçado e sem precisão. Mas como nós, docentes, podemos ensinar e aprender a desconstruir esses sentidos? É aí que entra o Letramento Crítico. É através dele que podemos refletir sobre a importância do outro em nossas relações.

Outro ponto que chamo atenção nessa introdução é que, por ser pesquisadora de Gêneros, tento, quando possível, transgredir a imposição de nossa Gramática normativa que diz que o masculino é o gênero universal para se referir a homens e mulheres. Uso, no decorrer desse trabalho, artigos, pronomes e substantivos que se referem ao feminino e ao masculino. Na maioria das vezes o feminino vem primeiro. O objetivo não é sobrepor um Gênero a outro, mas propor também, através da leitura desse trabalho, reflexões a respeito das questões de Gêneros e sobre como a Língua, por muito tempo, reproduziu o machismo, sem que a questionássemos.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.videosvirais.com.br/essas-meninas-provaram-que-fazer-as-coisas-como-uma-menina-nao-e-motivo-de-vergonha>

<sup>5</sup> Como uma menina

Devo admitir não ser uma tarefa fácil, pois a sociedade ao cristalizar na Língua a imposição linguística do masculino fez com que nos habituássemos a uma forma de ler e escrever que oculta o feminino e coloca o masculino como regra geral. Compreendo também que ao usar artigos indicadores de feminino e masculino antes de algumas palavras não conseguimos sanar os problemas de Gênero, pois a discussão talvez esteja bem mais avançada: há pessoas que não se enquadram nem no masculino, nem no feminino. Mas meu objetivo aqui nesse trabalho não é o de resolver problemas, mas o de problematizar algo que localmente ainda precisa ser discutido: questões de Gêneros.

No primeiro capítulo, que é dedicado à fundamentação teórica, discuto sobre concepção de Língua/linguagem em consonância com Bakhtin/Voloshinov. Faço uma breve discussão sobre Língua Estrangeira e Língua Adicional e reflito sobre o ocultamento do feminino na Língua e sobre as diferenças de Gêneros, trazendo questões como o Local e o Global na contemporaneidade. Em outro tópico desse capítulo discuto sobre o Letramento Crítico, refletindo sobre Gêneros nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio.

No segundo capítulo, trago uma breve discussão sobre a Linguística Aplicada na contemporaneidade, apresento uma contribuição em relação à reflexão sobre Gêneros e o meu fazer metodológico na perspectiva da Pesquisa Qualitativa e contextualizo o processo da pesquisa.

No terceiro capítulo, analiso/interpreto as produções orais, escritas e visuais das/os estudantes participantes da pesquisa. No tópico *Discursos que nos constituem: refletindo sobre Gêneros nas tirinhas e quadrinhos produzidos por meninos e meninas, discentes do Ensino Médio* apresento quatro produções e dialogo com Bakhtin (1990), Freire (1995), Kress (2006) e Butler (1990). Em *O poder da palavra: Letramento Crítico na aula de Língua Inglesa* são analisadas quatro produções textuais da turma participante em conformidade com Bakhtin (1990), Freire (1995) e Cervetti, Pardales e Damico (2011). No tópico *Responsividade e dialogismo: conversando sobre Gêneros em duas Línguas*, trago a transcrição de alguns trechos da nossa primeira aula e dialogo com Zozzoli (2012), Bakhtin (1990, 2006) e Motta (2008). Em *Se eu fosse um garoto...: reflexões e refrações a respeito das diferenças de Gêneros*, trago as respostas escritas da turma participante na aula em que estudamos a letra da música *If I were a boy*, dialogando com Bakhtin (1990) e Louro (2010). O último tópico desse capítulo: *Gêneros: do ponto de vista biológico ao social, numa perspectiva local e*

*global* mostra como alguns discursos mudaram, depois da turma ter estudado tal tema nas aulas de Língua Inglesa.

Na conclusão desse trabalho, respondo às perguntas de pesquisa apresentadas no capítulo metodológico, faço reflexões a respeito das mudanças geradas a partir dessa pesquisa e apresento alguns encaminhamentos para aquelas pessoas que se interessem em pesquisar o tema Gêneros em suas salas de aula.

## 1 GÊNEROS, LETRAMENTO CRÍTICO E LÍNGUA: ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS

Nesse capítulo, descrevo minhas concepções teóricas acerca da Língua, dos Gêneros, do local e global e do Letramento Crítico. Para isso, dividi esse primeiro capítulo em quatro subcapítulos. No primeiro subcapítulo faço uma breve discussão sobre concepção de Língua/linguagem e reflito sobre os termos Língua Estrangeira e Língua Adicional. No Segundo, trago reflexões sobre o currículo oculto e sobre o ocultamento do feminino na Língua, já no terceiro, discuto sobre o local e o global na contemporaneidade. No quarto subcapítulo, dando continuidade à discussão, apresento o Letramento Crítico como ponte para reflexão sobre as questões de Gêneros.

### 1.1 – Concepção de Língua/linguagem a partir de Bakhtin/Volochinov.

Como diz o compositor Lulu Santos em *Tempos Modernos*: “Hoje o tempo voa, amor. Escorre pelas mãos, mesmo sem se sentir.” Assim como o tempo, as relações pessoais inscritas na Língua<sup>6</sup> – oral e escrita – também são fluidas, líquidas. Concepções de Língua e linguagem também não são cristalizadas. Muitas mudam de acordo com o tempo, com a sociedade em que se vive ou até com experiências pessoais de estudo da Língua. Dessa forma é importante que nos perguntemos<sup>7</sup> sobre qual é nossa concepção de Língua e se nossa prática em sala de aula está coerente com tal concepção.

É relevante lembrar que as concepções de Língua que trazemos em nossos<sup>8</sup> discursos e ações em sala de aula são, na maioria das vezes, respostas – concordâncias ou divergências – às concepções de alguns linguistas e filósofos da linguagem que se tornaram imprescindíveis devido à contribuição que têm dado à Linguística de forma geral.

---

<sup>6</sup> Escrevo com inicial maiúscula para diferenciar língua (parte do corpo) de Língua (área de conhecimento). Para dar ênfase e valor a esse poderoso ato social que temos para pensar o mundo e propor mudanças.

<sup>7</sup> Refiro-me a nós, professoras e professores.

<sup>8</sup> Nessa Dissertação, utilizo a primeira pessoa do singular quando quero fazer referência à minha participação como professora-pesquisadora. Ao utilizar a primeira do plural, incluo-me no discurso que envolve ora as/os estudantes, ora outras/outros profissionais da educação.

Mas o que é Língua? Ela está dissociada da fala? Alguns linguistas acreditam que sim. Essa concepção de dissociabilidade entre língua e fala vem da dicotomia saussuriana “Langue” e “Parole”. Saussure, responsável por dar o status de ciência à Linguística, dizia que a linguagem é uma moeda de duas faces: a Língua e a fala, que a primeira era social e a segunda individual. Por querer fazer um estudo sincrônico, fez um recorte e escolheu a Língua como objeto de estudo. Embora Saussure reconheça o papel social da Língua, o termo social é compreendido como coletivo. Adepto do objetivismo abstrato, como diz Bakhtin (1990, p. 84), Saussure vê a Língua como um sistema de normas imutáveis.

Para Bakhtin, filósofo da linguagem, essa divisão não é considerada. Língua é diálogo, e esse diálogo<sup>9</sup> se dá na oralidade, na escrita, na resposta, no silêncio. A noção de individual em Bakhtin também é ressignificada – assim como a noção de Língua e fala – pois não existe algo individual, o que produz o que outros já disseram, minha voz é permeada por outras vozes, a Língua é o reflexo de uma ou de várias ideologias subjacentes. A Língua é sempre dialógica para Bakhtin. Para ele individual e coletivo estão juntos, pois todo signo é social por natureza (BAKHTIN, 1990, p. 58). Falar em dialogismo em Bakhtin não é ocultar questões de autoria, pois esse mesmo autor fala em outras obras sobre as questões de responsividade e responsabilidade. Bakhtin (1990, p. 90) levanta a reflexão de que é na consciência individual que a Língua se apresenta como sistema de normas rígidas e imutáveis e critica a visão saussuriana afirmando que se lançarmos sobre a Língua um olhar verdadeiramente objetivo, não perceberemos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, perceberemos a “evolução ininterrupta das normas da língua”. Assim critica o recorte sincrônico de Saussure, dizendo que para quem observa a Língua, um sistema sincrônico é ficção, pois a Língua para o falante está em evolução ininterrupta.

Pensando em como Saussure e Bakhtin compreendem a Língua e com qual deles concordamos ou não, podemos compreender qual nossa concepção de Língua e até que ponto nossas aulas são coerentes com tal concepção. Se dizemos, por exemplo, que concordamos com a visão bakhtiniana, o mais coerente seria ensinar a Língua – Materna ou Adicional – como algo que é construído socialmente, por mim e pelo outro, com nossas ideologias e não ensiná-la como uma lista de palavras ou de regras a serem memorizadas.

---

<sup>9</sup>Interpretação que faço depois de ter lido alguns textos de Bakhtin.

Bakhtin(1990, p. 91) reconhece a normatização da língua, mas não se prende a isso. Então faz críticas a Saussure: “Dizer que a língua, como sistema de normas imutáveis e incontestáveis, possui uma existência objetiva é cometer um grave erro”. Aqui Bakhtin critica a imutabilidade da línguatrazida por Saussure, que defendia que a língua é uma convenção e que os indivíduos não teriam nenhum poder sobre ela para fazer qualquer modificação. E criticando a forma pela forma diz que:

O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. (BAKHTIN, 1990, p. 92-93)

Assim Bakhtin faz uma oposição entre Língua como sinal e Língua como signo. Para ele, Língua como forma é pura sinalidade e não chega a ser signo, pois Bakhtin compreende signo como ideológico por natureza. Fazendo uma distinção entre decodificar e descodificar, atributos que dá ao sinal e ao signo respectivamente, afirma que “o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular” (BAKHTIN, 1990, p. 93).

E discorrendo sobre a divergência entre signo e sinal, afirma que a pura sinalidade não existe, nem mesmo na infância, no processo de aquisição de linguagem, pois até mesmo naquele momento a forma era orientada por um contexto, tornando-se assim signo.

Ainda sobre a questão signo e sinal, Bakhtin (1990, p. 94) dá como exemplo o processo de assimilação de uma Língua Estrangeira, dizendo que nesse processo a Língua é sinal quando ainda não foi assimilada, reconhecida. Mas passa a ser signo quando se torna reconhecida pela compreensão, dentro de um contexto. É importante lembrar que Bakhtin discute a noção de Língua Estrangeira a partir das Línguas mortas – grego e latim – para criticar os estudos filológicos. Assim abre espaço para a Língua em uso, com contextos que são permeados por ideologias. A forma linguística, segundo Bakhtin, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Sobre a ideologia presente na palavra, Bakhtin diz que

na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de

um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1990, p. 95).

Com tais palavras, Bakhtin nos faz refletir sobre a ideologia presente naquilo que falamos ou escutamos e sobre a nossa reação – respostas – a essas palavras, que se acontecem é porque são signos e não sinais para nós. Na verdade, do ponto de vista bakhtiniano, o sinal não existe realmente. A Língua é um processo dialógico etraz consigo uma atitude responsiva ativa. Ela é o “reflexo das relações sociais estáveis dos falantes” (BAKHTIN, 1990, p. 147). A Língua sempre traz consigo a oportunidade de resposta.

Bakhtin (1990) também discute sobre a palavra estrangeira e a palavra nativa. Diz que a “palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira” (1990, p. 100). Enquanto “a palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política” (1990, p.101). Estrangeira aqui é sinônima de língua estranha, que não é familiar, objeto apenas de descrição. Ele também critica o fato da filosofia da linguagem e da linguística até então não ter se conscientizado do imenso papel ideológico da palavra estrangeira. Na verdade, Bakhtin levanta sempre a questão da ideologia presente na palavra. Seja ela nativa ou estrangeira.

Bakhtin não traz definições diretas para Língua, fala e enunciação, mas deixa reflexões que me levam a compreender que Língua é o signo ideológico por natureza, que traz consigo convicções, história, impressões... Que a Língua é dialógica, o outro está sempre em evidência. É no diálogo com o outro que respondo, confirmando, negando ou até mesmo silenciando. O sentido de “diálogo” também é ressignificado a partir de Bakhtin. Ele – o diálogo – não precisa acontecer face a face. Muitas vezes esse diálogo se dá na leitura de textos escritos há vários anos. Meu posicionamento como interlocutor é que dará a resposta aquilo que leio, escuto. Compreendo que o que Bakhtin atribui à Língua pode ser estendido à fala, pois fala é Língua e, daí, também ideológica e dialógica. A enunciação, o que Bakhtin (1990, p. 109) chama de “produto do ato de fala”, também não pode ser compreendida como individual, pois, segundo ele, “A enunciação é de natureza social”. Poderia concluir, então, afirmando que para Bakhtin Língua, fala e enunciação não são coisas distintas, mas imbricadas umas nas outras. Isso tudo é Língua. Sendo assim, social, ideológica e dialógica.

A minha concepção de Língua está de acordo com a de Bakhtin. Acredito que dialogismo, responsividade, responsabilidade e ideologia constituem a Língua e as outras linguagens. Sendo assim, a forma como trabalhamos enquanto professoras /es de Línguas deve ser coerente com o modo como a compreendo. Aí vem outra questão: Língua Inglesa é uma Língua Estrangeira ou Adicional?

Por muito tempo docentes de Língua Inglesa no Brasil se denominavam professores de Língua Estrangeira. Nos últimos anos tenho lido textos em que a Língua Inglesa é chamada de Língua Adicional. Seriam termos sinônimos?

Encontram-se textos que falam das diferenças entre Língua Estrangeira e Segunda Língua em relação à Língua Materna, mas confesso ainda não ter encontrado textos que se dediquem a explicar o porquê da escolha da palavra Adicional em substituição à Estrangeira. Como pesquisadora venho buscando respostas para tal mudança. Será que a concepção de Ensino de Línguas está em processo de mudança e por isso a palavra – ideológica – tem acompanhado esse movimento? Parece que sim. Mas percebo que pesquisadoras/es ainda usam os dois termos – estrangeira e adicional – como palavras sinônimas<sup>10</sup>. No site da ALAB – Associação de Linguística Aplicada do Brasil, há uma nota<sup>11</sup> que diz que

A Presidente da ALAB e professora da UFRJ, Christine Nicolaidis, chamou atenção dos participantes para a importância de considerar o que *é aprender língua, que língua queremos* e, principalmente, *a quem estamos servindo* ao aprendermos uma língua. Sinalizou que o termo “língua adicional” é o termo preferido em relação à língua estrangeira. Afirmou que, para além de trabalhar as clássicas quatro habilidades, o ensino de línguas tem como objetivo o letramento crítico, a autonomia, e que o inglês como língua franca deve estar a serviço da cultura local.

É nesse ponto que gostaria de tocar: a Língua deixa de ser Estrangeira e passa a ser Adicional quando através dela desenvolvemos nosso Letramento Crítico e fazemos com que ela deixe de ser algo estranho a nós e faça parte da nossa realidade – tanto Global quanto Local.

---

<sup>10</sup> GOMES, Raquel Salcedo & LIMA, Carla B. T. de. **A língua estrangeira/adicional na educação básica e a educação integral: colaboração e convergência**. Seminário Internacional de Educação – FEEVALE, Agosto de 2012.

<sup>11</sup>Disponível em: <http://www.alab.org.br/pt/noticias/outras-noticias/126-politica-educacional-linguistica-em-construcao>.

Dizer que a Língua Inglesa, por exemplo, é uma Língua Adicional é afirmar que essa é uma Língua a mais em que posso me constituir como interlocutor. Não é negar que seja a Língua do outro, mas reconhecendo que não é a Língua Materna, percebê-la como outra Língua – nem a mais e nem a menos importante – mas outra Língua em que posso refletir, problematizar, dialogar. Quando penso em Língua Adicional lembro-me daquela distinção entre signo e sinal dada por Bakhtin e o Círculo. Eles afirmam que

O signo é decodificado; só o sinal é identificado. O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da Ideologia. (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1990, p. 93)

Essa discussão sobre signo e sinal é muito importante para que pensemos sobre a diferença entre ensinar uma Língua Estrangeira ou Adicional. Para que uma Língua Estrangeira (LE) se torne Língua Adicional (LAd)<sup>12</sup> é preciso que ela faça sentido tanto para quem aprende quanto para quem ensina. É preciso que deixe de ser sinal e passe a ser signo, que ultrapasse as barreiras da decodificação e seja veículo de Letramento e criticidade.

Ainda sobre a questão signo e sinal, Bakhtin (1990, p. 94) dá como exemplo o processo de assimilação de uma Língua estrangeira, dizendo que nesse processo a língua é sinal quando ainda não foi compreendida, reconhecida. Mas passa a ser signo quando se torna reconhecida pela compreensão, quanto tem sentido, dentro de um contexto.

Com base nessas ideias é que compreendo a Língua Estrangeira assim como Bakhtin a compreendia como sinal e entendo Língua Adicional assim como ele definira signo. Dessa forma não poderia compreender LE e LAd como termos sinônimos. Defendo que sejam momentos ou maneiras diferentes de ensinar uma Língua. Ainda sobre a diferença entre Língua Estrangeira e Língua Adicional, trago um trecho em que Bakhtin (2006), ao falar das escolhas das palavras que partem do conjunto projetado do enunciado, afirma que

Quando construímos nosso discurso, sempre trazemos de antemão o todo da nossa enunciação, na forma tanto de um determinado esquema de gênero quanto de projeto individual de discurso. Não enfiamos<sup>13</sup> as palavras, não vamos de uma palavra a outra, mas é como se

<sup>12</sup> Vou chamar Língua Adicional de LAd para não confundir com Linguística Aplicada – LA.

<sup>13</sup> Tradução de Paulo Bezerra. Na tradução de Maria Ermantina Pereira é usado o verbo “alinhar.”

completássemos com as devidas palavras a totalidade. Enfiemos as palavras apenas na primeira fase do estudo de uma língua estrangeira, e ainda assim apenas quando usamos uma orientação metodológica precária (BAKHTIN, 2006, p. 291)

Esse texto bakhtiniano mostra um momento em que a Língua outra é Estrangeira e não Adicional, quando as palavras “alinhavam-se”. Mas passa a ser Adicional quando essas mesmas palavras são reconhecidas dentro de um contexto, quando são ideológicas, quando fazem sentido. Dependendo daquilo que destaco no seu Ensino-Aprendizagem, das atividades que proponho ou da forma como quero aprender aquela Língua ela se tornará Língua Estrangeira ou Língua Adicional. Isso tem a ver com a discussão ideológica da escolha do termo mais adequado diante de como compreendo a Língua.

Uma concepção de Língua em consonância com Bakhtin leva em consideração a importância do outro na Língua, pois o outro nos proporciona um excedente de visão. A outra pessoa vê aquilo que não posso ver sozinha/o. Bakhtin (2006, p. 21) esclarece que esse excedente de visão está sempre presente em face de qualquer outra pessoa e “é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”. E esse olhar diferente, extra, faz com que nossa realidade seja uma verdade sempre parcial, pois se completa com a realidade do outro.

## **1.2 – Reflexões sobre a Língua: ocultamento do feminino e currículo oculto.**

Expressões como “O homem modificou o meio”; “todos os alunos deverão entrar na escola até às sete horas”, “os professores precisam ser reconhecidos”, entre outras se tornaram naturais aos nossos ouvidos. Dificilmente observamos na fala do outro ou na nossa própria fala esse ocultamento do feminino e quando observamos ou questionamos logo nos vem a resposta de que o masculino é a regra geral em Língua Portuguesa e que devemos compreender que os dois gêneros estão contemplados nessa generalização. Mas será que realmente somos inseridas nesse discurso que utiliza apenas um gênero como regra geral? Por que será que em Língua Inglesa, mesmo quando se tem palavras diferentes para se referir a homens e mulheres, são utilizadas as palavras que se referem ao masculino, repetindo tal generalização? Talvez a resposta já tenha sido dada por Bakhtin (1990) quando fala sobre a

ideologia na Língua. A Língua, por ser ideológica e por ser parte daquilo que somos, reflete e refrata nossas “verdades e mentiras” e esses sentidos são construídos na relação com o outro.

Assim como os sentidos, as identidades de Gêneros também são construídas nessa relação com o outro. Gênero é um assunto que tem chamado atenção de profissionais, estudiosas e estudiosos das áreas de psicologia, antropologia, filosofia, literatura e sociologia. Na Linguística os estudos são mais recentes. E foi a esse desafio que me propus nesse trabalho, pois além de estarmos inseridas ou excluídas pela Língua, é também através dela que constituímos nossas relações pessoais em relação aos Gêneros. Problematizar tal assunto nas nossas aulas, independente da disciplina com a qual trabalhamos, é uma forma de dar espaço às discussões inseridas num processo de Letramento Crítico.

Assim como Freire (2003), acredito que para formarmos seres de direitos, críticos, precisamos de processos educativos que reconheçam as diferenças, que aceitem a heterogeneidade, que deem vez e voz a todas/os. É inserindo o outro nesse processo que podemos chegar a uma sociedade mais justa e de fato democrática. Acreditando que a língua nos faz seres sociais e que através dela podemos conhecer quem somos, mas também quem são os outros, não poderia, sendo docente de Língua Inglesa, ocultar os implícitos que perpetuam as diferenças que excluem.

As práticas escolares por muito tempo evidenciaram a construção de diferenças e as desigualdades de gênero no cotidiano escolar. Louro (2003), refletindo a respeito da instituição escolar, diz que esta se “incumbiu de separar os sujeitos tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso”. Além dessa segregação, a escola também dividiu, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2003, P. 57). Na escola ainda há uma prática de homogeneização, de tornar igual. De uma forma geral as pessoas são colocadas em turmas por faixa etária e espera-se que todas as pessoas se comportem, aprendam e pensem da mesma forma. Hoje a escola, assim como a sociedade, vem sofrendo mudanças. A consciência de que somos pessoas diferentes em vários aspectos está se tornando mais presente tanto no nosso discurso quanto nas nossas ações. Vivemos e convivemos com as várias identidades: religiosa, de Gênero, étnica, cultural, política entre outras. Essas identidades são construídas e

desconstruídas a partir da relação com o outro, com aquilo que aprendemos a ser de forma explícita ou velada – currículo oculto.

O currículo oculto – aquilo que se ensina de forma implícita através de nossos discursos e ações – está presente nos mais diversos espaços sociais. Aqui iremos nos deter à Escola, esta que tem como espaço protagonista a sala de aula, mas que é formada por cada espaço habitado por pessoas, mesmo que esta estadia seja passageira. Lugares como pátio, playground, corredores, cantina, refeitório, entre tantos outros são ambientes propícios, também, para vermos o currículo oculto circulando.

Se observarmos as brincadeiras nos pátios das escolas infantis ou mesmo durante as aulas, perceberemos que muitas delas expressam e fabricam meninas e meninos para atenderem a uma sociedade de modelo dominante, validando o estereótipo masculino, branco, cristão, heterossexual e de classe social média. Modelo esse já descrito por Grosfoguel (2007). No Ensino Fundamental e Médio também é possível perceber a delimitação de espaços e territórios para meninos, e a negação desses mesmos espaços para as meninas, constituindo-se as relações de poder na hierarquia de gênero. Dessa forma, às meninas são dados espaços mínimos para as conversas em duplas ou trios, passeios e os cuidados. Esses mecanismos evidenciam o dito no não dito, o currículo oculto, e instituem e preparam mulheres para posições inferiores de desigualdade social na divisão sexual do trabalho e a manutenção no espaço privado. Enquanto aos homens, a partir dessa constituição desigual, serão atribuídas as altas posições sociais no espaço público.

A linguagem, por sua vez, institui e demarca posições de gênero diante da omissão do feminino, o alto volume da voz do menino, a nomeação de espaços que ocultam o feminino, a gramática da língua portuguesa que valida e legitima a desigualdade quando não utiliza a forma feminina em sua linguagem; abstraindo da mulher o papel de participante e interlocutora. Assim, de acordo com Louro (2003) precisamos estar atentas/os às múltiplas formas de constituição dos sujeitos<sup>14</sup> implicadas na concepção, organização e no fazer escolar. É preciso perceber que a Escola não se restringe à sala de aula, mas é composta também pelos corredores, paredes, ambientes administrativos. Esses espaços ganham sentido a partir das inscrições, falas, gestos e silenciamentos das pessoas que constituem o espaço escolar. Lima (2010) pensando sobre a Língua nos diz que a realidade é discursivamente construída e por esse motivo poderá ser desconstruída e reconstruída também.

---

<sup>14</sup> Termo usado por Louro (2003, p. 59)

Desocultar o currículo oculto é o papel de educadoras e educadores que refletem, problematizam para desestabilizar essa realidade binária que invalida a mulher nas instâncias e práticas sociais. Isso tem a ver com Letramento Crítico. É preciso convidar nossas/os estudantes a pensar criticamente sobre tais questões e também, como agentes de letramentos, pensarmos junto. A criticidade é uma maneira de extrapolarmos os sentidos dados, construídos e reproduzidos, é ir além da decodificação de textos ou buscas por compreender a intenção de um autor. Ser crítico é se posicionar, é fazer parte do mundo e não apenas passar por ele. Mas, além disso, buscar o Letramento Crítico em nossas aulas é assumir um posicionamento político e abrir-se para escuta do outro.

### **1.3 – O Local e o Global: refletindo sobre Gêneros na contemporaneidade.**

Muitas vezes quando citava o título do meu trabalho as pessoas davam à palavra “Gênero” a conotação de gêneros textuais ou do discurso. Só depois de contextualizar é que elas entendiam que sentido tal termo teria nessa pesquisa. Tal confusão não é de se surpreender, pois como Louro (2010) nos chama atenção, a palavra Gênero em um dos dicionários mais conhecidos por nós aqui no Brasil – Aurélio – traz vários significados, tais como:

s.m. Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes: o lobo é uma espécie do gênero "canis"; todas as espécies de roseiras são agrupadas no gênero "rosa". / Maneira de ser ou de fazer: é esse o seu gênero de vestir-se. // Gênero literário, variedade da obra literária, segundo o assunto e a maneira de tratá-lo, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático. // Gênero humano, a espécie humana. // Gênero de vida, modo de viver, de proceder. (Disponível em: [www.dicionariodoaurelio.com/genero](http://www.dicionariodoaurelio.com/genero). Acesso em 12 de fevereiro de 2014).

Podemos observar que são dados muitos sentidos para a palavra gênero, mas omite-se o sentido dado a esse termo depois dos estudos feministas<sup>15</sup>. Nessa perspectiva Gênero tem a conotação de papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, “performatividade”, “construção cultural de ser homem e mulher”, segundo Butler (1990).

---

<sup>15</sup> No Brasil no fim da década de 1980, embora o movimento tenha se intensificado nos anos 1970.

Pretendo, nesse capítulo, discutir brevemente sobre Gênero em consonância com Butler (1990). Quanto ao Local e ao Global a que me refiro no título desse capítulo, é no sentido de infraestrutura e superestrutura – pensadas por Bakhtin ([1929] 1990) e não no sentido dado por Pennycook (2010), onde local e global ganham conotações de polo negativo, em que o Global se sobrepõe ao Local. Stella e Tavares (2013), refletindo acerca das questões Globais e Locais em relação ao ensino de Língua Inglesa, citam Pennycook (2010), afirmando que

Em oposição ao polo negativo das relações global e local, o polo positivo coloca o ser humano e a linguagem no centro da discussão. Esse ponto de vista se caracteriza pela fluidez do global e do local, isto é, a realidade está em constante mudança, por isso os eventos estarão em contínua interação evolutiva com a mútua inter-relação entre o global e o local (STELLA e TAVARES, 2013, p. 67).

A partir dessa releitura, Stella e Tavares dizem que Local e Global nutrem-se um do outro e assim revitalizam-se. E completam: “aspectos que parecem globais de um viés se tornam locais de outro e vice-versa”. (STELLA e TAVARES, 2013, p. 67). Pensando nessa fluidez entre local e global, poderia citar uma atividade feita com minha turma participante da pesquisa, sobre a biografia de Malala.

Malala é uma jovem paquistanesa que desde criança luta pelos direitos das meninas de seu lugar poder frequentar a escola – o que só é permitido aos meninos – e que por causa disso sofreu um atentado.

O que nos parecia uma discussão Global, pois nos era mostrada outra realidade, diferente da local – de uma sociedade ocidental em que se vive, de certa forma, uma democracia – se tornava também uma discussão local, pois era de um determinado lugar, com suas especificidades de que falávamos. Nessa fluidez entre Local e Global, muitas vezes essas questões de Gêneros não são só locais, mas se tornam Globais.

É importante lembrar que as discussões sobre Gêneros ganharam visibilidade depois do Movimento Feminista, que começou a questionar o espaço da mulher na sociedade, seu direito ao voto e a ser votada. Hoje a mulher conquistou os espaços antes não preenchidos por ela, principalmente na sociedade ocidental. No Brasil, por exemplo, temos uma presidenta. Mas isso é uma realidade global? Será que a mulher é tratada por igual em todas as partes do mundo? E será que num contexto local – pensando em Alagoas, Maceió, suas periferias – a mulher é reconhecida com igualdade? E quanto às pessoas que fogem da regra da

heteronormatividade? Essas questões precisam ser pensadas em nossas aulas, sobretudo as de Línguas. Nogueira, Felipe e Teruya (2008) afirmam que

A questão de gênero a ser trabalhado na sala de aula, deve começar pelo entendimento de como esse conceito gênero ganhou contornos políticos. O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudessem explicitar comportamento de homens e mulheres, empreendendo, dessa forma, uma visão naturalista, universal e imutável do comportamento. (NOGUEIRA, FELIPE & TERUYA, 2008, p. 3)

E é essa visão biológica, imutável e determinada de Gêneros que muitas/os educadoras/es trazem para suas aulas. Dessa forma, em vez de contribuir para dissipar diferenças, elas acabam sendo justificadas. É preciso que pensemos também como os papéis sociais de gêneros foram sendo moldados nas interações sociais através da Língua.

Em um contexto Global as discussões sobre Gêneros estão avançadas, não só o masculino e o feminino são parâmetros, mas o não-gênero. A teoria Queer, por exemplo, defende a criação de crianças sem ênfase para o gênero masculino ou feminino.

Mas no nosso contexto local, não só no sentido nacional, mas estadual, o machismo ainda impera nas relações interpessoais, na Língua, nos Discursos. Daí a importância, em minha opinião, de trazer o tema Gêneros para nossas discussões, leituras, produções em Língua Inglesa.

Butler nos chama atenção para a discussão sobre Gêneros, problematizando tal dicotomia, ao enfatizar que só o feminino é visto como gênero, pois

o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. E gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros. Há somente um: o feminino, o ‘masculino’ não sendo um gênero. Pois o masculino não é o masculino, mas o geral (BUTLER, 2003, p. 42)

Dessa forma, Butler nos convida a refletir sobre como temos naturalizado entre nós o masculino como regra geral na Língua. Percebamos que ela se refere à Língua Inglesa, mas que isso cabe muito bem para a Língua portuguesa também.

O Conceito de gênero foi se formando lentamente, impulsionado pelas lutas sociais em prol da equidade de direitos nas esferas jurídicas, da educação, trabalho e saúde, entre homens e mulheres. O termo gênero foi construído como categoria de análise na segunda

metade do século XX, mais exatamente nos anos 70, graças à pressão dos movimentos feministas, com o propósito de distinguir a esfera anatômica, da esfera social do ser, tomando como base a certeza de que nascemos machos, fêmeas ou intersexo (este último corresponde a ambiguidade genital). No entanto, a significação que se dá a essas características sexuais é a de produto da construção histórico - cultural. Neste viés, o conceito de gênero é um artefato sociocultural e que segundo Foucault (1996), é produzido discursivamente por meio de relações de poder. Assim, parte-se da premissa de que não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais e nesta sequência de entendimento, a categoria de gênero não corresponde a uma dimensão a-histórica e pré-discursiva.

O termo *gênero* também tem sido usado no sentido sexual. Mas gênero e sexo são coisas diferentes. Sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero é uma construção social e histórica. Numa sociedade que se pretende pós-moderna não deveria haver espaço para desigualdades pautadas em preconceitos, sejam pautados nas questões biológicas ou sociais. As diferenças devem ser entendidas como diversidade e não como motivo para a desigualdade. Espero que possamos compreender melhor as diversidades e, sobretudo, entender a importância do outro e que essa compreensão possa refletir em nossa prática como educadores. Acredito que para formarmos leitores críticos, precisamos de processos educativos que reconheçam as diferenças, que percebam a importância do outro nas relações sociais, que deem vez e voz a todos e que é inserindo o outro nesse processo que podemos chegar a uma sociedade mais justa e de fato democrática. Mas será que as instituições família e escola estão ensinando essa importância?

#### **1.4 –Letramento Crítico: refletindo sobre Gêneros nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio.**

Nesse momento de reflexões, através da linguagem, sobre questões identitárias na contemporaneidade, compreender a importância de sermos leitoras/es críticas/os é também crucial. Assim como não há consenso em relação ao momento em que estamos vivendo – se na Modernidade, Pós-Modernidade ou entre esses dois momentos – também não há em relação a que termo usar para falar de Letramento. Autoras como Kato (1986), Kleiman (1995) e Soares (2009) preferem o termo *Letramento*; Barton e Hamilton (2003) usam o termo *Letramentos*; Lankshear e Knobel (2007) e Mattos (2011) adotam *Novos Letramentos*,

para Rojo (2012) a palavra *émultiletramentos*; já Cervetti, Pardales e Damico (2011) compreendem o termo como *Letramento Crítico*. Há ainda outros termos que são usados por diferentes autoras/es, mas nesse trabalho deter-me-ei ao Letramento Crítico, pois em consonância com Cervetti, Pardales e Damico (2011), compreendo que a leitora/or deve levar em conta o contexto das relações sociais, históricas e de poder. Além de leitoras/es somos também produtoras/es textuais<sup>16</sup>, quando damos novos sentidos aos textos, olhando-os criticamente e nos posicionando em relação a eles.

Mas para que, como educadoras/es, proporcionemos momentos de reflexão e criticidade é preciso que escolhamos atividades que sejam eventos de Letramentos. Barton e Hamilton (2003) definem eventos de Letramentos como atividades, observáveis, que concretizam as práticas de Letramentos – formas sociais e culturais de utilizar a linguagem escrita –. Segundo Barton e Hamilton (2013), nos eventos de Letramentos há textos escritos, que são lidos, discutidos, pois<sup>17</sup>

muitos eventos de letramento na vida são atividades regulares, repetidas, e estes, muitas vezes, podem ser um ponto de partida útil para a pesquisa em letramento. Alguns eventos estão ligados em sequencias de rotina e estes podem ser parte dos procedimentos formais e expectativas das instituições sociais, como locais de trabalho, escolas e agências de saúde. Alguns eventos são estruturados pelas expectativas mais informais e pressões do grupo de pares, familiares ou amigos. Os textos são uma parte crucial de eventos de letramento e o estudo do letramento é, em parte, um estudo de textos e como eles são produzidos e utilizados (BARTON & HAMILTON, 2003, p.9).

E esses textos – compreendidos nesse trabalho como discursos – são pontes nessa construção de um Letramento Crítico. Mas para que de fato eles tenham esse papel em nossas aulas de Línguas é necessário que compreendamos que um texto/discurso é algo ideológico, que tem suas “verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais,

---

<sup>16</sup> Refiro-me aos mais diversos gêneros textuais/discursivos, aqui se inclui também imagens, sons, palavra escrita, etc.

<sup>17</sup> Many literacy events in life are regular, repeated activities, and these can often be a useful starting-point for research into literacy. Some events are linked into routine sequences and these may be part of the formal procedures and expectations of social institutions like work-places, schools and welfare agencies. Some events are structured by the more informal expectations and pressures of the home or peer group. Texts are a crucial part of literacy events and the study of literacy is partly a study of texts and how they are produced and used (BARTON & HAMILTON, 2003, p.9).

agradáveis ou desagradáveis, etc” (BAKHTIN, 1990, p.95). São os sentidos ideológicos que são construídos através das nossas interações sociais que permitem o diálogo, no sentido bakhtiniano, a reflexão, a problematização.

As atividades propostas à turma participante são eventos de letramentos, pois em contato com diferentes gêneros discursivos pudemos refletir criticamente sobre questões de Gêneros na sociedade. Street (1984) traz uma reflexão a respeito dos letramentos, entendendo-os de duas maneiras: o modelo ideológico e o modelo autônomo. Segundo o autor, o modelo ideológico é aquele em que a língua escrita está presente no dia-a-dia, na vida social das pessoas, com sentidos criados a partir do contexto social. Já o modelo autônomo é aquele praticado na escola, aquele que visa à ascensão individual e que é desconectado das relações sociais.

Pensando nesses dois modelos de letramento, será que nós, professores de Línguas, estamos permitindo que os textos ganhem sentidos em nossas aulas, sobretudo nas de Língua Inglesa? Os textos que utilizamos em nossas aulas promovem o letramento autônomo ou o ideológico? Muitos de nós temos usado texto como um pretexto para trabalhar apenas a estrutura da Língua. Nossas ações docentes, como afirmam Tavares & Cavalcanti (2010), repercutem o momento histórico-cultural em que nos situamos, por isso, deveríamos, no século XXI nos preocuparmos com

Práticas de ensinar e aprender não apenas focadas em conteúdos, e suas formas estruturais, mas, e principalmente, que ressaltem a perspectiva emancipatória e constitutiva de identidades, embasada numa educação entendida como processo formador de sujeitos críticos, participativos, políticos e dinâmicos. (TAVARES & CAVALCANTI, 2010, p. 6).

Com o passar do tempo, muitas/os educadoras/es perceberam que ensinar apenas a forma, a gramática ou vocabulário de uma Língua não era coerente com aquilo que acreditavam ser o propósito emancipatório da Língua. Para que a/o aprendiz de uma Língua se liberte é preciso que ela/ele conheça a Língua como um todo e, sobretudo, que essa Língua lhe proporcione um posicionamento crítico, engajado cultural, política e socialmente.

Como professora de Língua Adicional, tenho tentado fazer parte de um processo de Ensino-Aprendizagem onde tanto os discentes quanto eu possamos nos modificar pela prática, modificando o outro. Consequentemente, sendo pessoas mais conscientes, críticas e menos preconceituosas. Compreendo a Língua como um poderoso meio de interação social que temos

para pensar o mundo e propor mudanças, pois através dela podemos nos tornar mais críticos. E entendo que ser crítico é estar em contato com o outro, aprendendo com ele, construindo novos sentidos. Concordo com Bakhtin (1990) que os sentidos trazidos pela Língua são permeados por ideologias, pois “a palavra é o signo ideológico por natureza.” Sobre a ideologia presente na palavra, Bakhtin diz que “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (BAKHTIN, 1990, p. 95). E esses sentidos criados pela palavra no diálogo entre locutor e interlocutor são ressignificados pelo outro.

Sendo assim, não poderia ignorar que a Língua, materna ou adicional, tem muito mais a nos ensinar que a sua própria estrutura. Então por que não como professora de Língua Inglesa ultrapassar as barreiras da estrutura linguística e propor leituras, reflexões, posicionamentos, Letramento Crítico?

A construção de um letramento crítico nos faz refletir sobre questões de identidade, relações de poder, cidadania, relações interculturais e tantas outras questões socialmente relevantes dentro do processo de aprendizagem de Língua Adicional. Entendo Letramento Crítico em consonância com Cervetti, Pardales & Damico<sup>18</sup>:

O Letramento Crítico envolve uma postura fundamentalmente diferente para leitura. Em essência, estudantes do letramento crítico aproximam o significado textual como um processo de construção, não exegese; aquele que imbuí sentido ao texto, em vez de extrair significado dele. Mais importante, o significado textual é compreendido no contexto das relações sociais, históricas e de poder, não apenas como o produto ou a intenção de um autor. Além disso, a leitura é um ato de vir a conhecer o mundo (assim como a palavra) e um meio de transformação social. (CERVETTI, PARDALES & DAMICO, 2011, p. 5).

No letramento crítico, ler é um ato de vir a conhecer o mundo e trazer um significado para transformação social. Essa transformação acontece à medida que refletimos a respeito das questões locais e globais que envolvem não apenas nós, mas, sobretudo, o outro. Ler é mais que extrair sentido de um texto, decodificar. O sentido de um texto é compreendido no contexto das relações sociais, históricas e de poder, não apenas como produto da intenção de

---

<sup>18</sup>Critical literacy involves a fundamentally different stance toward reading. In essence, students of critical literacy approach textual meaning making as a process of construction, not exegesis; one imbues a text with meaning rather than extracting meaning from it. More important, textual meaning is understood in the context of social, historic, and power relations, not solely as the product or intention of an author. Further, reading is an act of coming to know the world (as well as the word) and a means to social transformation.

um autor. E nós, professores de línguas, devemos ter em mente que a Língua é um importante e poderoso instrumento de reflexão e transformação social, principalmente nos dias atuais em que vivemos um momento tenso de situarmo-nos se somos modernos, pós-modernos ou se estamos naquele processo de continuidade dito por Rampton (2006). Esse processo de tensão por qual passamos está relacionado ao histórico, social, ideológico, cultural. Esse conflito também ressoa nas escolhas dos pesquisadores.

Ao escolher estudar o Letramento Crítico, delimitando o tema *Gêneros*, tinha em mente tanto as minhas experiências pessoais quanto o que ouvia de professores e de alunas em relação a esse assunto. Segundo Nogueira, Felipe e Teruya (2008), "O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudessem explicitar comportamento de homens e mulheres, empreendendo, dessa forma, uma visão naturalista, universal e imutável do comportamento". Foi a crença nesse determinismo que justificou por muito tempo tantas desigualdades e injustiças em relação às mulheres.

Sobre o desenvolvimento das relações pessoais e a prática de interação e discussão de identidades, Lopes e Tavares (2013) questionam:

que papéis deveríamos assumir como educadores, que concepções de aprendizagem construímos quando lidamos com as TIC e como nós podemos tratar todos esses contextos complexos sob uma perspectiva de globalização? (LOPES & TAVARES, 2013, p.68)

Tentando responder, mesmo que de forma parcial, a tais indagações diria que quando, na condição de docente, escolhemos trabalhar com uma perspectiva crítica do Letramento, estamos assumindo o papel de educador e educadora que veem na Língua a possibilidade de reflexão e mudança, seja nas TICs, nos textos escritos, orais ou audiovisuais.

Compreendo o Letramento Crítico como um processo pelo qual leitores ultrapassam os limites da decodificação, dão sentido ao texto e vão além dele, buscando ao seu redor<sup>19</sup> respostas, questões e reflexões que nos façam cidadãos mais críticos e ativos. Para que desenvolvamos atividades que visem ao Letramento Crítico em nossas aulas de Língua Inglesa, é preciso que tenhamos a postura de agentes de Letramentos em nossas aulas. A palavra *agente*, segundo Kleiman (2006), traz consigo os sentidos de ação, atividade, agência.

---

<sup>19</sup> Não me refiro somente ao local, mas também ao Global com esse termo.

Além disso, acrescentaria: envolvimento, posição política, autoria e motivação como características de um agente de um agente de letramentos.

Acredito que quando trazemos para reflexão em nossas aulas assuntos como Gêneros, diversidades étnicas, culturais, econômicas, relações de poder, entre tantos outros, estamos assumindo nosso papel político como agentes de Letramentos e promovendo o Letramento Crítico em nossas aulas. É preciso que tenhamos consciência de que a Ação Cultural para libertação “é um método de ação transformadora da realidade” (FREIRE, 1995, p. 149), ou seja, que incentivando as pessoas a refletirem sobre sua condição, podemos contribuir para que repensem seu lugar na sociedade.

Isso se faz necessário uma vez que a classe dominante não aceita a reflexão crítica das massas e quando, segundo Freire (1995), a sociedade entra na transição e as massas populares começam a emergir, as classes dominantes mudam de comportamento, provavelmente por se sentirem ameaçadas, mesmo não se reconhecendo como opressores.

Segundo Freire (1995) seria ingênuo acreditar que é possível conscientizar aquele que oprime, pois a conscientização dos opressores enquanto classe social que domina os ajuda a oprimir melhor. A conscientização não deve ser vista como algo milagroso nem como uma revolução por decreto, mas como um ponto de partida para que oprimido passe a pensar e agir de acordo com aquilo em que acredita. Concordo com Freire (1995) que a percepção focalista da realidade é alienante e que somente a consciência da totalidade através da práxis que a constitui é desalienadora. Essa consciência se dá de maneira dialógica.

## **2 LINGUÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA: GÊNEROS NA SALA DE AULA**

Nesse capítulo teoria e prática dialogam. Aqui são feitas reflexões sobre a Linguística Aplicada na contemporaneidade, sobre a Pesquisa Qualitativa e sobre o Estudo de Caso com Intervenção para poder situar metodologicamente meu trabalho. Nessa parte também contextualizo pessoas, lugares, tempo e tudo o que faz parte desse estudo. As perguntas que norteiam essa pesquisa são:

- Como ensinar-aprender Língua Inglesa de modo que essa Língua nos faça refletir sobre questões de Gêneros?
- De que forma o Letramento Crítico pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de Inglês?
- O que fazer para discutirmos o tema Gêneros uma vez que a maioria da turma não fala inglês?
- Quais eventos de letramentos podem nos auxiliar a desenvolver nosso Letramento Crítico em relação às questões de Gêneros?

### **2.1 – Linguística Aplicada na contemporaneidade: refletindo sobre Gêneros nas aulas de Língua Inglesa.**

A Linguística Aplicada vem sendo repensada por vários pesquisadores da área. Aquela que objetivava “resolver problemas de uso da linguagem” (MOITA LOPES, 1996), superou esse limite e caminha hoje lado a lado com as grandes questões de nossa contemporaneidade. A sociedade atual vive um dilema, entre tantos outros, que é a sua própria situação no tempo e espaço: afinal estaríamos vivendo em uma época moderna ou pós-moderna? Essa questão não afeta apenas costumes, crenças, (des)naturalizações, mas ela está, principalmente, imbricada na Língua.

Segundo Fabrício (2006, p. 45), os indivíduos contemporâneos transitam num mundo em movimento, em constante processo e crise. Vivemos em uma época de mudança geral, na

qual convivem ideias paradoxais. Essa trajetória vem sendo descrita em termos de desestabilização.

Nessa instabilidade na qual nos encontramos – ora desejando ser pós-modernos, ora reproduzindo os paradigmas da modernidade – a Linguística Aplicada deve ser, como nos diz Fabrício (2006), um espaço de desaprendizagem. Desaprenderé uma tarefa árdua para nós, pois nos habituamos a achar natural, normal determinadas falas e ações. Questioná-las seria uma forma de transgredir a naturalização que se dá. Pensemos na Língua, por exemplo. Como disse anteriormente: como é difícil transgredir uma regra que impõe o masculino como norma geral para nos referirmos às diferentes pessoas com quem ou de quem falamos. Mas não ousar linguisticamente seria uma das ideias paradoxais discutidas por Fabrício (2006) para quem se propõe a pesquisar Gêneros.

Sabemos que ideias paradoxais acompanham a Educação de uma forma geral e o Ensino de Línguas, de forma particular. Educadoras e educadores de Línguas estão – como dizem Santos e Ifa (2013, p.2) sobre o ensino de Línguas – divididos “entre o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à vida escolar do aluno e/ou a necessidade do desenvolvimento da consciência do aluno para que ele possa se posicionar criticamente nesta atual sociedade”. E mesmo quando se chega à conclusão da importância do posicionamento crítico via Língua, vêm as inquietações frente a o que realmente ensinar: se focar na gramática, vocabulário, oralidade ou leitura e escrita.

Como a linguagem opera no mundo social e hoje se discute o momento pelo qual passamos – modernidade ou pós-modernidade – é importante lembrar que um dos papéis da LA é sua prática interrogadora que está associada à enorme reorganização do pensamento e das práticas sociais correntes na contemporaneidade. Faz-se necessário lembrar também que toda ideia de reconstrução de paradigmas implica persistências e descontinuidades, pois ao longo de nossa história temos convivido com velhos e novos paradigmas, num território onde convivem várias vozes. Sendo assim é importante que a LA tenha consciência do momento por qual passamos e que compreenda que no desejo de desconstrução de paradigmas acabamos por criar outros em substituição, pois ainda estamos muito ligados à modernidade.

A Língua/linguagem deve ser entendida como atividade realizada em contextos sociais que produzem efeitos e consequências semânticas. Então há um “vínculo indissociável entre linguagem, produção de sentidos, contexto, comportamento social e atividades humanas, o que aponta para o entrelaçamento entre cultura, práticas discursivas, conhecimento e visão de

mundo” (FABRÍCIO, 2006, p. 57). E este vínculo, na Linguística Aplicada, está em movimento contínuo de autorreflexão, apostando nos descaminhos e na *desaprendizagem*, desnaturalizando sentidos e modificando a experiência da própria área de conhecimento na qual se insere, isso numa perspectiva processual.

Essa visão de processo, de continuidade também é compartilhada por Rampton (2006). Para o autor, esse processo de continuidade tem a ver com a “Modernidade Recente” (RAMPTON, 2006, p. 119). Ele diz que no ensino/aprendizagem de línguas, a Linguística Aplicada começa a parecer diferente. A Linguística Aplicada é uma área de estudo da linguagem relacionada com fluidez, marginalidade e transição e vem se preocupando não só com problemas de uso da linguagem, mas, além disso, ela se preocupa em ter consciência do momento histórico e epistemológico por qual passamos: momento de crise, desconstruções de paradigmas e de questionamentos, momento de fluidez, instabilidade, de movimento. Assim sendo, temas como questões de Gênero, diversidades e tantos outros estão vindo à tona. A LA não pretende resolver problemas, mas problematizar questões contemporâneas e levar-nos a reflexões que estejam livres do pensamento positivista de certo e errado.

A partir disso, trago uma breve reflexão sobre o que Pennycook (2006) chama de Linguística Aplicada Crítica – LAC – propondo uma LA transgressiva. A LAC, para Pennycook, não é uma disciplina, domínio ou campo fixo, mas a possibilidade de enxergar a práxis em movimento. Ele afirma que prefere compreendê-la como uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador (PENNYCOOK, 2006, p. 67).

Quando se pensa em Linguística Aplicada Crítica, problematizar é mais que acrescentar o termo “crítica” à Linguística Aplicada. A LAC se interessa por “identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou a reprodução de alteridade” (PENNYCOOK, 2006, p. 68). Tais temas estariam em conformidade com a *Virada Performativa* que dá destaque à Identidade, do ponto de vista de Gêneros. Para essa mudança em direção ao performativo tem sido o argumento de Butler (1990, p 25) fundamental para compreensão de que o gênero se mostra como performativo, ou seja, constitui a identidade que reivindica o ser: performances sociais. A performatividade possibilita um modo de pensar o uso da linguagem e da identidade que evita categorias fundacionalistas, sugerindo que as identidades são formadas na performance linguística em vez de serem pré-dadas. (PENNYCOOK, 2006, p.82).

A Língua está situada num contexto tanto local quanto global. Hoje somos interlocutores em crise, não sabemos exatamente se somos modernos ou pós-modernos. Acredito que nós passamos por cada um desses momentos na contemporaneidade. Somos modernos quando estamos ligados às grandes narrativas, segundo Lyotard (1988), quando desejamos casar, ter filhos, ter estabilidade financeira, ser feliz. Estamos ligados à modernidade também quando reproduzimos os papéis sociais esperados por homens e mulheres, quando a mulher atua somente no privado e o homem no espaço público, externo, ou mesmo quando homem e mulher trabalham fora de casa, mas os serviços domésticos cabem somente a ela. Somos modernos toda vez que nos pautamos nas diferenças biológicas para dizer qual o lugar das mulheres e dos homens em nossa sociedade e quando relutamos em compreender que há pessoas que não se enquadram em nenhum desses gêneros. Somos pós-modernos quando temos consciência da heterogeneidade, das nossas diferenças que causam as diversidades e quando tentamos ir além das grandes narrativas, seja como aquelas/aqueles que transgridem, seja como as/os que respeitam as transgressões. Caminhamos pela pós-modernidade quando refletimos sobre as questões que afetam nossa vida e a do outro e quando buscamos ser críticos. Esse processo de tensão por qual passamos está relacionado ao histórico, social, ideológico e cultural. Pensando nas grandes narrativas ditas por Lyotard (1988), compreendemos o lugar das questões de Gênero em nossa sociedade.

A Linguística Aplicada na contemporaneidade tem discutido temas como Gêneros, Diversidades, Inclusão e tantos outros partindo da concepção do não estático, da fluidez das relações interpessoais. A Língua também acompanha essa ideia de mobilidade, uma vez que também nos constituímos através dela.

E a mobilidade da Língua é muitas vezes percebida em seu ensino-aprendizagem, quando nos damos conta de que não é necessário seguir um roteiro para que a aprendizagem se dê, pois como disse Romiszowski (1981) em seu guia de instruções para desenvolvimento de sistemas: “As pessoas não aprendem de modo linear. O cérebro humano é altamente eclético, juntando pedaços e peças por todo o lado para fazer conexões”. Cito isso para enfatizar que o fato da turma pesquisada estar iniciando seus estudos em Língua Inglesa não quer dizer que as produções escritas devam ficar de fora ou ser adiadas. Leitura e produções textuais podem sim fazer parte das atividades iniciais de Línguas Adicionais.

Em outros momentos, quando seguia a “linearidade” oferecida implicitamente nos livros didáticos, talvez não pedisse escritura de textos antes que as/os estudantes estivessem com “nível” suficiente para tal. Mas hoje compreendo que essa mobilidade é possível. Não é preciso esperar que nossas/os estudantes estejam no último ano do curso para que possam escrever, ler, dar opiniões, discutir.

Percebo que foi acreditando nessa não linearidade que pedi para que as/os discentes das turmas de segundo ano<sup>20</sup> do Ensino Médio onde leciono Língua Inglesa produzissem textos, quadrinhos, com o tema<sup>21</sup> “*Gêneros*” discutidos em sala. Isso aconteceu na quarta aula sobre Gêneros.

No capítulo de análise/interpretação, trago para essa discussão quatro quadrinhos produzidos por estudantes na turma pesquisada, dois produzidos por meninas e dois por meninos. O objetivo será analisar como eles e elas tratam o tema “Gêneros” através da Língua escrita e das imagens produzidas.

A imagem sempre esteve de alguma forma presente em nossa vida. Na contemporaneidade ela continua presente, talvez com ainda mais força por conta da internet. Entre os textos produzidos em minhas aulas selecionei para esse trabalho analisar quadrinhos, com suas linguagens semióticas e linguísticas.

Kress (2006) nos chama atenção para produção de sentidos proporcionada pela combinação entre imagens e texto escrito, sobretudo nas conotações. E embora utilize o termo “gramática visual”, a analogia com a Língua não quer dizer que as estruturas visuais sejam como as linguísticas, pois<sup>22</sup>, “algumas coisas podem ser ditas apenas visualmente, outras apenas verbalmente. Mas mesmo quando alguma coisa pode ser dita das duas formas, verbalmente e visualmente, a maneira que será dita é diferente”. (KRESS, 2006, p. 2)

Para que compreendamos a conexão entre as linguagens presentes numa História em Quadrinhos, por exemplo, é importante – como nos diz Kress – que observemos seu contexto: onde, quando, por quem foi produzida. É preciso compreender a paisagem semiótica que,

---

<sup>20</sup> No Instituto Federal de Alagoas a disciplina Língua Inglesa é oferecida só a partir do segundo ano, uma vez que o curso integrado vai até o quarto ano.

<sup>21</sup> Uso a palavra “tema” como sinônima de “assunto”.

<sup>22</sup> “some things can be ‘said’ only visually, others only verbally. But even when something can be ‘said’ both visually and verbally the way in which it will be said is different. (KRESS, 2006, p.2)

segundo o autor, são os vários tipos de comunicação pública que encontramos na sociedade, como são utilizadas e avaliadas. As produções<sup>23</sup> que trago nesse trabalho foram construídas num contexto local: Alagoas, nordeste brasileiro. É a partir desse local que podemos observar o tema Gêneros tanto num contexto local quanto global.

## **2.2 – Contribuindo com a reflexão sobre Gêneros: um fazer metodológico na perspectiva da Pesquisa Qualitativa.**

Algumas pessoas ainda demonstram certo receio em relação ao estudo em que a/o pesquisadora ou pesquisador estão inseridos na pesquisa. Alegam que esse tipo de atuação interfere no resultado da pesquisa. Esquecem que a dita imparcialidade, o ato de apenas observar e criticar a atuação do outro, também é uma forma de intervenção. É uma forma de silenciar tudo que está imbricado nesse processo, é ter a ingênua concepção de que o outro erra e eu sempre poderia fazer melhor e de que a presença de outra pessoa não interfere naquele contexto. Esse tipo de concepção traz em si marcas do positivismo, que compreende como ciência, pesquisa, só aquilo que está asséptico, supostamente não manchado pelas nossas ideologias.

Compreendo que em qualquer pesquisa – seja ela quantitativa ou qualitativa – nossas ideologias estão presentes. Ao delimitarmos nosso objeto de pesquisa, já estamos fazendo escolhas ideológicas. Compreendo também que a Pesquisa Qualitativa nos dá a possibilidade de refletir, problematizar e agir, construindo, desconstruindo e reconstruindo sentidos.

Sobre a Pesquisa Qualitativa, Chizzotti (2003, p. 221) afirma que o termo qualitativo “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Interessante observar que o autor não dissocia as pessoas – participantes da pesquisa – de seu lugar e das questões/fatos da pesquisa. Mas, além disso, creio que nessa partilha também deveríamos inserir o momento desse “convívio”, pois pessoas, lugares, momentos, questões estão imbricadas num processo de pesquisa.

---

<sup>23</sup> Os quadinhos que analiso posteriormente não estão em seu tamanho original. Prefiro reduzi-los para que pudesse mostrá-los e tecer reflexões sobre eles de maneira mais didática. Eles se encontram em seus tamanhos originais em “Anexos”.

Segundo Croker (2009, p.3), entre as ações de um pesquisador em Pesquisa Qualitativa estão: refletir e explorar aquilo que conhece, procurar exemplos, e criar uma compreensão completa e rica do contexto pesquisado. Foi isso que procurei fazer nessa pesquisa, quando delimito o tema Gêneros. A reflexão se deu não só através da professora-pesquisadora, mas principalmente, pelas pessoas participantes da pesquisa. Meu papel como pesquisadora foi a de explorar o que já conhecia, fazer conexões com aquilo que as participantes traziam, procurar novos exemplos e compreender o contexto pesquisado.

Foram utilizados, nessa pesquisa, alguns métodos de coleta de dados em consonância com os sugeridos por Croker (2009), tais como: observação, perguntas abertas, questionários e gravações de áudio. Além desses, utilizei também as interações num grupo do Facebook – criado para a turma participante da pesquisa – e as produções da turma, tais como: quadrinhos, textos dissertativos e respostas às atividades. Esses métodos dão suporte para análise/interpretação dos dados.

Ainda refletindo a respeito de pesquisadoras/es em pesquisa qualitativa, concordo com Croker (2009) ao afirmar que para esses os sentidos são construídos socialmente e o foco está na compreensão do processo, enquanto pesquisadores quantitativos enfatizam a importância de medir resultados. O fato de não focar em números, quantidades, percentagens e comparações quantitativas, não quer dizer que uma pesquisa qualitativa não precise ou deva utilizar dados quantitativos. Muitas pesquisas qualitativas fazem uso de tais recursos, mas, como fora dito anteriormente, seu objetivo está na capacidade de compreender o processo. Para Croker (2009) como pesquisadores qualitativos acreditam que o sentido é construído socialmente,

o foco de sua pesquisa está nos participantes – como participantes experimentam e interagem com um fenômeno em determinado momento e num contexto particular, e os vários significados que tem para eles. Esses pesquisadores estão interessados no mundo habitual, diário de seus participantes – onde vivem, trabalham, e estudam<sup>24</sup> (CROKER, 2009, p.7).

A pesquisa que realizei é uma pesquisa qualitativa, pois, como pesquisadora, foco na compreensão do processo, acreditando que os sentidos são construídos nas nossas interações

---

<sup>24</sup> Their research focus is on the participants – how participants experience and interact with a phenomenon at a given point in time and in a particular context, and the multiple meanings it has for them. They are interested in the ordinary, everyday worlds of their participants – where they live, work, and study (CROKER, 2009, p.7).

sociais e no dialogismo. Por esse motivo o que fora produzido de forma oral, imagética ou escrita pelas pessoas participantes da pesquisa, trago para análise/interpretação.

Além disso, para Chizzotti (2003) a Pesquisa Qualitativa é a pesquisa presente em várias áreas do conhecimento, que adota vários métodos de investigação para “o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Nesse percurso, entre encontrar e interpretar sentidos, percebi que a Pesquisa Qualitativa que desenvolvia dialogava tanto com a Pesquisa-Ação quanto com o estudo de Caso, métodos utilizados em alguns processos de pesquisas. Percebi também que na tentativa frustrante de encaixar<sup>25</sup> minha pesquisa aqui ou ali, as duas formas não davam conta, pois fiz pesquisa em sala de aula, na turma onde fui professora-pesquisadora.

Logo no início de minha pesquisa, na fase em que essa era ainda um projeto, eu afirmava que faria uma pesquisa-ação em uma das minhas turmas. Ao dizer isso, eu compreendia que estaria auxiliando no diálogo teoria-prática, em que teoria seria a pesquisa em si, com seu aparato teórico e a prática seria a aplicabilidade, ou melhor, a agência. No processo de letramento no qual me vejo, fui percebendo que a metodologia da pesquisa-ação tinha outros interesses, talvez mais macro, levando para a sociedade, de alguma forma, os resultados e/ou reflexões feitas a partir de determinada pesquisa.

O primeiro impasse foi perceber que esta pesquisa não estava no campo dos resultados. As reflexões que fomos convidadas/os a fazer talvez não tragam respostas imediatas. E para algumas pessoas talvez nem haja respostas, no sentido de mudanças. Outro impasse foi a questão de envolver a comunidade externa. Thiollent (2011, p. 7) diz que o método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores interessados nessa resolução. Como poderíamos resolver os problemas de Gêneros com nossas aulas? Ou ainda: tais problemas podem ser resolvidos a curto prazo? Ou será que a sociedade precisará esperar séculos para perceber onde se encontrava e onde gostaria de estar em relação às diversidades de Gêneros?

---

<sup>25</sup>Na Linguística Aplicada, mais importante que nomear a metodologia–encaixando a pesquisa aqui ou ali – é a descrição do processo de pesquisa.

Ao repensar a metodologia escolhida por mim para minha pesquisa, percebi que a Pesquisa-Ação não atendia as especificidades do estudo, pois demanda algo maior, que extrapole literalmente o espaço sala de aula. Embora eu acredite que ações que envolvam o Letramento Crítico vão para além das paredes, que alcançam o social, a pesquisa-ação pensada por Thiollent não é apenas a junção de uma pesquisa (estudo) à ação (aplicabilidade). Para ele os resultados de tal pesquisa precisam atingir a comunidade local, o estudo deve trazer respostas, quase que imediatas, para sociedade.

Então, na tentativa de encontrar respostas quanto ao fazer metodológico nessa pesquisa, compreendi que estava fazendo um Estudo de Caso. Mas um Estudo de Caso com algumas especificidades, pois o estudo aqui realizado não observa apenas a turma participante da pesquisa, mas reflete também sobre meu papel como professora, participante desse processo.

O Estudo de Caso, como o próprio nome sugere, é uma pesquisa – estudo – em que um evento – caso – é alvo de investigação. Stake (1994) defende que o Estudo de Caso não é uma escolha metodológica, mas a escolha de um objeto a ser estudado. Quanto à identificação do Caso, Stake afirma que<sup>26</sup>

Um caso pode ser simples ou complexo. Pode ser uma criança ou uma sala de aula de crianças ou uma mobilização de profissionais para estudar uma condição da infância. É um entre outros. Em qualquer estudo, vamos nos concentrar no um. O tempo que podemos passar concentrando nossa investigação no um pode ser longo ou curto, mas enquanto nós nos concentramos, nós estamos comprometidos com o estudo de caso. (STAKE, 1994, p. 236)

No Estudo de Caso é o **um** que é objeto de estudo, seja o individual ou o grupo. Não é o tempo que é dedicado ao estudo que dirá se trata-se ou não de um Estudo de Caso, pois existem alguns que demandam mais tempo e outros menos. A questão é o recorte que pesquisadores fazem para seu estudo. É o “um entre outros” que se elenca como objeto de estudo. Além disso, o Estudo de Caso é “tanto o processo de aprendizagem sobre o caso quanto o produto de nossa aprendizagem<sup>27</sup>” (STAKE, 1994, p. 237). Ainda segundo Stake

---

<sup>26</sup> A Case may be simple or complex. It may be a child or a classroom of children or a mobilization of professionals to study a childhood condition. It is one among others. In any given study, we will concentrate on the one. The time we may spend concentrating our inquiry on the one may be long or short, but while we so concentrate, we are engaged in case study. (STAKE, 1994, p. 236)

<sup>27</sup> A Case Study is both the process of learning about the case and the product of our learning (STAKE, 1994, p. 237).

(1994, p. 240), pesquisadores que fazem Estudo de Caso emergem de uma experiência social, a observação, para coreografar – compor a sequência de passos – de outra, o relatório, sabendo que o conhecimento é construído socialmente.

A presente pesquisa tem características de um Estudo de Caso, pois escolhi<sup>28</sup> entre tantas turmas *uma* como objeto de estudo em relação ao Letramento Crítico e têm importância nesse estudo tanto o processo da pesquisa quanto as reflexões oriundas dela. Mas esse estudo não se deu apenas com uma pesquisadora-observadora, além disso: fui a pesquisadora-professora. Aquela que além de trazer teorias implícitas, ministrou aulas, propôs atividades, dialogou com as pessoas participantes da pesquisa, ao mesmo tempo em que refletia sobre como intervir na própria prática. Diante disso, concordo com Araújo (2011, p 73) quando se posiciona como pesquisador dentro de uma linha metodológica que ele nomeia *estudo de caso com intervenção*. Digo isso pelo fato de eu ter trazido encaminhamentos de ações para minha própria prática docente tanto no processo da pesquisa, quanto para reflexões futuras a respeito de como proceder em minhas aulas.

Araújo (2011), baseado nos estudos de Zozzoli (2006), dera ao método usado em sua pesquisa de doutorado tal nome por ter realizado sua pesquisa em uma sala de aula de outra professora e por não ter sido apenas observador, mas alguém que refletiu junto com a professora e que sugeriu encaminhamentos de ações.

Acredito que o meu fazer metodológico mais se assemelhe ao Estudo de Caso com intervenção, pois além de fazer um estudo de um caso específico – uma turma – entre outras que tenho, também trouxe intervenções para aquele contexto. A palavra intervenção aqui tem o sentido de mudança, assistência e não de interferência. Tal mudança aconteceu não somente com a turma participante, mas, sobretudo, comigo na condição de professora da turma, pois tive a oportunidade de refletir sobre minhas escolhas em relação às aulas de Língua Inglesa que leciono.

É importante lembrar que a pesquisa qualitativa não foca em resultados, mas no processo em si. A intervenção a que me refiro nesse trabalho tem esse sentido: de mudança em processo. A primeira intervenção trazida pela pesquisa aconteceu na minha prática, como docente, em sala de aula. Essa pesquisa ajudou-me a perceber que temas que circulam na

---

<sup>28</sup> A escolha se deu devido ao interesse da turma em participar desse estudo. O convite para fazer parte dessa pesquisa fora estendido para todas as minhas turmas de Língua Inglesa em 2013, mas apenas uma turma demonstrou vontade em colaborar com tal estudo.

nossa vida, na sociedade, devem estar presentes em nossas aulas de Línguas. Outro ponto que passei a ter mais atenção é quanto ao uso da Língua Inglesa em sala: muitas vezes focamos somente na sua forma escrita, mas é importante também trazermos a oralidade, falarmos em inglês, apresentarmos vídeos, músicas ou outros materiais em que a oralidade esteja presente, pois ser uma agente de Letramento é também permitir o acesso. Quando nego à/ao estudante o conhecimento disso ou daquilo, estou sendo de certa forma imprudente.

A segunda intervenção é em relação às reflexões que geram mudanças quanto ao tema Gêneros. Ao trazer tal questão para as nossas discussões, acredito que modificamo-nos de alguma forma, tanto quando queremos romper com as diferenças quanto quando preferimos perpetuá-las. Mostrarei nas produções da turma como as/os estudantes respondem a essa intervenção.

### **2.3 – O processo da pesquisa.**

Inicialmente pensei em pesquisar os temas *Gêneros* e *Diversidades* nas minhas aulas de Língua inglesa, refletindo sobre os processos de Letramentos. Para isso aconteceram oito encontros/aulas, com duração total de aproximadamente dezesseis horas. Além desses momentos presenciais, também utilizamos um grupo no *Facebook* para continuarmos dialogando sobre tais temas. Como pensava em trazer os dois temas para reflexões nessa Dissertação, dividi quatro encontros para cada um deles. Depois de alguns encontros com minha orientadora, Professora Doutora Roseanne Tavares, concordamos em recortar ainda mais o objeto de estudo e delimitamos essa Dissertação ao tema *Gêneros*.

Por conta desse recorte, para essa pesquisa, foram realizadas oito aulas – quatro encontros com aproximadamente duas horas cada um. Dessas aulas cinco foram gravadas, pois escolhi deixar algumas aulas sem o gravador de áudio para observar se a turma interagiria ainda mais com a ausência do aparelho. Percebi que não houve alteração na participação da turma, talvez quem ficasse intimidada com tal presença fosse a própria professora-pesquisadora. Dessas aulas, a primeira foi transcrita, pois as interações daquele momento fazem parte do capítulo de análise e se encontra em anexo. Além desses momentos presenciais, tínhamos também um grupo no *facebook*.

Quanto ao grupo, é um grupo fechado, criado para que pudéssemos continuar as discussões iniciadas em sala, postar vídeos, imagens e reflexões a respeito das questões de Gêneros. O objetivo principal, ao criar o grupo, foi de ter um espaço a mais para nos constituirmos como leitores críticos – o que requer leitura e produção dialógicas, em minha opinião.

De setembro a dezembro de 2013, as postagens são referentes ao tema aqui trabalhado, mas ele continua ativo, em 2015, e outras postagens são feitas com relação ao Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Nesse grupo, a turma postou suas tirinhas sobre as diferenças de Gêneros e estudantes e eu postamos vídeos e músicas.

Confesso que, ao criar o grupo, acreditava que a participação da turma seria ainda maior que a participação presencial, uma vez que a maioria tem perfil no *facebook* e utiliza-o várias vezes por dia. Mas fiquei surpresa ao perceber que nessa rede social sua participação era ainda mais tímida, muitas pessoas curtiam ou visualizavam conteúdos e raramente faziam comentários, o que me fez pensar na questão do contexto: ali não era mais um grupo de amigos numa rede social, era um grupo criado por uma professora, para pessoas de uma turma, com tema de uma pesquisa. Tudo isso, acredito, foi uma forma de coibir a participação.

Importante lembrar que essa pesquisa foi se constituindo em processo. Ao aplicá-la em sala de aula, tinha planejado a primeira aula: o material que levaria, as perguntas que faria, etc. As próximas aulas foram sendo construídas de acordo com as discussões da aula anterior e com o que postavam no *facebook*.

Em nossa primeira aula trabalhamos o gênero textual/discursivo Música<sup>29</sup>. A canção escolhida por mim foi “If I were a Boy”, interpretada por Beyonce. Antes de entregar a letra da música para a turma, sem que soubessem o que trabalharíamos naquele dia, perguntei a cada estudante: “What would you do if you were a boy/girl?”<sup>30</sup>. Cada participante interagiu da forma que se sentia mais à vontade: em Língua Inglesa ou Portuguesa. A música foi entregue só depois de ouvir a opinião das pessoas participantes.

---

<sup>29</sup> Os textos/ discursos base para as discussões estão em anexos.

<sup>30</sup> O que você faria se você fosse um garoto/garota?

Em duplas, entreguei-lhes a letra da música recortada em estrofes e em desordem, coloquei a música para tocar e à medida que ouviam colocavam a letra em ordem. Algumas duplas conseguiram realizar a atividade na primeira vez que ouviram, outras precisaram que eu repetisse mais duas vezes.

Depois dessa atividade de *listening*, discutimos a letra da música e fiz algumas questões por escrito:

- 1) What would you do if you were a boy/girl?
- 2) Are there differences between boys and girls? (If “yes”) what are the main differences? Why do they happen?
- 3) In the song ‘If I were a boy’, would the girl like to be a ‘better man’? why? Explain.
- 4) Read the third part of the song and talk about it. (it can be in Portuguese or English)
- 5) What “But you’re just a boy” means?
- 6) What do you think about “Gender differences”?

Dedico dois subtópicos do capítulo de análise/interpretação para detalhar nossas discussões orais e escritas a respeito dessa primeira aula. Em um subtópico analiso a gravação em áudio, aquilo que responderam oralmente às questões que eu fazia e às interações das colegas da turma, observando que, embora eu fale em Língua Inglesa, a turma responde em Língua Portuguesa. Outro subtópico trata de uma tabela que traz as respostas dadas por escrito às perguntas aqui apresentadas. Nessa tabela há uma comparação entre o que responderam nessa primeira aula e o que apresentaram nas outras aulas, mostrando uma compreensão/percepção diferente quanto ao tema gêneros.

Na segunda aula, levei para sala um vídeo do *Youtube* onde dois bebês, um menino e uma menina, interagem com seus brinquedos. O título do vídeo é *Girls smarter than the boys*. Lá a menininha, querendo ficar com todos os brinquedos, distrai o menininho e consegue alcançar seu objetivo. A escolha desse vídeo se deu não por causa do conteúdo do vídeo, mas pelos comentários ofensivos feitos às mulheres de forma geral.

Quando assistimos ao vídeo, entreguei os comentários – que eram em Língua Inglesa – de forma impressa para cada participante da pesquisa. Elas/eles liam o que estava escrito e explicavam para turma o que entenderam.

Depois disso, discutimos o que poderia levar aquelas pessoas a discursos tão ofensivos, uma vez que o vídeo trazia um fato isolado e envolvia crianças tão pequenas. Após as reflexões, lemos um fragmento do texto “Gender Trouble”, de Butler (2003) e pensamos sobre as construções sociais de Gêneros. Nessa aula, foram feitas perguntas com base no texto de Butler:

1. Segundo o texto, o que é gênero? Você concorda? Explique.
2. Gênero e opção sexual são as mesmas coisas? Explique.
3. Comente a seguinte afirmação: "As diferenças de gêneros são construídas socialmente".
4. Among the words "Sexual option", "Sexual choice", "Sexual orientation" and "Sexual identity", which one do you think is the best one to talk about heterosexuality and homosexuality? Why?

Dedico um subtópico do capítulo de análise/interpretação para comparar – em forma de tabela – o que muda na compreensão de gêneros em relação à primeira aula, de acordo com o que responderam a essas questões.

Na terceira aula, levei outro vídeo intitulado “Gender differences”. Esse vídeo trazia as diferenças, que se naturalizaram, entre os gêneros. Por exemplo: “homens são mais fortes”, “mulheres são mais sensíveis”, “meninos gostam de brincadeiras externas, enquanto meninas gostam de espaços internos”, entre outras. Depois de assistirmos, refletimos sobre as ideias trazidas no vídeo e discutimos a respeito das razões de algumas diferenças entre gêneros serem atribuídas somente ao biológico e percebemos que muitas vezes essas diferenças são construídas socialmente. Uma das reflexões foi sobre como essas diferenças são naturalizadas na Língua, tanto num contexto local – em Língua Materna – como num contexto Global – Língua Inglesa.

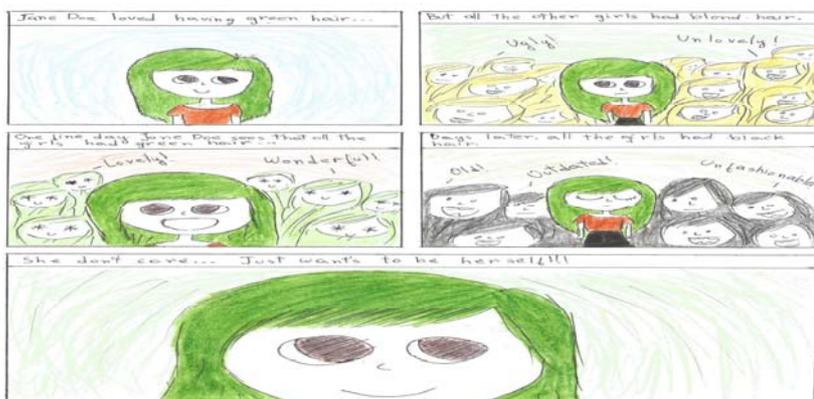
Então trabalhamos um texto que falava da história de Malala, jovem paquistanesa que não aceitando as imposições sociais e as restrições às mulheres, inclusive a proibição à educação, se destaca pela luta contra as diferenças de Gêneros em seu contexto local e sofre atentado de morte por conta disso. Depois da tentativa de assassinato, Malala ganhou destaque internacional. A turma respondeu a questões sobre a biografia de Malala e sobre questões locais e globais que envolvem o tema Gêneros:

- 1) Tell me, using your own words, Malala's story.
- 2) What's your opinion about her actions? What would you do if you lived there?
- 3) Can we do anything to help people who live in other countries? Why? How?
- 4) Are there Gender differences in Brazil? What can you do to solve this situation?
- 5) What is the main verbal tense in the text? Show with 6 verbs.
- 6) Do you know any story of a girl or boy (woman/man) who fight/fought against gender differences? Tell it here.

Nessa aula, pude observar como a turma compreende as questões globais e locais em relação às diferenças de Gêneros e percebi certa dificuldade da turma em notar que a luta contra as diferenças que oprimem também está num contexto local.

Na aula quatro, o tema foi “Who are you?”. O objetivo nessa aula era para que cada participante pensasse em como a gente se vê e como é visto pelas outras pessoas, as construções identitárias e a alteridade nas relações linguístico-discursivas. O texto base de estudo nesse momento foi um quadrinho produzido no início do ano letivo por uma das estudantes da turma participante:

**Figura 5: Identidade**



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Maria, 2013.

Nesse Quadrinho, a autora traz uma personagem principal: Jane Doe,<sup>31</sup> que é uma garota que se destaca em relação às outras, pois tem o cabelo verde. Todas as outras garotas eram iguais e se incomodavam com a aparência diferente de Jane Doe. Esse incômodo pode ser percebido tanto pelas imagens quanto pelo texto escrito. No segundo quadro, as personagens ao fundo dizem “feia!”, “sem graça!” e no quarto quadro, as garotas de cabelos pretos dizem: “antiquada!”. “ultrapassada!”, “fora de moda!”. As palavras ofensivas são usadas quando Jane é diferente das outras. Essa diferença é percebida pela cor de seus cabelos.

Já no terceiro quadro, percebemos certa igualdade por conta da cor dos cabelos de todas as meninas – verdes: iguais aos de Jane Doe. Nesse caso, as palavras que são dirigidas à Jane pelas outras garotas não são mais ofensivas. Pelo contrário: são palavras de admiração: “encantadora!”, “maravilhosa!”. Os olhos das personagens indicam essa admiração, pois foram desenhados sugerindo um certo brilho no olhar.

Essa História em Quadrinhos mostra, através das imagens e texto, personagens que mudam – cabelos loiros, verdes, pretos – e uma personagem principal<sup>32</sup> que se mantém diferente das outras em todos os momentos, pois mesmo quando todas estavam com cabelos verdes, Jane continuava tendo um lugar de destaque no quadrinho, diferenciando-se da massa. O quadrinho é finalizado com: “Ela não se importa... só quer ser ela mesma.”As perguntas referentes à produção da aluna foram:

- 1- Tell me, in your own words, what this comic strip is about.
- 2- What's your opinion about Jane Doe?
- 3- What do you think about the other girls?
- 4- If this comic strip had boys as example, what would they imitate?
- 5- What are the main issues?
- 6- Are you like Jane or the other girls? Why?
- 7- Are you different? Explain.
- 8- Who are you?

---

<sup>31</sup> Na aula de Linguagens e Tecnologias, ministrada pelo Prof Dr. Paulo Stella, foi que descobri que esse nome é muito utilizado nas séries em Língua Inglesa e quer dizer algo parecido com “fulana de tal” em português. Perguntei a aluna depois sobre a escolha do nome e ela confirmou.

<sup>32</sup> Chamo Jane Doe de personagem principal por perceber que só ela recebera um nome nessa história. Todas as outras representam a massa, pois são desenhadas com muita semelhança.

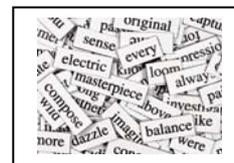
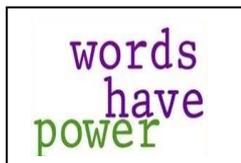
Para análise/ interpretação, selecionei, entre as oito perguntas feitas, apenas as respostas dadas à última questão. Nesse dia também pedi que produzissem Histórias em quadrinhos, tirinhas ou charges sobre o tema Gêneros e postassem no *facebook*. Essas produções também estão presentes no terceiro capítulo desse trabalho.

As respostas dadas a essas questões – da aula um à aula quatro – as reflexões e discussões oriundas a partir dessas atividades são discutidas, com mais detalhes, em subtópicos do capítulo de análises/interpretações<sup>33</sup>.

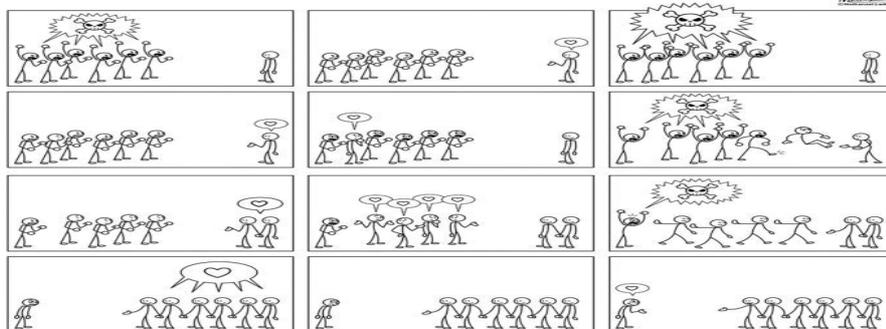
Embora só tenha dedicado quatro encontros para o tema Gêneros, percebi que na aula oito – sobre diversidades – houve uma discussão sobre a importância da palavra/discurso que pode nos auxiliar nessa reflexão quanto às diferenças de Gêneros, então apresento também essa aula nessa discussão.

A aula foi iniciada pedindo que cada participante dissesse uma palavra em inglês, enquanto falavam eu anotava suas respostas. Depois disso, pedi que explicassem o porquê da escolha daquela palavra.

Então conversamos sobre o poder das palavras e sobre as ideologias presentes nelas, em seu contexto. Em seguida pedi que produzissem um texto/discurso com base no seguinte:



### How To Change The World



Posted by Maria in the facebook group: “Gêneros e Diversidades nas aulas de Inglês”

<sup>33</sup>Os termos interpretação e análise são sinônimos nesse trabalho, em consonância com IFA (2006).

O pedido foi para que escolhessem um ou mais de um dos discursos ali apresentados e escrevessem sobre diversidades e o poder da palavra<sup>34</sup>. Algumas produções foram selecionadas para análise/interpretação.

Com essa sequência de aula, pude observar que houve uma mudança em relação à compreensão das diferenças de Gêneros. No início do processo, a turma reproduzia o discurso que justifica as diferenças com base numa perspectiva biológica, mas no decorrer das aulas – com leituras, produções e interações – foram agregando ao seu discurso as questões sociais que causam tais diferenças e percebendo que é preciso que pensemos sobre essas questões para que nós possamos transgredir tais discursos/ações opressoras.

---

<sup>34</sup> Choose one or more discourses showed here and write about “Diversities and the power of language

### **3 DISCURSOS QUE NOS CONSTITUEM: INTERPRETAÇÃO / ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ORAIS E ESCRITAS.**

Nesse capítulo trago as interpretações que faço das produções linguístico-discursivas das/os discentes da turma pesquisada.

Início fazendo uma breve reflexão sobre algumas produções textuais em inglês, quadrinhos, de alunas e alunos de uma turma de segundo ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Alagoas. O ponto de análise, no primeiro subtópico, são os discursos que nos constituem como homens e mulheres. A seguir, são feitas reflexões a respeito do Letramento Crítico nas aulas de Língua Inglesa. Nesse ponto a análise se dá em relação ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Adicional, promovendo a criticidade. No terceiro tópico o ponto de análise é a observação da responsividade e do dialogismo nas nossas interações português/inglês. Na quarta seção, a análise é feita tendo como base as reflexões e refrações a respeito das diferenças de Gêneros, enquanto no último tópico o ponto de análise é a mudança discursiva que reconhece as diferenças de Gêneros como algo social e não biológico, numa perspectiva local e global.

As produções aqui apresentadas foram coletadas a partir de gravações de áudio, interações no *facebook*, através de um grupo criado exclusivamente para a turma participante da pesquisa e as pessoas envolvidas nesse trabalho, e através das produções escritas feitas a partir das nossas discussões sobre o tema objeto de pesquisa desse trabalho. Importante lembrar que o plano foi se constituindo aula a aula, com base nas nossas discussões e que, para preservar a identidade das/os estudantes, os nomes aqui citados são fictícios.

#### **3.1 Discursos que nos constituem: refletindo sobre Gêneros nas tirinhas e quadrinhos produzidos por meninas e meninos, discentes do Ensino Médio.**

As produções que apresento e interpreto/analiso aqui foram feitas por duas meninas e dois meninos participantes da pesquisa. Essas produções foram realizadas depois da nossa quarta aula sobre Gêneros e postadas em nosso grupo no *facebook*. Para a análise linguística, deter-me-ei na Língua escrita, a escolha dos vocábulos – ideológicos – e os sentidos produzidos por eles em seu contexto, em consonância com Bakhtin (1990) e Freire (1995), e

em diálogo com Butler (1990) em relação às questões sociais de Gêneros. Para a análise das imagens, utilizarei as ideias de Kress (2006).

A primeira produção textual selecionada para esse trabalho é uma tirinha<sup>35</sup>, que foi solicitada com base no tema “Diferença entre Gêneros”. Essa atividade só foi solicitada no nosso quarto encontro, depois de refletirmos, dialogarmos, virmos diferentes gêneros discursivos que tratavam dos papéis sociais de homens e mulheres. Nessa tirinha podemos observar que as imagens conseguem dizer aquilo que só o texto não conseguiria. A estudante que produziu esse texto fora além da infância – momento em que teóricas/os sobre Gêneros defendem que são construídos os papéis sociais de gênero – a estudante trouxe a gestação como o momento em que se iniciam as diferenças de Gêneros:

**Figura 1: Gestação**



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Bruna, 2013.

Nessa tirinha<sup>36</sup>, a estudante mostra a corrida dos espermatozoides para vencer a batalha da fecundação e futura gestação. O primeiro que chega lá, e vence, diz: “Oba! Eu consegui. E agora que vou crescer, me tornarei um grande gênio da Tecnologia e ganharei

<sup>35</sup> De modo geral, a História em Quadrinhos – HQ – e a Tirinha se distinguem por conta de seus aspectos estruturais. A primeira é constituída, na maioria das vezes módulos. A charge pode ter o formato de uma HQ ou Tirinha, seu diferencial está no conteúdo que costuma ser mais cômico ou irônico, por mais de três quadrinhos/módulos. A segunda ocupa só o espaço horizontal e tem em média três quadrinhos/.

<sup>36</sup> As alunas usaram algumas frases “ao pé da letra” em inglês, mas como esse não é o objetivo do trabalho, não me deterei a esses aspectos.

prêmios também!” Então se passam cinco meses e a sua mãe vai ao obstetra saber o sexo do bebê. A mãe pergunta: “Então, doutor, já posso saber o sexo do meu bebê?” Ele responde: “Claro! É...” Enquanto o médico faz suspense, o bebê pensa: “Diz logo, também quero saber”. O médico diz: “uma garota”. A mãe vibra: “Que maravilha!!!” e a menininha ouvindo tudo, diz: “Droga! Já se foram meus planos para o futuro!”

No primeiro quadro, a expressão *I managed* remete à primeira vitória que precisamos ter que é a de fecundar primeiro o óvulo, para que haja a gestação. O uso de *now* mostra uma fase que se iniciará: o desenvolvimento fetal, nascimento e crescimento dessa criança. E *I Will* indica o desejo daquele bebê em se tornar um grande gênio da tecnologia no futuro.

No segundo quadro, que indica outro momento, a autora coloca em forma de recordatório<sup>37</sup> *Five months later* para indicar o tempo que se passou da fecundação até ali. A personagem que representa a mãe diz querer saber o sexo do bebê. A escolha que se faz é pela palavra *sex* e não *gender*, o que demonstra uma compreensão de que o sexo – biológico – é o que tem definido o que podemos ou não ser. Sobre isso, Butler (1990) diz que<sup>38</sup>

Se o gênero é o significado cultural que o corpo sexuado assume, então um gênero não pode ser definido a partir de um sexo. Levado ao seu limite lógico, a distinção sexo / gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 1990, p.6)

Ao tratar da dicotomia Gênero/sexo, Butler nos chama atenção para o fato de esses dois termos terem sido tratados como sinônimos por muito tempo. Mas ao acrescentarmos a questão cultural/social, percebemos que essas coisas não estão tão ligadas assim. Elas foram construídas como iguais e justificaram as diferenças dentro de uma lógica sexual/biológica/anatômica, no entanto, observando que questões de Gêneros são construídas socialmente, a distinção Gênero/sexo supõe transgressão, ruptura.

Ainda no segundo quadro, o bebê pensa: *I also want to know*. O uso de *also* indica a inclusão da criança no conhecimento de seu sexo. Isso para reforçar que ela precisaria saber qual era seu sexo para ter a certeza de que seus planos na fecundação se tornariam reais.

---

<sup>37</sup>Recordatórios são as caixas de textos que acompanham os quadrinhos. Eles podem narrar a história, sem ser redundante, acrescentando fatos, de tempos e lugares diversos, ou aspectos que não estão nos desenhos. Mais detalhes em: <http://criandohqs.blogspot.com.br/2011/12/recordatorios-nos-quadrinhos.html>.

<sup>38</sup>If gender is the cultural meaning that sexed body assumes, then a gender cannot be said to follow from a sex in any one way. Taken to its logical limit, the sex/gender distinction suggests a radical discontinuity between sexed bodies and culturally constructed genders. (BUTLER, 1990, p.6)

Mas no terceiro quadro, ao ser revelado para a mãe que o bebê era uma menina, as reações da mãe e da filha são diferentes. A primeira fica feliz com a notícia, mas a segunda sente-se frustrada com a impossibilidade de seus planos tornarem-se reais. O uso de *damn it* indica a decepção.

Aqui é mostrada de forma cômica como a nossa sociedade, moderna, dita o que homens e mulheres “podem” ou não ser. E o pior: desde a gestação, pois é a partir daí que pais e mães se preparam e fazem planos para o futuro de seus filhos e filhas de forma diferente. São esses planos para o futuro que vão projetando na criação das crianças limitações ou impulsos para cada uma delas a depender de seu Gênero.

Interessante observar que os rostos do médico e da mãe do bebê não são mostrados. O foco é dado ao bebê que ainda não sabia o que poderia ser em sua sociedade. Mas mesmo sem que vejamos os rostos do médico e da mãe, podemos inferir que estão representando os papéis sociais de homens e mulheres – o profissional, formado, economicamente estável e aquela que tem o papel de reprodutora.

Kress diz que nossa abordagem para comunicação começa de uma base social e que os significados expressados por falantes, escritores, pintores, escultores, fotógrafos, etc são “Primeiro e principalmente significados sociais apesar de reconhecermos o efeito e a importância das diferenças individuais<sup>39</sup>” (KRESS, 2006, p. 18).

Sendo assim, percebemos que a Tirinha faz uma leitura de sociedade em que papéis sociais de Gênero são construídos desde o ventre de nossas mães. O que é possível notar quando pensamos que ao saber do sexo de um bebê já direcionamos cores de quarto, roupas, brinquedos, tipos diferentes de livros, etc.

Em *O aprendizado de gênero: socialização na família e na escola*<sup>40</sup>, percebemos que essas duas instituições são as principais formadoras da identidade de gênero, uma vez que o nosso lugar como homem ou mulher na sociedade já é predefinido antes mesmo de nascermos, pois quando os familiares sabem o sexo do bebê já escolhem cores, enxovais, brinquedos, roupas, entre outras. Assim já estão desenhando nosso lugar na sociedade.

---

<sup>39</sup>First and foremost social meanings even though we acknowledge the effect and importance of individual differences.(KRESS, 2006, p. 18).

<sup>40</sup> O texto está disponível em pos.ead.ufal.br, curso Gênero e Diversidade na Escola. Não há indicação de autoria. Mas subtende-se que fora criado coletivamente por formadoras/es do curso.

Concordo, mas também acredito que Escola e família podem ser lugares para repensarmos essa construção identitária e para tentarmos reconstruir o que há muito tempo é visto como natural.

Outro ponto que chama atenção é sobre brinquedos, jogos e brincadeiras na infância, que são incumbidos de nos ensinar a “distinguir atitudes e gestos tipicamente masculinos ou femininos”. Na infância aprendemos a agir de acordo com o que é esperado para nosso gênero. Tanto na família quanto na escola, é importante que as pessoas adultas tenham consciência de sua influência ao lidar com crianças, e que percebam que “podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero e suas marcas”. Se educarmos meninos e meninas de maneira radicalmente distinta, devemos ter consciência de que não estamos contribuindo para um mundo mais justo, em que haja equidade de gênero, diz o texto.

Quando presenteamos meninos com carros, jogos violentos, armas, espadas, bolas, bicicletas e skates estamos dizendo para eles que devem ser agressivos, velozes, violentos, livres – que o seu espaço é público. Ao contrário, quando presenteamos meninas com bonecas, miniaturas de móveis e utensílios domésticos estaríamos dizendo para elas – através do currículo oculto – que seu espaço é o doméstico, o privado. Educadoras e educadores que se pretendem agentes de letramentos precisam repensar essas limitações impostas aos gêneros. O primeiro passo é não reproduzir esse tipo de distinção e, desconstruindo tais ações, refletir com suas turmas de forma crítica. Mais importante do que desconstruir paradigmas para construir outros – que também acabarão sendo paradigmas – é repensarmos nossos papéis como mulher e homem em nossas casas e em nosso convívio social, sobretudo aqueles que estão na escola.

Outro quadrinho produzido que trago para nossas reflexões é o da estudante Maria<sup>41</sup>. Observemos sua produção linguístico-visual acerca das diferenças de gêneros:

---

<sup>41</sup> Nome fictício.

**Figura 2: Trabalho pesado**



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Maria, 2013.

A autora dessa História em Quadrinhos questiona a ideia da mulher como “sexo frágil”. Ideia essa que se naturalizou entre nós. Em nossas aulas de Língua Inglesa sobre Gêneros, quando eu perguntava quais as principais diferenças de Gêneros, era quase unânime ouvirmos esse tipo de comparação.

Com essa produção, Maria mostra uma mulher e um homem trabalhando. No primeiro quadrinho a mulher está limpando o chão, enquanto o homem está trabalhando com o computador. No terceiro ela está arrumando os móveis, enquanto ele continua no computador. No último quadrinho, há um questionamento: “Se o homem é o sexo forte, por que a mulher faz o trabalho pesado?”.

O uso da conjunção subordinativa condicional *If* é colocado no início desse enunciado para se contrapor à ideia da fortaleza masculina versus a fragilidade feminina.

No entanto, é interessante observar que mesmo a autora querendo questionar a dita fragilidade da mulher, ela acaba reproduzindo os lugares comuns de homens e mulheres na nossa sociedade. A personagem feminina está executando afazeres domésticos, enquanto a personagem masculina está, mesmo que virtualmente, num ambiente externo. A mulher representada nesse quadrinho não está conciliando várias atividades – domésticas, maternas,

profissionais, estudantis – como fazem muitas mulheres da vida real. O recorte dado pela autora foi para as atividades domésticas.

Mesmo com tantas atividades e com o possível desgaste físico sugerido pelas imagens, a personagem feminina está feliz, sorrindo no último quadrinho. As personagens trazidas nesse quadrinho são provavelmente um casal, pois no segundo quadrinho há uma fotografia que sugere isso.

Essa produção verbo-visual foi postada por Maria no grupo que criei para a turma participante da pesquisa no *facebook*. Achei curioso o fato de um colega da turma ter comentado dizendo achar ofensivo. Pensando sobre o quê exatamente poderia ser “ofensivo” em tal quadrinho, cheguei à conclusão de que todas as vezes que tentamos, de alguma forma, questionar ou desmistificar algo acabamos tirando alguém de sua zona de conforto. Com os estudos sobre Gêneros não é diferente. Questionar papéis sociais de Gêneros causa desconforto e é por muitas pessoas algo a se evitar com a desculpa que hoje e aqui está tudo bem e resolvido. Sabemos que ainda não, que precisamos trazer tal tema para discussão e reflexão em nossas aulas se quisermos proporcionar em nossas aulas momentos de Letramento Crítico. Claro que esse não é o único tema que deve ser discutido, mas observar as demandas locais seria uma opção para começar.

A terceira produção que apresento é uma tirinha feita por um estudante da turma. Ele mostra uma mãe com uma filha e um filho. A menina tem uma boneca e o menino, um boneco chamado Elisen:

**Figura 3: Brinquedo de menino**



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Tiago, 2013.

Nessa tirinha, o menino pede uma boneca a sua mãe. Assustada e com os cabelos literalmente em pé, a mãe larga a mão da filha, que cai no chão e questiona o filho, querendo saber o porquê de ele desejar ter uma boneca. O desfecho dessa tirinha se dá quando o filho responde que quer uma boneca porque o Elisen – seu boneco – está solitário e faminto. “Só isso”, diz o menino.

Nessa produção, Tiago traz uma discussão sobre brinquedos dados a meninas e meninos na infância. Na discussão que fizemos em sala, chegamos à conclusão que os lugares de homens e mulheres na sociedade são predefinidos já na infância através daquilo que presentamos a cada uma das crianças. Mas Tiago mostra que esse menino, personagem de sua tirinha, não está transgredindo em relação ao brinquedo que deseja. Embora o menino peça uma boneca à mãe, essa boneca será usada para servir ao seu boneco, uma vez que ele está “solitário e faminto”.

Como precisava de mais detalhes para saber se Tiago fazia uma crítica em relação ao papel feminino dado àquela boneca ou se apenas reproduzia o discurso que dá à mulher o papel de servidora do outro, perguntei, por mensagem, no nosso grupo do *facebook* o que ele queria dizer. Ele respondeu:

no 1' quadrinho: o filho diz a mãe q quer uma boneca.

no 2' quadrinho: a mãe, mto espantada, pergunta porque ele quer uma boneca

no 3' quadrinho: o menino diz q quer uma boneca porq seu boneco está solitário e faminto.

Tiago, 29 de novembro de 2013. Facebook.

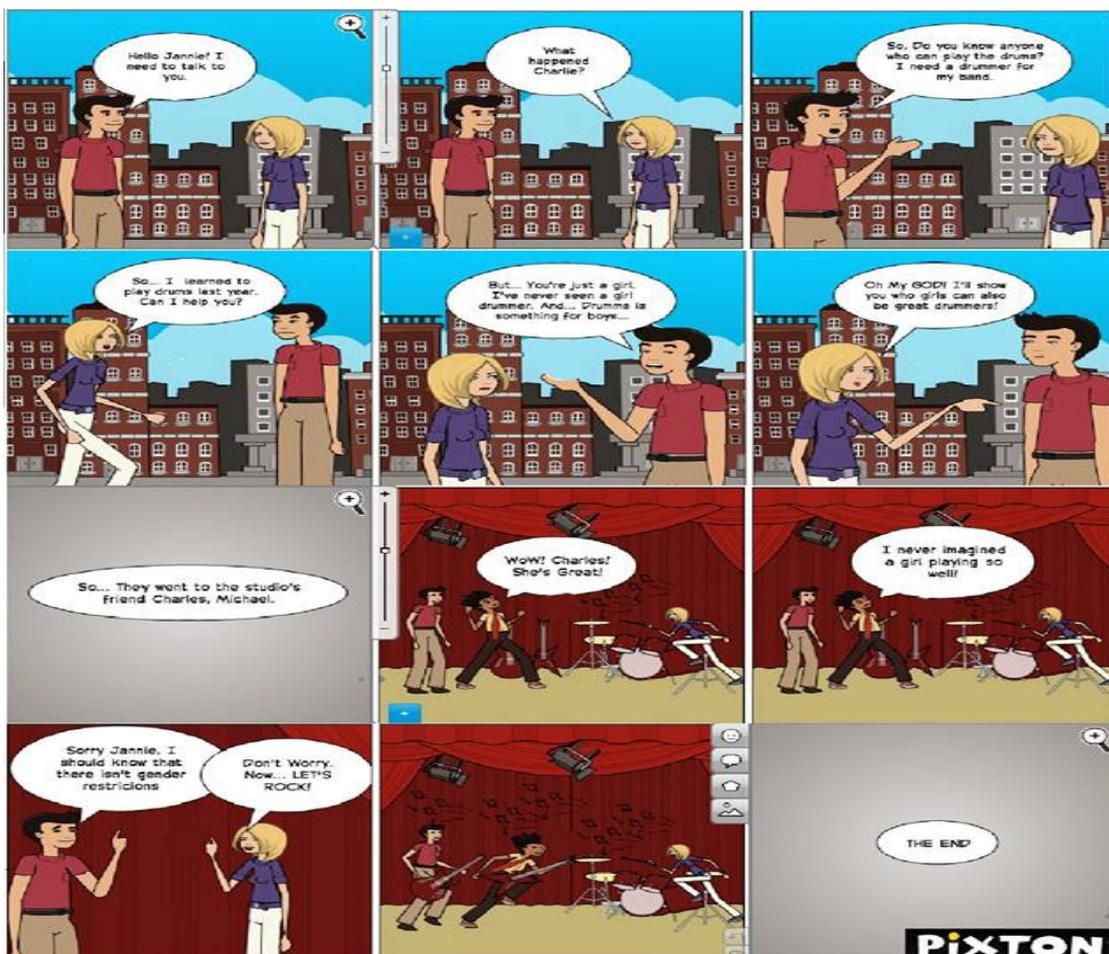
Ao ler a resposta de Tiago, percebi que aquela tirinha mostrava seu ponto de vista em relação às possíveis transgressões em relação aos brinquedos dados a meninas e meninos. Dar uma boneca para um menino não seria um motivo para que esse pudesse ensaiar seu papel como pai – assim como fazem com as meninas em relação à maternidade – ou para que pudesse brincar com dois protótipos de seres, que, mesmo sendo anatomicamente diferentes, poderiam brincar, conversar, jogar juntos. Para ele, se um menino pede uma boneca é para que essa boneca sirva ao seu boneco, assim como possivelmente enxerga o lugar das mulheres na sociedade. Tiago parece se defender como classe dominante. As discussões sobre Gêneros em sala podem não ter surtido os efeitos que inicialmente eu esperava, quando ainda tinha a

ingênua concepção que se pode conscientizar a classe dominante. Freire (1995) nos alerta que a crença de que é possível conscientizar aquele que oprime seria ingênua, pois a conscientização dos opressores enquanto classe social que domina os ajuda a oprimir de forma mais bem elaborada.

Como indica Freire (1995) quando o oprimido toma consciência de sua situação, as classes dominantes mudam de comportamento, mesmo quando não se reconhecem como opressores. Tiago reproduz em sua tirinha o discurso machista, que dá a mulher o lugar subalterno e ao homem o papel daquele que deve ser servido.

A quarta produção que trago para reflexão é uma História em Quadrinhos criada por Elias. Para essa produção, o estudante usou um software da internet, mas a história e a posição das imagens – segundo ele – foram criadas por ele mesmo:

**Figura 4: Habilidades**



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Elias, 2013.

Nessa História em Quadrinhos<sup>42</sup>, Elias mostra um rapaz e uma moça: Charlie e Jannie. O jovem e a jovem parecem ser amigos. Charlie diz que estava precisando falar com Jannie, pois gostaria de saber se ela conhecia alguém para tocar bateria em sua banda. Jannie se oferece para ser a baterista, uma vez que aprendera a tocar bateria no ano anterior, mas Charlie hesita e afirma: “mas você é apenas uma garota”. O personagem diz nunca ter visto uma menina baterista e que bateria é algo para meninos. A garota se espanta com tal afirmação e diz que pode mostrar ao amigo que garotas também podem ser grandes bateristas. Então ele e ela vão ao estúdio de Michael, um amigo de Charlie. Quando o dono do estúdio ouve e vê Jannie tocando, fica admirado e diz que ela é ótima, confessando que nunca imaginara uma garota tocando tão bem. Depois do comentário do amigo, Charlie se desculpa com Jannie, dizendo que ele deveria saber que não há restrições de Gêneros, ou seja, não há restrições de atividades para uma mulher. Ela diz para ele não se preocupar e o convida para tocarem Rock juntos.

Podemos perceber que nessa História em Quadrinhos os personagens masculinos não acreditam no potencial da personagem feminina, duvidando e se espantando ao descobrir que ela podia fazer o mesmo que um garoto na bateria da banda. Notamos também que Charlie só reconhece o talento da garota depois que outro garoto confirma sua habilidade musical. Jannie parece não se incomodar com a desconfiança dos rapazes e se mostra disposta a provar que pode ser uma baterista, assim como o “alguém” que eles esperavam encontrar.

Interessante observar que o termo *alguém*, *anyone*, no terceiro quadro, é utilizado esperando como resposta o nome de um homem e não de uma mulher. Percebemos isso pela surpresa do personagem ao ouvir que uma mulher se oferece para ser a baterista e sua hesitação quando diz “bateria é algo para meninos”, no quinto quadro.

A forma como a personagem feminina é vista nessa História em quadrinhos aponta para aquilo que Lakoff (1973) sugeria em relação à performance ideal de homens e mulheres: que elas se comportem com feminilidade e eles preservem sua masculinidade. Ideia que é criticada por Butler (1990), pois para ela, ao contrário, devemos questionar o que é dito como lugar de homem ou de mulher e compreender que as diferenças de Gêneros têm a ver com

---

<sup>42</sup>Essa produção encontra-se em seu tamanho original em “Anexos”.

performatividade e construção social e cultural de ser homem e mulher, cabendo a nós reproduzi-la ou não.

Assim como Jannie, a maioria das mulheres na contemporaneidade precisam provar que são boas nisso ou naquilo. Convivem com desconfianças, hesitações, discursos que discriminam, entre outras ações que põem em dúvida a capacidade da mulher em desempenhar algumas atividades em nossa sociedade.

Nessas quatro produções, podemos observar como os discursos constituem meninos e meninas. Há indícios de que, pensando numa luta de classes, eles representem a classe dominante e elas, a classe dominada. Sendo assim, a conscientização das diferenças de Gêneros se dá de forma diferente: elas demonstram estar cientes dessas diferenças e questionam os lugares de homens e mulheres na sociedade enquanto eles tentam mostrar que está tudo bem do jeito que está.

Mas embora à primeira vista pareça que elas têm um discurso diferente do discurso deles, percebe-se que as quatro produções tocam num mesmo ponto: homens e mulheres têm lugares diferentes em nossa sociedade. Outra inferência que poderíamos fazer, a partir dessas quatro produções, é que as identidades são construídas na relação com o outro, através de nossas relações. Não é tão simples ignorar a opinião do outro ou ainda: acreditar que não me constituo também a partir do outro. A forma como o outro me vê diz um pouco do que sou.

Assim, a bebê, a mulher que trabalha em casa, o menino que pede a boneca e a moça que tem que provar que é boa baterista são constituídos através do outro. Conosco não é tão diferente, Bakhtin (1997) ao falar da relação entre autor e personagem/herói, nos lembra que o autor deve tornar-se outro em relação a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. E acrescenta que

a bem dizer, na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem (BAKHTIN, 1997, p. 36).

É essa impressão causada em outrem e o excedente de visão que constituem a alteridade. Nós somos o que pensamos ser, mas também somos o que os outros dizem de nós: o que podemos ser no futuro, com o que podemos brincar, quais atividades podemos exercer, entre outros discursos que se cristalizam entre nós.

Saindo da ficção e pensando na vida, concordo com Bakhtin (1997) quando diz que na vida nos vemos através dos olhos dos outros e depois disso “sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida” (BAKHTIN, 1997, p.37).

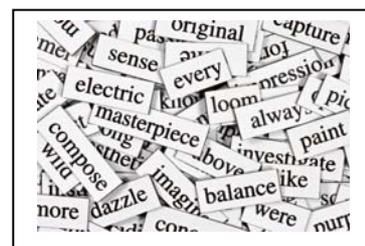
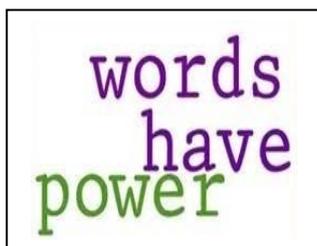
Textos como os mostrados aqui fazem com que pensemos não somente nas relações retratadas naquele espaço verbo-visual, mas também nas relações interpessoais do dia-a-dia e como a alteridade é importante nessas interações. Sobre essa relação eu-outro, Bakhtin diz que

A forma concreta da vivência real do homem emana de uma correlação entre as categorias representativas do *eu* e do *outro*; as formas do *eu* através das quais sou o único a vivenciar-me se distinguem fundamentalmente das formas do *outro* através das quais vivencio a todos os outros sem exceção. Vivencio o *eu* do outro de um modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio *eu*. Trata-se de uma distinção essencial não só para a estética, mas também para a ética (BAKHTIN, 1997, p. 57).

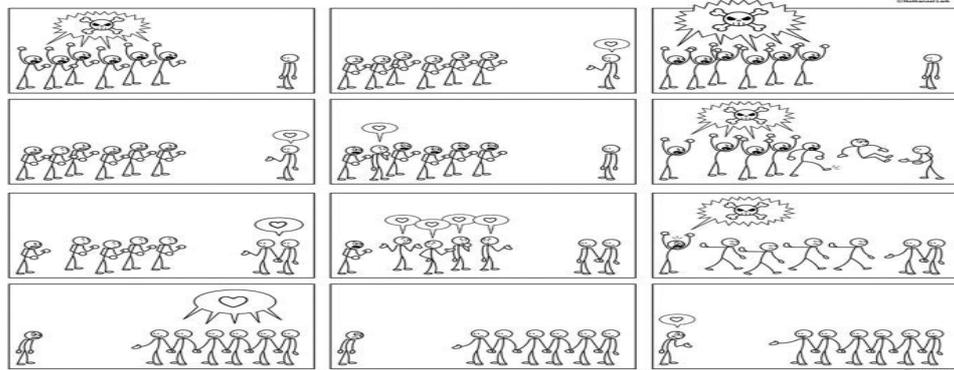
Essa diferença entre a forma como compreendemos o outro e como compreendemos a nós mesmos é percebida nas nossas interações, via Língua. Na Língua, seja através dos ditos ou implícitos, mostramos como vivemos as diversidades e como reagimos a elas.

### 3.2 – O poder da Palavra: Letramento Crítico na aula de Língua Inglesa.

Pensando no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa como um processo que vise ao Letramento Crítico, processo que abra espaço para a reflexão sobre a Língua em uso, com contextos que são permeados por ideologias, levei uma atividade para que a turma participante pensasse sobre o poder da palavra, do discurso e as construções e desconstruções que fazemos através dela no nosso último encontro da pesquisa:

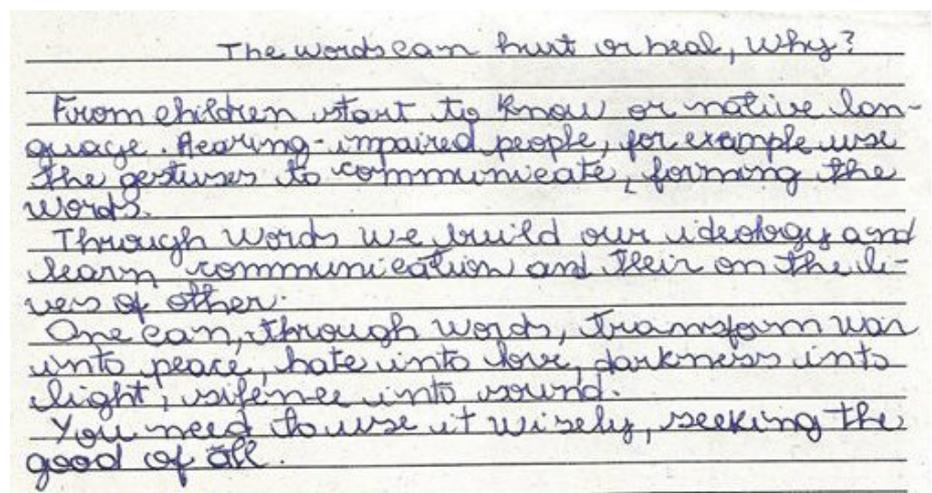


## How To Change The World



Posted by Maria in the facebook group: "Gêneros e Diversidades nas aulas de Inglês"

Antes de apresentar-lhes a atividade, pedi que cada participante dissesse uma palavra em inglês. Enquanto falavam, eu anotava suas respostas. Depois disso, pedi que explicassem o porquê da escolha daquela palavra. Em seguida, refletimos sobre o poder das palavras e sobre as ideologias presentes nelas, inseridas em contextos. Então pedi que escrevessem, fazendo uma ponte entre a importância da palavra/discurso e a relação disso com as diversidades. Para essa discussão trouxe quatro produções. Sobre o poder de ferir ou curar das palavras, Fátima diz o seguinte:



Aqui Fátima diz que desde crianças começamos a conhecer nossa Língua nativa e gestos para comunicarmos. Afirma que “através das palavras nós construímos nossa ideologia” e aprendemos a nos comunicar com o outro e acrescenta que podemos transformar

paz em guerra, ódio em amor, escuridão em claridade, silêncio em som, através da palavra. Finaliza dizendo que é preciso usá-la com sabedoria, buscando o melhor.

Bakhtin (1990) já falava sobre a ideologia presente na palavra, afirmando que o que dizemos não são apenas palavras, mas “verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.(BAKHTIN, 1990, p. 95).

Com tais palavras, Bakhtin nos faz refletir sobre a ideologia presente naquilo que falamos ou escutamos e sobre a nossa reação – respostas– a essas palavras, que se acontecem é porque são signos e não sinais para nós. Concordo com Bakhtin que aLíngua é um processo dialógico etraz consigo uma atitude responsiva ativa. Ela é o “reflexo das relações sociais estáveis dos falantes” (BAKHTIN, 1990, p. 147).

Fazendo uma relação com o que Bakhtin (1990) diz sobre as relações sociais dos interlocutores, é importante destacar que Fátima, embora reconheça a importância da palavra/discurso, esquece-se de mencionar que tal discurso deve estar ligado a ações de mudança. No caso das diferenças de Gêneros, por exemplo, além de repensarmos sobre a reprodução de discursos que incitem preconceito, devemos pensar também sobre ações que cristalizam essas diferenças.

Luana acrescenta algo em relação ao poder da palavra:

The words nowadays has a big influence on people power. This is because people are easily influenced.

The power of the word is as strong as it shows the cartoon , only the words of a person can influence and change design and opinion of an entire group on a particular subject , thought or situation. Most often , influencing people with just the simple fact of showing our thinking and opinion causing thoughts and even discussed doubts about it.

All this power of words, I can have the power to influence people and cause so much cultural diversity causes people to be different and equal at the same time. Other than the fact that not everyone has the same opinion and the same thought on all matters , and at the same time, become equal by the fact that all people are influenced , not the same , not the same people and not with the same facility , with all that,willingly or not , we are all influenced and influencers.

Para Luana, através da palavra podemos influenciar ou ser influenciados. Ela diz que as palavras de uma pessoa podem mudar a opinião de um grupo todo em relação a um assunto em particular, pensamento ou situação.

Possivelmente Luana refere-se a pessoas como Malala ou Martin Luther King Jr, pois estudamos a biografia dela e dele e pudemos perceber que através do discurso – aliado a suas ações – levaram muitas pessoas à reflexão e desejo de mudança, tanto no contexto local no qual se inseriam quanto num contexto global, envolvendo outras culturas.

Através das palavras de Luana, podemos pensar nas questões que envolvem o currículo oculto. A influência, dita por ela, pode ser compreendida nas relações com o outro. É esse outro que muitas vezes nos diz com palavras ou ações qual o nosso lugar, o que podemos ou não fazer ou ser. Lima (2010) pensando sobre a Língua nos diz que a realidade é discursivamente construída e por esse motivo poderá ser desconstruída e reconstruída também, gerando assim mudanças.

Geraldo, pensando nessa relação da palavra que pode nos mudar diz que:

In a world where there are so many differences, ranging from skin color to sexual orientation, people need to be aware and make the title of "rational animal". It is necessary that they recognize a great similarity that unites us all, the fact of being human.

To change this situation it is necessary that we each do their part in helping to preach love and peace throughout the world.

Among many who fought for a better world and serve as inspiration to many people nowadays, we highlight John Lennon and Martin Luther King, who availed themselves of the word to fight for their ideals, proving that it is possible to change the world without the use of physical force necessary to do.

Geraldo, em seu texto, afirma que em um mundo onde há tantas diferenças, que vão desde a cor da pele à orientação sexual, as pessoas precisam estar conscientes e fazer valer o título de "animal racional". Diz ser necessário que todos reconheçam a grande semelhança que nos une: o fato de ser humano. Para isso, ele acredita que é necessário que cada um faça a sua parte para pregar o amor e a paz no mundo.

Geraldo cita algumas pessoas que lutaram por um mundo melhor e servem de inspiração para muitas pessoas hoje em dia, como John Lennon e Martin Luther King, que

usou a palavra – discurso – para lutar por seus ideais, provando que é possível mudar o mundo sem o uso da força física.

Embora Geraldo reproduza o discurso que diz que precisamos ser racionais, o que é um paradigma, o sentido que ele dá a essa palavra é de que devemos ter consciência (FREIRE, 1995) de que o discurso, a palavra, pode gerar mudanças.

Em consonância com Geraldo, Ygor também traz em seu texto algo que aponta para mudança através da conscientização do poder da palavra:

Many people don't believe in the power that words have, but in fact, texts and songs in the Bob Marley end many wars meaningless, promoted peace in many societies.

Ygor afirma que muitas pessoas não acreditam no poder que as palavras têm, mas discorda dessas pessoas, pois vê como exemplo as músicas e textos de Bob Marley que, segundo Ygor, promoveram a paz em muitas sociedades.

Com essas produções pude observar que a turma passou a ver a Língua, materna ou adicional, como uma ponte que pode construir acessos. Um desses acessos leva ao Letramento Crítico, pois

O Letramento Crítico envolve uma postura fundamentalmente diferente para leitura. Em essência, estudantes do letramento crítico aproximam o significado textual como um processo de construção, não exegese; aquele que imbuí sentido ao texto, em vez de extrair significado dele. (CERVETTI, PARDALES & DAMICO, 2011, p. 5).

Com essas produções, percebe-se que os sentidos foram criados e recriados, não apenas reproduzidos. Cada estudante teve a oportunidade de fazer sua voz ecoar, de dizer sua opinião, de construir e desconstruir sentidos na escuta do outro, o que vai além da decodificação de um texto/discurso. A Língua Inglesa para essa turma é uma Língua Adicional, é um ato social no qual nos constituímos constituímos o outro, sendo assim essa Língua está relacionada ao Letramento Crítico, pois através dela podemos compreender o outro, refletir, problematizar e contribuir com discursos que podem gerar mudanças tanto no *eu* quanto no outro.

### 3.3 – Responsividade e interação: conversando sobre Gêneros em duas Línguas.

Nessa parte do trabalho trago alguns trechos das gravações feitas nas nossas aulas. Aqui interpreto nossas produções orais, nossas interações.

Interessante destacar que em muitos momentos embora eu fale em Língua Inglesa, as/os participantes respondem em Língua Portuguesa. Tal fato não seria de se estranhar pelo fato de sabermos que muitas pessoas da turma não têm fluência na Língua Adicional – doravante LAd. O que gostaria de chamar atenção é que mesmo falando em LAd ou LM, a interação, a responsividade, a compreensão aconteciam. Muitas vezes conversamos sobre Gêneros em duas Línguas: a da professora e a da turma. Vejamos:

*Eu (03:04): What would you do if you were a boy or a girl?*

*(risos...)*

*Eu (05:45): Last class I asked you what would you do If you won the lottery... you said with no problem... but why today is so difficult... to speak about to be a boy or to be a girl?*

*Judite (06:02): Professora, eu acho que se a pessoa falar o povo vai dizer: “Ah , ela tem tendência...”, entendeu? Ou: ele tem... [turma concorda]*

*Elias (06:19): Professora, eu queria ter cabelo grande... [mas você pode ter...] mas se eu tiver cabelo grande, eu não entro em casa.*

*Judite (06:23) professora, também ... sei lá...eu acho que devia ser mais fácil, entendeu?... que a menina quando sai tem que se preocupar em arrumar o cabelo... tem que fazer as pernas... porque se não quando a pessoa sai assim... [turma interage] é... por que é feio só a mulher? Por que não é feio o homem com perna cabeluda? [turma interage]*

*Bianca - (07:27) – ô, professora, eu acho que os homens não querem mudar porque é a gente quem... sofre mais...*

*Geraldo – olhando por esse ponto aí... é... mas eu... eu ia ser lésbica... (risos)*

Aula 1: 20 de setembro de 2013

Inicialmente percebe-se que embora eu fale, faça questionamentos em Língua Inglesa, todas as respostas são dadas em Língua Portuguesa. Mesmo que teoricamente estivéssemos usando Línguas diferentes, estávamos traçando um diálogo (no sentido Bakhtiniano), com respostas, ideologias, silenciamentos.

Pensando na compreensão responsiva ativa<sup>43</sup> dessas/es discentes, percebemos que ao ouvir um enunciado dão respostas coerentes com aquilo que lhes é perguntado. Refletindo sobre o ato de compreensão e a possível réplica, dita por Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Zozzoli afirma que: “a compreensão e o reconhecimento são, então dois processos diferentes: o signo, sempre ideológico, é compreendido e o sinal é reconhecido” (ZOZZOLI, 2012, p.258). É a partir daí que a autora fala da noção de compreensão responsiva ativa e alia a isso a noção de produção responsiva ativa que é

Definida como a continuidade da atitude responsiva ativa que se inicia na compreensão e se desenvolve para além de um novo texto produzido, considerado, dessa forma, não como produto, mas como parte de um processo que se estabelece na interação verbal e não verbal e que não se conclui na materialidade dos textos (ZOZZOLI, 2012, p. 263)

Concordo com Zozzoli em relação ao termo ‘produção’, pois o que pode parecer produto, forma acabada, é na verdade parte do processo de compreensão, processo dialógico. Acredito que a maneira como pensamos o Ensino-Aprendizagem de Línguas pode contribuir ou não para momentos de compreensão responsiva ativa ou de percepção da pessoa outra (do outro) em nossos Discursos.

Talvez o fato de termos dialogado em duas Línguas – portuguesa e inglesa – tenha ocorrido porque a primeira pessoa a responder, Judite, tenha o feito em Língua Materna e também por eu ter dito que poderiam falar em inglês ou português, da forma que se sentissem mais confortáveis. Observando as perguntas e as respostas, podemos perceber que são coerentes, pois quando se é perguntado algo, a resposta, a opinião da pessoa participante atende ao que é solicitado. Pensando na coerência entre perguntas e respostas, lembro das palavras de Bakhtin quando afirma que

Toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 272)

---

<sup>43</sup> Termo utilizado por Zozzoli, baseada na concepção dialógica de linguagem de Bakhtin e da compreensão responsiva que Bakhtin traz em *Estética da Criação Verbal*.

A resposta é dada porque houve compreensão. Trouxe aqui para reflexão as interações verbais que fizemos na aula, mas é sabido que as pessoas que não se manifestaram naquele momento também respondiam quando pensavam algo relacionado a discussão, quando balançavam a cabeça concordando ou discordando de algo dito, etc.

Quanto ao conteúdo das respostas, observo como o tema Gêneros circula nas falas das/os estudantes. Início perguntando na Língua Adicional: “o que você faria se fosse um menino/menina?”. A turma passa mais de dois minutos para responder. As/os estudantes riem, falam entre si, mas só depois de algum tempo e de eu voltar a insistir, refazendo a pergunta, Judite responde.

Em sua fala fica claro que as outras pessoas confundem discussões sobre Gêneros com questões de orientação/identidade sexual: “eu acho que se a pessoa falar o povo vai dizer: “Ah, ela tem tendência...”. Elias diz querer ter algo que socialmente é aceito com naturalidade para mulheres, mas com resistência para os homens – pelo menos num contexto local – que é ter cabelos longos. A turma interage e alguém afirma que ele poderia ter se quisesse. Então Elias completa: “se eu tiver cabelo grande, eu não entro em casa”. Em sua fala, o aluno destaca o papel que a família exerce em relação às diferenças de Gêneros, ditando o que homens e mulheres podem ou não ter, fazer. Judite interage mais uma vez questionando o porquê de algumas regras de apresentação pessoal para mulheres e não para homens. Aí ela questiona também as limitações dadas a um Gênero e não a outro: “Por que não é feio o homem com perna cabeluda?”(Judite).

Observando que os meninos não se posicionaram muito em relação à questão trazida por mim, Bianca afirma, com outras palavras, que a situação social do homem é mais tranquila que a da mulher e que talvez por isso eles não se preocupem em se colocar no lugar da outra pessoa, pois “a mulher sofre mais”. Geraldo concorda com a fala de Bianca, mas acrescenta: “mas eu... eu ia ser lésbica”. Assim Geraldo mostra que se tivesse que se colocar no lugar de uma mulher não mudaria sua identidade sexual, continuaria se sentindo atraído por mulheres. E assim ele enfatiza sua heterossexualidade.

Depois desse momento em que pedi para que cada pessoa se colocasse num lugar diferente do que está – ser alguém de outro gênero – perguntei-lhes: “What do you think about “Gender differences?” Are there any difference between boys and girls?”<sup>44</sup> a turma,

---

<sup>44</sup> Qual sua opinião sobre diferenças de Gêneros”? Existem diferenças entre meninos e meninas?

como em coro, respondeu que sim. Insistindo, perguntei: “What kind of differences<sup>45</sup>? Então Judite respondeu:

*Eu acho que para as mulheres é mais difícil, professora... (a mulher é mais vaidosa) Não... que ela vem de uma cultura machista, entendeu? A gente foi colonizado pela... é... por um outro país que era católico... então tem... tem muita besteira em relação às mulheres... eu acho.*

Aula 1: 20 de setembro de 2013

Aqui Judite aponta não para os aspectos biológicos das diferenças de Gêneros – o que é lugar comum nesse tipo de discussão – mas traz aspectos históricos, culturais e religiosos que ao longo do tempo foram justificando as diferenças entre Gêneros e fazendo com que a vida, de forma geral, fosse “mais difícil” para as mulheres.

Lívia, outra aluna participante, concorda com a fala de Judite e acrescenta: “Exato! Que a mulher ficar com um monte de homem, ela é piriguete’, mas se um homem ficar com um monte de mulher...” Com essa fala, Lívia traz a questão dos direitos sexuais de homens e mulheres que têm conotações diferentes em nossa sociedade. Isso me faz lembrar também que há algum tempo a ciência tentou justificar a homossexualidade masculina com base em aspectos biológicos, mas questionava a não heterossexualidade feminina. Depois da fala de Lívia, digo: “You Said boys have liberty... what are the other differences between boys and girls?”<sup>46</sup>. Judite afirma:

*Emocionalmente a mulher é mais forte que o homem...((interação)) a mulher tem que aguentar mais coisa que o homem... é... por exemplo...tem de suportar todo mês... é...é... ((risos)) diferenças de hormônio que acabam interferindo na personalidade dela, quando ela é mãe acaba tendo uma responsabilidade muito maior do que o pai... entende? A mulher ela sofre mais, por exemplo... ela sofre mais preconceito da sociedade... é... então a mulher... ela é que é o sexo forte, o homem não é não. Ele que é o sexo frágil.*

Aula 1: 20 de setembro de 2013

Com essa fala, Judite traz reflexões sobre aspectos biológicos das diferenças entre Gêneros. Aspectos esses que por muito tempo justificaram a superioridade de um Gênero – o

---

<sup>45</sup> Quais diferenças?

<sup>46</sup> Vocês disseram que os meninos têm mais liberdade... quais são as outras diferenças entre meninos e meninas?

masculino – em relação ao outro. Frases como “mulher é o sexo frágil” naturalizaram-se entre nós. E essa fragilidade estava relacionada tanto ao corpo quanto ao sentimentalismo atribuído a esse Gênero. Com isso negava-se ou omitia-se a construção dos papéis de Gêneros que eram e são construídos através das relações interpessoais, dentro de contextos locais e globais e que se cristalizam na Língua/linguagem. Judite caminha na contramão, dizendo que a mulher é o sexo forte. Com isso ela nos faz pensar que toda carga dada à mulher num processo histórico-cultural é incoerente com a fala que a considera “frágil”.

Então trago outra problemática – pensarmos o que teríamos em comum – “What do boys and girls have in common? Ao transcrever as falas, não consigo identificar quem diz cada coisa, mas as falas que se seguem a esse questionamento são:

<p>__ <i>Em comum, né?</i>          __ <i>As pernas (risos)</i>          __ <i>Tem outras coisas, vamos pensar...</i>          __ <i>Os dois têm que trabalhar</i></p>
--

Aula 1: 20 de setembro de 2013

Nesse momento percebi que para as/os participantes foi ainda mais difícil encontrar semelhanças/ igualdades em relação aos Gêneros. Alguém cita “as pernas” se referindo de forma cômica ao que Judite tinha dito em uma de suas falas iniciais, mas o máximo que se consegue pensar nesse momento é que homens e mulheres estão inseridos no mercado de trabalho – o que há algum tempo não ocorria, pois a mulher era do lar, precisava estar em casa para cuidar dos afazeres domésticos, cuidar das crianças e do marido. Imaginei que alguém lembraria que temos em comum a questão de sermos humanos, sermos pessoas que têm sentimentos, que pensam, refletem, constroem e desconstroem paradigmas, entre tantas outras características, mas talvez esses atributos não tenham sido levantados porque por muito tempo foram ditos apenas para os homens.

Então pedi que em duplas ou trios ouvissem a música *If I were a boy*, de Beyonce. Na primeira para colocar em ordem, na segunda para ler e compreender o que a letra diz. Depois fomos ao momento que chamo de letramento crítico, no qual produzimos nossas reflexões a respeito daquilo que é construído, com base no nosso conhecimento de mundo, com os diálogos que travamos, com a escuta do outro, com nosso posicionamento. Logo que ouvimos a música pedi que dissessem a opinião delas/deles. Judite diz que:

*tem que ver também o lado que as pessoas... sei lá é tão misturado que... (hum...) não... não... não é no sentido de ser gay ou ser lésbica... (ninguém tinha falado nisso...) a mulher é MULHER, entendeu? Gosta de homem, só que acaba... como é que posso dizer? Agindo como homem, entendeu? Mas ela gosta de homem. Ou então um homem que é (é mais sensível) é mais sensível, mas gosta de mulher, entendeu?*

Aula 1: 20 de setembro

Nesse momento Judite traz outra questão: gênero e opção sexual são coisas diferentes. Quando ela diz que “está tudo misturado”, a interação das/os colegas sugere que ela estaria falando das questões de sexualidade, mas ela enfatiza que essa mistura a qual ela se refere não é sexual, mas de performances sociais que não são – ou não deveriam ser – mais estagnadas. Uma mulher e um homem, mesmo heterossexuais, podem transgredir o que se é esperado por ela/ele, agindo, vivendo, falando de forma que as igualdades sejam superiores às diferenças.

Em relação às Línguas que dialogam nesse momento, defendo que quando pensamos num Letramento Crítico, é de fundamental importância abrir as portas da aula de Língua Adicional para a Língua Materna, principalmente em contextos em que a turma não tem fluência suficiente para discutir assuntos mais complexos. Imaginemos se essa abertura não fosse dada: a aluna Judite, aquela que dizia não saber inglês, não teria se posicionado e contribuído de alguma forma com nosso processo de letramento crítico que se dá, também, na escuta da outra pessoa. Observamos também que mesmo afirmando não saber a Língua Inglesa, Judite sempre respondia às questões que eram feitas nessa Língua, sem necessitar de traduções. Ela inferia o que se pedia através do contexto e se colocava. Concordo com Motta quando diz que

O letramento crítico busca engajar o aluno em uma atividade crítica através da linguagem, utilizando como estratégia o questionamento das relações de poder, das representações presentes nos discursos e das implicações que isto pode trazer para o indivíduo em sua vida e comunidade. (MOTTA, 2008).

Esse engajamento crítico através da linguagem foi percebido nas interações de Judite. Seu interesse em contribuir com a discussão sobre Gêneros não seria desvendado se sua voz fosse calada em nossas aulas. Em outros momentos, que trarei aqui nesse trabalho, poderemos perceber que até a turma reconhece essa criticidade de Judite em relação ao tema em foco, o que não tinha sido percebido antes, mesmo a turma já estando em seu segundo ano de convívio.

### 3.4 – Se eu fosse um garoto...: reflexões e refrações a respeito das diferenças de Gêneros.

Como já havia dito anteriormente, em nossas interações orais houve certa dificuldade em as/os participantes se colocarem no lugar da outra pessoa, pensar em si dentro de um contexto de Gênero diferente. Além das interações verbais, pedi também que respondessem por escrito a algumas questões<sup>47</sup>, com base na música *If I were a boy*. Dentre as questões, escolhi para essa parte do trabalho analisar/interpretar as questões dois e seis – doravante Q2 e Q6 – que foram feitas por escrito na primeira aula – A1 – sobre Gêneros. Q2 e Q6 perguntam, respectivamente: “Existem diferenças entre meninos e meninas? (se ‘sim’) quais são as principais diferenças? Por que acontecem?” e “O que você pensa sobre ‘Diferenças de Gêneros’?”.

Nesse tópico trago algumas respostas dadas para pensarmos sobre as reflexões – reproduções – e as refrações<sup>48</sup> – extrapolações – feitas a partir da Língua a respeito das diferenças de Gêneros. A meu ver, refletir ou refratar é também parte dos processos de Letramentos. Quando pergunto, por escrito, se há diferenças entre meninos e meninas a turma é unânime ao dizer que sim. Então pergunto quais são as principais diferenças e por que acontecem. Nando diz que<sup>49</sup>

*as meninas são mais cautelosas do que os meninos e são mais práticas e precisas em várias tarefas. Os meninos costumam demonstrar menos o seu lado sentimental com os outros a sua volta, diferente das garotas que costumam ser mais sentimentais. Os garotos consideram-se com maior liberdade social (de sair para festas e chegar tarde em casa, por exemplo) do que as meninas, que na maioria das vezes, são impelidas de praticar esta mesma liberdade pela família. (Nando, A1Q2)*

Aula 1: 20 de setembro de 2013.

Nando começa refletindo sobre as diferenças ditas biológicas que fazem com que homens e mulheres ajam de forma diferente: elas mais cautelosas e sentimentais e eles mais

- 
- 1) <sup>47</sup> What would you do if you were a boy/girl?
  - 2) Are there differences between boys and girls? (If “yes”) what are the main differences? Why do they happen?
  - 3) In the song ‘If I were a boy’, would the girl like to be a ‘better man’? why? Explain.
  - 4) Read the third part of the song and talk about it. (it can be in Portuguese or English)
  - 5) What “But you’re just a boy” means?
  - 6) What do you think about “Gender differences”?

<sup>48</sup> Reflexão e refração a partir dos pensamentos de Bakhtin.

<sup>49</sup> Ele respondeu a essa questão em língua Portuguesa.

descuidados – contrário de cautelosos – e não demonstram com facilidade seus sentimentos. Depois disso, ele usa o termo “consideram-se” para se referir aos meninos e sua liberdade “social”. E acrescenta, dizendo que as meninas são impedidas pela família de ter a mesma liberdade.

Percebo que as respostas de Nando refletem o discurso que cristaliza as diferenças de Gêneros, atribuindo-lhes a questões que não poderiam ser mudadas. Essa reflexão se dá como aquela da imagem no espelho. É a reprodução de algo que ali está, nesse caso, o discurso. Mas quando convidado a pensar sobre por que as diferenças acontecem, ele sai da reflexão-reprodução para a refração, ou seja, ele traz as questões sociais das diferenças de gêneros. Quando diz que os garotos “se consideram” livres, Nando problematiza, mesmo sem ser explícito, que deixar o homem ser livre nos é ensinado de forma implícita. Mas quanto ao impedimento da mulher ser livre, isso é bem marcado pela família. Na fala de Nando percebemos os ditos e não-ditos em relação às diferenças de Gêneros.

Quando perguntado sobre qual sua opinião sobre as diferenças de Gêneros, Nando responde<sup>50</sup>

*Que, apesar de as diferenças serem difíceis de enfrentar, devemos tentar o nosso Melhor para aceitar e consentir, pois durante toda nossa vida encontramos pessoas que irão impor barreiras morais e motivação para superá-los é a principal arma para deixar o ceticismo de lado e viver com diferenças. (Nando, A1Q6)*

Aula 1: 20 de setembro de 2013.

Mesmo dizendo que “motivação” para superar preconceitos, dificuldades, ceticismo é a principal maneira de se viver com as diferenças, Nando mostra nessa resposta – através das escolhas que faz das palavras, ideológicas – um discurso que incita o conformismo, pois nos convida para que nos esforcemos ao máximo para “aceitar” e “consentir”, porque em nossa vida sempre iremos nos deparar com pessoas preconceituosas. Interessante observar também que Nando diz “pessoas” se referindo às outras pessoas e, de certa forma, eximindo-se da responsabilidade de perceber a diversidade sem destacar diferenças.

---

<sup>50</sup> That even though the differences be difficult to face, we must try our Best to accept and consent, because throughout our lives we find people Who are going to impose moral barriers and motivation to overcome them is the key weapon to let skepticism aside and live with differences. (Nando, A1Q6)

Com Elias, outro participante da turma, não é muito diferente. Quando perguntado sobre as principais diferenças de Gêneros e por que acontecem, ele diz<sup>51</sup>: “Garotos são mais livres que as garotas. Elas são mais sensíveis que eles. Porque são Gêneros diferentes” (Elias, A1Q2). Elias traz novamente a questão da liberdade entre Gêneros que tem medidas diferentes para cada um e a justificativa para que aconteçam é porque um é homem e outra mulher. Quando peço para que digam a opinião sobre essas diferenças, Elias responde<sup>52</sup>:

*Eu acho que garotos e garotas são muito diferentes, mas em alguns aspectos existem características comuns. Mas existem coisas que são únicas a cada Gênero e nós não podemos mudar. (Elias, A1Q6)*

Aula 1: 20 de setembro de 2013.

Em seu discurso, Elias também afirma as diferenças de Gêneros, mas sua opinião é que as características únicas a cada gênero não podem ser mudadas. A princípio, entendi que Elias se referia às questões biológicas, inerentes a cada sexo, uma vez que ele não exemplifica. Mas relendo sua Q2 percebo que ele fala das construções sociais de Gêneros: “meninos mais livres, meninas mais sensíveis”. E reflete – reproduz – o que grande parte de nossa sociedade diz a respeito das diferenças. Elias conclui dizendo que “não podemos mudar”. Assim ele naturaliza as diferenças de Gêneros e silencia as questões linguísticas e sociais que perpetuaram essas diferenças. Ao dizer que não tem jeito, que não há mudanças, Elias também se conforma com essas diferenças. Será que isso acontece por que Elias ainda não despertou para essas diferenças que, na maioria das vezes, gera preconceitos, violências e da possibilidade de combatê-las? Ou será que Elias, que não está do lado menos favorecido dessas diferenças, prefere não questionar o que não lhe tem incomodado?

Bethânia, em sua resposta à pergunta sobre as principais diferenças e a razão de acontecerem, diz que é<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Yes, there are. Boys are more freedom than girls, Girls are more sensitive than boys. Because are genres very different. (Elias, A1Q2)

<sup>52</sup> I think boys and girls are very different, but in some ways there are common characteristics. But there are things that are unique to each genre and we shouldn't change it. (Elias, A1Q6)

<sup>53</sup> In society, but there is difference between man and woman, because men can trace their love life with several (cheating) and this is seen as normal (catcher), but the woman is discriminated against because they do the same is seen as abnormal in society ... Taking names pimps as a prostitute, these differences exist because of machismo, the vision of society that is a cultural thing!

*Na sociedade, mas há diferença entre homem e mulher, porque os homens podem traçar sua vida amorosa com várias (traindo) e isso é visto como normal (pegador), mas a mulher é discriminada porque se elas fazem o mesmo é visto como anormal na sociedade ...Levando nomes chulos como uma prostituta, essas diferenças existem por causa do machismo, a visão da sociedade, que é uma coisa cultural! (Bethânia, AIQ2)*

Aula 1: 20 de setembro de 2013.

Bethânia, diferente da posição dos seus colegas, defende que as diferenças de gêneros são construídas socialmente. Questiona a “normalidade” da liberdade sexual de homens e não das mulheres e mostra como a sociedade reage diante essa liberdade com palavras como “pegador” e “prostituta”. Pensando nessa questão trazida por Bethânia, lembro que em novembro de 2013<sup>54</sup>, no Piauí – nordeste brasileiro – uma jovem de dezessete anos tirou a própria vida após ter um vídeo íntimo vazado na internet<sup>55</sup>. Depois do compartilhamento do vídeo, a jovem escreveu em uma rede social para sua mãe: “Eu te amo, desculpa eu n ser a filha perfeita, mas eu tentei... desculpa desculpa eu te amo muito”. E sua última postagem na rede foi: “Tô com medo, mas acho que é tchau pra sempre”. Isso mostra como os direitos sexuais de homens e mulheres são diferentes em nossa sociedade. “O garoto envolvido nesse vídeo não precisa se envergonhar, mas a garota sim.” Parece ser isso o que a sociedade tem nos ensinado nos seus ditos e não-ditos. Mas como afirma Louro:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo. (LOURO, 2010, p. 28)

Com isso Louro (2010) quer nos chamar atenção em relação às identidades de Gêneros. Para que percebamos que essas relações não precisam ser estáticas, que podemos problematizar, transgredir ou perpetuar as diferenças de Gêneros. A autora afirma que as construções identitárias são sempre transitórias, transformando-se no tempo e na história, na interação com histórias pessoais, identidades sexuais, de etnias, de classe, etc. Concordo com tal posicionamento, pois as identidades se constituem também a partir do contato com o outro.

<sup>54</sup> Para que fique clara a ordem cronológica dos fatos, Bethânia escreveu essa resposta em setembro de 2013.

<sup>55</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/mae-de-jovem-achada-morta-apos-video-intimo-reclama-de-violacao.html>.

### 3.5 – Gêneros: do ponto de vista biológico ao social, numa perspectiva Local e Global.

Para análise/interpretação dessa seção do trabalho, trago, em forma de tabela, as respostas dadas em algumas aulas, com o objetivo de explicitar as mudanças ocorridas no discurso de algumas pessoas da turma participante da pesquisa. Para isso, utilizo as seguintes siglas: *A* para indicar aula e o número seguinte para situar em qual das aulas a resposta fora dada. A letra *Q* indica a questão. Por exemplo, “A1Q2” refere-se à segunda questão feita na aula um As pessoas escolhidas nessa seção são aquelas que realizaram todas as atividades. Vejamos<sup>56</sup>:

ATIVIDADE	YGOR	ELIAS	BIANCA	MARIA
A1 Q2	Yes, woman have learned to be stronger, they are sensitive and courageous.	Yes, there are. Boys are more freedom than girls. Girls are more sensitive than boys. Because are genres very different.	Sim, as principais diferenças são a sensibilidade, a organização, a limitação que é predominante nas garotas. Quanto o contrário desses adjetivos, é predominante nos garotos. Acontecem por ser da própria natureza do sexo ou simplesmente pelo costume, ou seja, um influencia o outro na convivência sem perceber.	Yes, usually, girls are more delicate and loving, and the boys are more free and carefree.
A2Q3	Ao longo dos tempos foi criado um status	Algumas pessoas, as vezes são levadas a fazer esse	É uma afirmação verdadeira, pois as diferenças que há	Pode se dizer que essa afirmação está correta, pois, com a evolução

<sup>56</sup>A1 Q2: Are there differences between boys and girls? If yes, What are the main differences? why do they happen?

A2Q3: “Gender differences are socially constructed”. What’s your opinion?

A2Q4: Among the words “Sexual option”, “sexual choice”, “sexual orientation” and “sexual identity”, which one do you think is the best to talk about heteronormativity and homosexuality?

A3Q3: Can we do anything to help people who live in other countries? Why? How?

A3Q4: Are there Gender differences in Brazil? What can you do to solve this situation?

A3Q6: Do you know any story of a girl or boy (woman or man) who fight/fought against gender differences? Tell here.

A4Q8: Who are you?

	preconceituoso de que todo homem tem q ser “macho” e ficar com mulheres, e toda mulher tem que ser “fêmea” e ficar com homens. Essa teoria de quem tem corpo de homem tem que ficar com mulheres e vice-versa foi criada socialmente durante décadas.	tipo de escolha*, as vezes por conta da pressão social, que tem uma grande influencia nesse tipo de assunto.  (*referindo-se à sexualidade)	entre os gêneros, a maioria, são desenvolvidas e construídas pela sociedade desde muito cedo até os dias, vindo de geração em geração. Como por exemplo classificar as mulheres como frágeis e os homens como destemidos, resultando essas características em pequenas atitudes, até quando crianças em brincadeiras e gestos	da humanidade, foram criadas características para cada sexo, onde, inicialmente, as mulheres ficavam cuidando do lar e dos filhos, enquanto o homem ia para a rua, para o trabalho. Disso, foram-se criando os gêneros e as coisas começaram a ficar mais divididas, onde há brinquedos, cores, atividades, atitudes, trabalhos “de homem/menino” ou de mulher/menina”.
A2Q4	Sexual identity is not a choice and not an option is the identity. They are not gay because they want to, but because it is identified with that.	I think the best word to think about it is “sexual choice”, because, in my opinion, the people can choose how they want to live	Sexual orientation, because when you're heterosexual is a choice, your choice, independently be your head or heart. And that too goes for homosexuality.	Acho mais adequado o termo “identidade sexual”, pois acredito que ser hetero ou homossexual não seja uma escolha, nem uma orientação, e sim, algo relacionado ao seu “eu”, ligado à personalidade e a características pessoais.
A3Q3	Yes, we can show the countries world that distant countries evolved and prejudiced thoughts that need to be revised.	Sim. Usando as redes sociais, a mídia e outras maneiras que estejam ao nosso alcance.	Sim, mas ainda não sei como.	É possível, sim, ajudar pessoas que estão longe, em outros países. Podemos usar os meios de comunicação a nosso favor, colocando petições na internet e conscientizando as pessoas de que algo está errado e eu podemos mudar para melhor.
A3Q4:	Show people that prejudiced thoughts slows the country.	Sim, embora seja pequena. Mudar nossos pensamentos para uma forma d visão mais aberta.	Sim. Acho que podemos mudar a partir de casa, não deixando o homem ser superior a mulher, mudando algumas atitudes.	Comparado ao Paquistão, as diferenças de gênero no Brasil são poucas, mas existem e há muitas pessoas que sofrem com isso. Uma maneira simples de diminuir o sofrimento dessas pessoas é acabar com o

				preconceito e respeitar as diferenças.
A3Q6:	Yes, there are other stories of overcoming the world, a girl through a blog should reform the whole school.	Sim. “Judite”, aluna do IFAL, mesmo não sendo conhecida, tem um pensamento de mudança deste tipo de assunto. Ela pensa na posição da mulher em uma forma igualitária em relação aos homens, e que nada deve ser restrito somente para o gênero masculino. As mulheres também devem ter os mesmos direitos dos homens, em relação a educação, política, etc.	No.	Meu pai foi um lutador pela igualdade de gênero. Na sua infância ele discordava da forma que as coisas eram divididas, por exemplo: suas irmãs não podiam brincar na rua com ele, o que o fazia questionar o porquê disso. Já mais jovem, ele lutou em sua própria casa pelo fim do preconceito com as diversas religiões e estilos, pois ele era muito discriminado por não ser da mesma religião que sua família e por seguir um estilo punk. Hoje eu ainda percebo nele esse espírito de igualdade, tentando dar as mesmas oportunidades a mim e meu irmão.
A4Q8	Meu nome é Ygor* e eu sou diferente e isso que me faz ser normal. Não sigo regras de mídia e nem sou influenciado.	I’m a boy, I study at IFAL, I love electronic games, I like reading books. I’m evangelic, I love playing the guitar on the church which I go every weekend, I like music, like gospel rock and other kinds of music.	My name is Bianca*, a girl very reserved, I’m 18 years old, study at IFAL, single, morena, not work, like dancing going out with friends and things like happy and sunny days, very short reggae.	I’m a girl. 17 years old, my name is Maria*, grade is Eletric in IFAL. Can be engineer and visit other countrys.

Através das respostas dadas podemos observar que na primeira aula a turma compreendia as diferenças de Gêneros pautada em questões biológicas, naturais. É recorrente em seus discursos que “as mulheres são mais sensíveis/sentimentais que os homens”. A partir da segunda aula, observamos que os discursos circulam em torno das construções sociais das identidades de homens e mulheres, reconhecendo a pressão, imposição e construção das diferenças de Gêneros.

Quando lhes foi perguntado a respeito de qual a melhor palavra para falar de heteronormatividade e homossexualidade, divergiram em suas respostas. Ygor escolheu “identidade sexual”, explicando que é uma questão de identificação; Elias defende o termo “escolha sexual”, afirmando que as pessoas podem escolher como querem viver; já Bianca diz que a melhor expressão é “orientação sexual”, mas explica dizendo que é uma questão de escolha. Maria, por sua vez, concorda com Ygor, dizendo que identidade sexual é a melhor palavra.

O objetivo da quarta questão da aula dois era perceber a ligação da palavra escolhida por cada uma das pessoas participantes com aquilo que definiam, observando assim os aspectos ideológicos por trás de tal escolha. Quando se diz, por exemplo, que a homossexualidade é uma questão de opção há uma crença de que se pode optar por ser hétero. Mas ao pensar no termo identidade, há questões ideológicas que vão além da escolha, da opção. São questões ligadas ao ser e não ao escolher.

Na aula três, depois de estudarmos a biografia de Malala, perguntei-lhes se conheciam alguma menina/mulher ou menino/homem que luta ou lutou contra as diferenças de Gêneros. É importante informar que a maioria da turma teve dificuldade em trazer tal temática para um contexto local. A maioria não soube responder, deixou em branco ou disse não conhecer. Mas Ygor, Elias e Maria lembraram de pessoas que mesmo com gestos considerados pequenos, diante do que fora feito por Malala, conseguem mudar a realidade ao seu redor. Interessante observar que Elias descobriu – com essa pesquisa – em sua sala de aula uma colega que tem um discurso que propõe igualdade entre os Gêneros, Maria recordou do pai que tenta combater as diferenças de Gênero na sua própria casa e Ygor, de uma garota que mudou seu contexto local – a escola – através de reivindicações feitas num blog.

Interessante observar que o discurso mudou de biológico para social. Isso é importante, pois justificar diferenças na perspectiva biológica é afirmar, mesmo que indiretamente, que as mudanças não são possíveis ou são quase impossíveis, uma vez que seria o natural, o normal. Pensar nas diferenças como construções sociais, permite-nos problematizar tais diferenças, desmistificar alguns discursos e ações e propor mudanças, mesmo que num plano local ou até mesmo pessoal.

As questões três e quatro da terceira aula remetem a uma reflexão sobre questões locais e globais que envolvem as diferenças de Gêneros. Num contexto global é recorrente em suas respostas que a tecnologia pode ser uma ferramenta para conscientização, reflexão e possível

mudança. Já numa perspectiva local, elas e eles trazem para si a responsabilidade de iniciar tal mudança, começando com a mudança do pensamento para a mudança das ações.

Com as produções apresentadas nesse capítulo, observo que houve uma mudança em relação à compreensão das diferenças de Gêneros. Tanto a turma quanto eu pudemos compreender que a Língua é um dos caminhos que temos para cristalizar tais diferenças, perpetuando-as ou para problematizá-las, propondo mudanças. Percebemos também a importância do outro na constituição das identidades de Gêneros, pois é a partir da escuta do outro, do exemplo do outro, que podemos refletir e também contribuir com nossa visão.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro desafio a que me propus nesse trabalho foi o de escrever transgredindo a norma culta da Língua Portuguesa que dita que devemos usar o masculino como forma geral. Utilizei palavras que englobassem os dois gêneros possíveis na Língua ou dei ênfase a cada um deles, tentando, assim, desocultar o feminino. Isso não é uma tarefa fácil, pois desconstruir algo que está tão enraizado em nós requer uma escrita atenta e crítica em relação aos lugares de Gêneros.

Quanto às perguntas de pesquisa, feitas no capítulo metodológico, poderia afirmar que para ensinar-aprender Língua Inglesa de modo que essa Língua nos faça refletir sobre questões de Gêneros é necessário que a compreendamos como uma Língua Adicional, que seja signo para nós. É importante entender que a Língua é mais que uma estrutura, que um vocabulário ou lista de regras gramaticais, ela é uma ponte entre o *eu* e o *outro*. E esses interlocutores em diálogo terão uma Língua a mais para refletir sobre questões sociais que considerem relevantes. Acredito que demos um passo nesse caminho quando refletimos sobre o poder da palavra/discurso.

Respondendo à segunda questão, poderia dizer que o Letramento Crítico pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa quando utilizamos um texto não só para saber a opinião de uma autora ou autor, mas para que em diálogo com ela/ele possamos nos posicionar criticamente. Nas atividades propostas nessa pesquisa foi dada voz para que cada participante refletisse criticamente sobre as questões de Gêneros.

Quanto a o que fazer para discutirmos o tema Gêneros quando a maioria da turma não fala inglês, acredito ser importante oportunizar o uso da Língua Materna nos momentos de discussões. Dar liberdade para que cada estudante fale na Língua que se sente mais confortável é permitir ouvir sua voz, suas reflexões e problematizações. Isso foi feito em todas as nossas aulas e pudemos observar no tópico 3.3 nossas interações em duas Línguas.

Em relação aos eventos de letramentos que nos auxiliam a desenvolver nosso Letramento Crítico sobre as questões de Gêneros, posso afirmar que os eventos escolhidos e/ou produzidos nessa pesquisa: letra de música, vídeo, comentários numa rede social, biografia, tirinha e fragmento de livro, assim como as questões feitas possibilitaram as reflexões sobre as diferenças de Gêneros. Provavelmente se tivéssemos nos detido apenas ao

que estava escrito ou às questões gramaticais presentes, implicitamente, nesses eventos não teríamos a oportunidade de exercitar nosso Letramento Crítico.

Para que o Letramento Crítico esteja presente em nossas aulas de Línguas, Materna ou Adicional, precisamos nos perguntar qual a concepção de Língua que temos, como professoras/es, se a nossa prática tem andado de mãos dadas com a teoria que mais nos identificamos e até que ponto temos enfatizado as produções de nossas/os alunas/os, no sentido de lhes dar vez e voz nesse processo, que desejamos, dialógico.

Acredito que é possível termos produções textuais e/ou visuais que reflitam e refratem o Letramento crítico, mas para isso é preciso que acreditemos e incentivemos nossas turmas. Acredito também que docentes que desejam ser agentes de Letramento têm que estar atentos para as questões cruciais, tanto num contexto local quanto global. Assuntos como diversidade de gêneros, étnicas, religiosas, culturais, entre outras precisam ter espaço em nossas aulas.

Para que isso aconteça, é preciso que a Língua Estrangeira se torne Língua Adicional, que ela faça sentido tanto para quem aprende quanto para quem ensina. É preciso que deixe de ser sinal e passe a ser signo. Que ultrapasse as barreiras da decodificação e seja veículo de Letramento e criticidade. É importante também perceber que as outras Linguagens também estão presentes em nossas vidas. Então por que não fazer com que façam parte também de nossas aulas?

A produção textual não precisa seguir uma “ordem cronológica” e ficar sempre para a reta final. Isso costuma acontecer nas aulas de Língua Inglesa. Muitos/as docentes acreditam que para que a/o discente possa escrever em outra Língua, que não a Materna, é preciso “dominar” a estrutura gramatical dessa Língua, saber todos os tempos verbais, significado de muitos vocábulos, etc. Sendo assim, a produção textual em Língua Inglesa – nesse caso, Estrangeira – passa a não ser uma atividade presente nas séries ou cursos iniciais.

Considero importante a reflexão a respeito das produções em Língua Inglesa feitas por nossas/os alunas/os, tanto as escritas quanto as orais. Acredito ser relevante perceber as marcas de alteridade e de compreensão responsiva ativa nessas produções – em processo – quando se concebe a Língua outra como Língua Adicional. As atividades produzidas em sala ou fora dela proporcionam a percepção da importância do outro nesse processo assim como a compreensão dos sentidos demandados.

Nesse trabalho pude observar que tanto a palavra escrita quanto a linguagem das imagens, das pessoas retratadas e das cores escolhidas têm grande importância na construção de leitores e produtores críticos.

Em relação ao tema escolhido para esse trabalho – Gêneros – entendo que todas as pessoas participantes da pesquisa: as estudantes, os estudantes e eu, como professora e pesquisadora, pudemos pensar de alguma forma nas relações de Gêneros presentes em nossa sociedade e nas demais. Pude perceber tanto nas falas quanto nas produções escritas e imagéticas que algumas interlocutoras/es passaram a refletir e problematizar as diferenças de Gêneros, que outras pessoas continuaram afirmando uma “não discriminação”, mas que em seus discursos as diferenças eram destacadas. Percebo que eu também aprendi muito com essa pesquisa. Quando comecei a pesquisar Gêneros não tinha atentado ainda para tantas questões que envolvem esse tema, como, por exemplo, como é construído global e localmente, como circula nas redes sociais e outras mídias e como eu estava vivenciando, problematizando ou reproduzindo as diferenças de Gêneros. Esse processo de Letramento no qual estou inserida também foi muito importante para mim.

Na turma participante da pesquisa, pude perceber uma mudança em relação ao modo como compreendem hoje as diferenças de Gêneros, já não as justificam mais com as diferenças anatômicas, mas reconhecem a sociedade como construtoras dessas identidades, que é na relação com o outro que essas identidades se constituem. Essa compreensão é importante, uma vez que foi com a justificativa das diferenças biológicas que se naturalizaram as diferenças, que eram compreendidas como normais e naturais. Perceber o outro como aquele que nos constitui é entender que essas diferenças podem ser amenizadas, discutidas, problematizadas.

Quanto a mim, como professora-pesquisadora, também posso afirmar que houve modificação tanto no meu modo de compreender as diferenças de Gêneros, colocando na prática tal aprendizado, quanto na forma de ensinar-aprender Língua Inglesa. Meu olhar em sala de aula mudou, acreditando no processo de continuidade e no ensino de Língua Inglesa como Língua Adicional, tenho escolhido eventos de letramentos que proporcionem reflexões, interações e mudanças, trazendo o Letramento Crítico para nossas aulas e desejando que tal letramento ultrapasse as paredes do nosso Instituto e se faça presente na vida de cada uma/um de nós. Hoje entendo que ser professora e ser pesquisadora são coisas intrinsecamente ligadas,

que se misturam e se completam. Mas posso afirmar desde já que essa pesquisa trouxe-me um novo olhar em relação à minha postura docente.

Espero, como possíveis encaminhamentos dessa pesquisa, que pensemos em nosso papel como educadores/agentes de letramentos e que possamos refletir também sobre as questões de Gêneros em nossas aulas e em nossas vidas, sendo agentes de letramentos.

Ser agente de letramento em nossas aulas de Línguas é mais que ensinar conteúdo ou reproduzir ações cristalizadas na sociedade. É pensar e fazer pensar, é problematizar, é buscar uma sociedade que respeite as diferenças (todas/os nós somos diferentes), mas que não enfatize ou ignore essas diferenças criando assim preconceito, discriminação, desrespeito. Acredito também, como professora de Ensino Médio, que essas questões devam ser trazidas para os jovens. Se na infância não tiveram essa oportunidade, então que tenham agora: que pensem seu papel como homem e mulher na sociedade, que problematizem o que é visto como “natural”, que respeitem os espaços, que desaprendam as diferenças de gênero.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Antônio Cícero. **A Responsividade Ativa da Professora: suas leituras, suas produções e sua prática**. Tese de doutorado. UFAL, Maceió 2011.
- BAKHTIN, M. M./Volochínov, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucitec, [1972] 1990.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1929] 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.
- CAMERON, Deborah. **The feminist critique of Language: a reader**. USA and Canada: Routledge, 1995.
- CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Revista Educação e Sociedade**, v.33, jan-mar 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 02 maio 2014.
- CERVETTI, Gina; PARDALES, Michael J; DAMICO, James S. A Tale of Differences: Comparing the Traditions, Perspectives, and Educational Goals of Critical Reading and Critical Literacy. **Reading Online**. Disponível em: <<http://www.readingonline.org/articles/cervitti/>>. Acesso em: 14 set. 2011.
- CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 002, p. 221-236: Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003.
- CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto Sérgio. “O Discurso da Linguística Aplicada e a questão da identidade: entre a modernidade e a pós-modernidade” .In: **O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula**. Campinas: Mercado das Letras, 2003, p 97-116.
- CROKER, Robert A. **Qualitative Research in Applied Linguistics: a Practical Introduction**. New York: Palgrave Macmiliam, 2009.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como Espaço de Desaprendizagem: Redescrições em Curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, [1971]1996.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural – conscientização. In: **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra,1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1987] 2003.

GROSGOUEL, R. Racismo e la violencia epistémica, universidades ocidentalizadas e los cuatro genocidios/epistemicidios del largo siglo XVI. **TABULA RASA**. Bogotá - Colombia, n.19,p. 31-58, julio-diciembre 2013.

GROSGOUEL, R. Descolonizando los universalismos occidentales: el pruri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé-Césaire hasta los Zapatistas. In: **El giro decolonial**. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2007, p. 63

GUEDES, Enido Marinho [et al]. **Padrão UFAL de normatização**. Maceió: EDUFAL, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 10. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HANKS, William F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Organização Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende, Marco Antonio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

HOOKS, Bell. **Teaching critical thinking: practical wisdom**. New York and London: Routledge, 2010.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, [1986] 2009.

KLEIMAN, Ângela. Processos identitários na formação profissional. O professor como agente de letramento. In CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves ; BOCH, Françoise (Org). **Ensino de língua, representação e letramento**. Campinas – São Paulo: Mercado de Letras, 2006, p. 75-91.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The grammar of visual design**. London/New York: Routledge, [1996] 2006.

IFA, Sérgio. **A formação pré-serviço de professores de Língua Inglesa em uma sociedade em processo de digitalização**. Tese de doutorado. São Paulo, 2006.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, Ana Cristina ; FONTANA, Beatriz (Org.). **Linguagem, Gênero e Sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LIMA, Josenice Cláudia Moura de. **A importância do livro no Brasil do século XXI**. Concurso de redação para professores. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2006.

LIMA, Josenice Cláudia Moura de. A língua para Saussure, Benveniste, Jakobson e Bakhtin: concordâncias e divergências – pontos de vista e objetos. In: SANTOS, Maria Francisca;

MORAIS, Eduardo Pantaleão de; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **Saussure: outros olhares**. Maceió: Edufal, 2014.

LIMA, Nádia Regina Loureiro de Barros. Como o Gênero na ciência entra/funçiona na escola: o silenciamento discursivo, a construção identitária feminina e o currículo oculto no ensino da Matemática. **Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Santa Catarina, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275931986\\_ARQUIVO\\_fazendogenero9\\_\\_\\_\\_.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275931986_ARQUIVO_fazendogenero9____.pdf)>. Acesso em 14 jun.2014.

LOURO, Lopes Guacira. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Lopes Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectivapós-estruturalista do currículo**: Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes,2003.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MATTOS, Andrea Machado de Almeida. Novos Letramentos, Ensino de Língua Estrangeira e o papel da Escola Pública no século XXI. In:JORDÃO (org.) **Letramentos e Multiletramentos no Ensino de Línguas e Literaturas**. Revista X, vol.1, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOTTA, Aracelle Palma Fávero. **O letramento crítico no ensino/aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva docente**. Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/379-4.pdf>. Acesso em : 14 jun. 2014.

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido ; TERUYA, Teresa Kazuko. Conceitos de Gênero, etnias e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. Florianópolis: **Revista Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, 2008.

OSTERMANN, Ana Cristina ; FONTANA, Beatriz (Org.). **Linguagem, Gênero e Sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. New Jersey: LEA, 2001.

PENNYCOOK, Alastair. Popular Cultures, Popular Languages and Global Identities. In: COUPLAND, N. (Ed.). **The Handbook of language and Globalization**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PRETI, Dino (Org.). **O Discurso oral culto: Projetos paralelos** – NURC/SP (Núcleo USP). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, p.19.

RAMPTON, Ben. Continuidade e Mudança nas Visões de Sociedade em Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROJO, Roxane, Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Rodolfo Rodrigues Pereira dos; IFA, Sérgio. O Letramento Crítico e o ensino de inglês: reflexões sobre a prática do professor em formação continuada. São Paulo: **the ESpecialist**, v. 34, n.1, p. 1-23, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STAKE, Robert E. Case Studies. In DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (editors). **Handbook of Qualitative Research**. London: SAGE Publications, 1994.

STELLA, Paulo Rogério; TAVARES, Roseanne Rocha. Interação e produção de sentidos na interculturalidade: quando os mundos colidem. In ALBINI, Andressa Brawerman; MEDEIROS, Valéria da Silva (Org.). **Diversidade Cultural: Ensino de Língua Estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p. 61-72.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TAVARES, Roseanne Rocha; BRYDON, Diana. **Letramentos Transnacionais: mobilizando conhecimento entre Brasil/Canadá**. Maceió: Edufal, 2013.

TAVARES, Roseanne Rocha; CAVALCANTI, Ildney de Fátima Souza. Políticas Linguísticas e Letramentos Críticos no ensino de Línguas Estrangeiras na Faculdade de Letras da UFAL. **Letras & Letras**, UFU, 2010, nº 2, vol. 26.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8943/7567>.

## **APÊNDICES**

Aqui ficam disponíveis meu plano de aula do período da pesquisa, as transcrições das nossas interações verbais, cópias dos textos ou links utilizados em nossas aulas, assim como as questões criadas por mim para o desenvolvimento da pesquisa com o tema Gêneros.

**Gêneros como construções identitárias nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico.**

AULA	OBJETIVOS	GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO	ATIVIDADES	PRODUÇÕES PROPOSTAS
01	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender as diferenças de Gêneros através do exercício de colocarmos no lugar do outro;</li> </ul>	Música: <i>If I were a boy</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Antes de iniciar o estudo do tema, perguntar: "What would you do if you were a boy?"; "Are there any differences between boys and girls? "what are the main differences between them? E "What do they have in common?";</li> <li>Entregar a letra da música "If I were a boy", com estrofes recitadas e pedir que coloquem na ordem a medida em que ouvem a música;</li> <li>Perguntar o que a letra da música diz;</li> <li>Perguntar a opinião delas/deles a respeito das diferenças de Gêneros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perguntas com base na música estudada:               <ol style="list-style-type: none"> <li>What would you do if you were a boy/girl?</li> <li>Are there differences between boys and girls? (If "yes") what are the main differences? Why do they happen?</li> <li>In the song 'If I were a boy', would the girl like to be a "better man" why? Explain.</li> <li>Read the third part of the song and talk about it. (it can be in Portuguese or English)</li> <li>What "But you're just a boy" means?</li> <li>What do you think about "Gender differences"?</li> </ol> </li> </ul>
02	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observar a agressividade de alguns discursos quando dirigidos à figura feminina e</li> </ul>	Vídeo e posts: <i>Girls smarter than the boys</i> ; Fragmento do livro: <i>Gender Trouble, de Butler</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>Assistir ao vídeo;</li> <li>Entregar os comentários feitos a partir do vídeo, de forma impressa.</li> <li>Pedir que leiam os</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perguntas sobre o texto:               <ol style="list-style-type: none"> <li>Segundo o texto, o que é gênero? Você concorda? Explique.</li> <li>Gênero e opção sexual são as mesmas</li> </ol> </li> </ul>

03	<p>problematizar as possíveis razões para isso;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre a construção social das identidades de Gêneros.</li> </ul>		<p>comentários/posts e expliquem o que entenderam para turma,</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir o conteúdo dos comentários e refletir sobre as possíveis razões que levam alguém a escrever tais coisas.</li> <li>• Ler um fragmento do texto "Gender Trouble", discutir sobre o texto oralmente e pedir que respondam a algumas questões com base no que foi estudado.</li> </ul>	<p>coisas? Explique.</p> <p>3. Comente a seguinte afirmação: "As diferenças de gêneros são construídas socialmente".</p> <p>4. Among the words "Sexual option", "Sexual choice", "Sexual orientation" and "Sexual identity", which one do you think is the best one to talk about heterosexuality and homosexuality? Why?</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre os aspectos biológicos e os aspectos sociais das diferenças de Gêneros;</li> <li>• Discutir aspectos locais e globais dos problemas de Gêneros</li> </ul>	<p>Vídeo: <i>Gender differences</i>;</p> <p>Biografia de Malala</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistir ao vídeo;</li> <li>• Discutir sobre os pontos que concordamos ou discordamos de acordo com o vídeo;</li> <li>• Ler biografia de Malala e discutir com o grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perguntas com base na biografia de Malala:</li> </ul> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Tell me, using your own words, Malala's story.</li> <li>2) What's your opinion about her actions? What would you do if you lived there?</li> <li>3) Can we do anything to help people who live in other countries? Why? How?</li> <li>4) Are there Gender differences in Brazil? What can you do to solve this situation?</li> <li>5) What is the main verbal tense in the text? Show with 6 verbs.</li> <li>6) Do you know any story of a girl or boy (woman/man) who fight/fought against gender differences? Tell it here.</li> </ol>

04	<ul style="list-style-type: none"> <li>Refletir sobre a importância do outro na constituição de nossas identidades.</li> </ul>	Tirinha: Jane Doe (produzida por uma aluna da turma)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mostrar a tirinha em data show, com suas cores.</li> <li>Entregar a tirinha de forma impressa;</li> <li>Ler e interpretar o que está escrito com palavras e imagens;</li> <li>Fazer perguntas por escrito sobre essa produção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perguntas com base na tirinha:           <ol style="list-style-type: none"> <li>Tell me, in your own words, what this comic strip is about.</li> <li>What's your opinion about Jane Doe?</li> <li>What do you think about the other girls?</li> <li>If this comic strip had boys as example, what would they imitate?</li> <li>What are the main issues?</li> <li>Are you like Jane or the other girls? Why?</li> <li>Are you different? Explain.</li> <li>Who are you?</li> </ol> </li> <li>Produza uma tirinha ou História em Quadrinhos com o tema "Gender Differences"</li> </ul>
05	<ul style="list-style-type: none"> <li>Refletir sobre o que dizemos amar ou odiar e a relação que isso tem com o respeito às diversidades.</li> </ul>	Trailer de "Daylight"	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pedir que digam uma coisa que amam e outra que odeiam: "What do you love and what do you hate? Why?"</li> <li>Assistir ao trailer;</li> <li>Discutir sobre as questões tratadas no trailer.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Postar no Facebook o vídeo de uma banda ou cantora/cantor que mais gostem e dizer por que gostam.</li> </ul>
06	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber a importância da Língua para problematizarmos sobre questões locais e globais que envolvem as</li> </ul>	Discurso de Martin Luther King Junior	<ul style="list-style-type: none"> <li>Assistir ao discurso;</li> <li>Ler o discurso;</li> <li>Discutir sobre o texto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Produzir uma HQ com o tema "Diversities"</li> </ul>

07	<p>diversidades</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber a importância da Língua para problematizarmos sobre questões locais e globais que envolvem as diversidades</li> </ul>	Discurso de Martin Luther King Junior	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler o discurso;</li> <li>• Discutir sobre o texto;</li> <li>• Observar os marcadores de discurso e os sentidos criados a partir deles.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrever um texto com o tema: "I have a dream"</li> </ul>
08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refletir sobre o poder da palavra/discurso e o quanto ela/ele está ligada/o às nossas ações.</li> </ul>	Imagens e História em Quadrinhos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pedir que cada estudante diga uma palavra em inglês. Em seguida, pedir que expliquem o porquê da escolha daquela palavra;</li> <li>• Conversar sobre o poder das palavras, dos discursos e pedir que façam uma ligação com a questão das diversidades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escreva um texto dissertativo com base em um ou mais de um dos discursos aqui apresentados e escreva sobre diversidades e o poder da palavra.</li> </ul>

## APÊNDICE B

**TRANSCRIÇÃO DE AULA:****AULA 1**

Teacher: Ok! So... I'd like to know what would you do if you were a boy or if you were a girl, ok? What would you do if you were a boy or a girl?

Teacher: Remember you can speak in Portuguese or in English, ok? As you feel comfortable, but if you know how to speak in English... please...

Teacher: Rute, what would you do?

(risos...)

Geraldo: Oxe! Que viagem!

[?]: O que você faria se fosse um menino...

Teacher: If you were a boy...

Geraldo: O que você faria?

Rute: Eu não sei...

[?]: I don't know.

(risos e conversas)

Teacher: say it in Portuguese... what do you think about it?

(incompreensível/ risos)

Teacher (03:10): Judite, what would you do if you were a boy?

Judite: A primeira coisa que eu tenho curiosidade, seria fazer xixi em pé...

(risos)

Judite: Eu iria viajar porque atualmente minha mãe não deixa eu fazer isso porque ela fala que pode ser que eu encontre alguém no meio dessa viagem...

[?] Engravide...

Judite: É... A vida é muito limitada nesse sentido... Então acho que eu seria...Sei lá... Eu acho que faria o que meu irmão faz, né? Sair e voltar duas horas da manhã...

(conversas)

Teacher: Ok! I'd like to know. What would you do, Luana, if you were a boy?

Luana: Não sei...

Teacher: What do boys do and you can't do?

(conversas / risos/ )

Luana: Os meninos são um pouco mais livres, a gente é mais presa... os pais têm mais cuidado...

(conversas/ risos)

Elias: ter cabelo longo...

Teacher: (05:45): Last class I asked you what would you do If you won the lottery... you said with no problem... but why today is so difficult... to speak about to be a boy or to be a girl?

Judite (06:02): Professora, eu acho que se a pessoa falar o povo vai dizer: "Ah , ela tem tendência...", entendeu? Ou: ele tem... [turma concorda]

Elias (06:19): Professora, eu queria ter cabelo grande... [mas você pode ter...] mas se eu tiver cabelo grande, eu não entro em casa.

Judite (06:23) professora, também ... sei lá...eu acho que devia ser mais fácil, entendeu?... que a menina quando sai tem que se preocupar com arrumar o cabelo... tem que fazer as pernas... porque se não quando a pessoa sai assim... [turma interage] é... por que é feio só a mulher com perna cabeluda? Por que não é feio o homem? [turma interage]

(conversas)

Bianca - (07:27) – ô, professora, eu acho que os homens não querem mudar porque é a gente quem... sofre mais...

Geraldo – olhando por esse ponto aí... é... mas eu... eu ia ser lésbica...

(risos)

Teacher: (08:16) What do you think about "Gender differences?" Are there any difference between boys and girls?

Turma: sim... yes!

Teacher: What are the differences?

Judite (08:32) Eu acho que para as mulheres é mais difícil, professora...[ a mulher é mais vaidosa] Não... que ela vem de uma cultura machista, entendeu? A gente foi colonizado pela... é... por um outro país que era católico... então tem... tem muita besteira em relação às mulheres... eu acho

Rute – Exato! Que a mulher ficar com um monte de homem, ela é “piriguete”, mas se um homem ficar com um monte de mulher...

(interação)

Teacher: You Said boys have liberty... what are the other differences between boys and girls?

- Personalidade [interação]

Geraldo: É muito mais difícil um cara pegar uma mulher do que a mulher pegar um homem...

[?] Eu não acho...

Geraldo: É muito mais difícil você conquistar uma mulher, que uma mulher conquistar um homem. Porque o homem tá ali esperando a mulher dar o bote no cara. A mulher chega e o cara... xau... o homem não...

[?] É só o cara ser bonito e ter personalidade

Teacher - You Said boys have more freedom, more liberty than girls... And what else? what are the other differences between boys and girls?

[?] personalidades diferentes...

Teacher: What kind?

Geraldo: É... O que é “freedom”

Teacher: Liberdade.

[?] É a personalidade...

Yuri: Professora, a diferença é que os homens sofrem mais do que as mulheres.

(interação da turma / aplausos)

Teacher: ok... And girls?

Judite: A mulher... professora, a mulher, eu acho que ela tem aquele jeito materno de cuidar... o homem não tem esse cuidado todo

Geraldo: o homem gosta também, professora, mas é diferente.

Teacher: care... Take care... What else?

Nando A culpa é de vocês mesmo... vá um homem e não compareça direito para vocês verem...

(interação da turma)

Tiago: Botou pocando... Eu acho é tome...

Teacher: Ok! Besides these differences... is there any other difference?

(interação da turma)

Judite (13:17) Emocionalmente a mulher é mais forte que o homem...[interação] a mulher tem que aguentar mais coisa que o homem... é... por exemplo...tem de suportar todo mês... é...é... [risos] diferenças de hormônio que acabam refletindo na personalidade dela, quando ela é mãe acaba tendo uma responsabilidade muito maior do que o pai... entende? A mulher ela sofre mais, por exemplo... ela sofre mais preconceito da sociedade... é... então a mulher... ela é que é o sexo forte, o homem não é não ele que é o sexo fraco.

(interação da turma)

Geraldo: Agora esse negócio aí das diferenças de hormônio sobra é na costa do cara...Tá pensando o quê?

[?]A diferença de hormônio é um pipoco que o cara leva da namorada.

Teacher- Ok! What do boys and girls have in common?

- Em comum, né?
- As pernas (risos)
- Tem outras coisas, vamos pensar...
- Os dois têm que trabalhar
- Futuro?
- É igual.
- Não é bom a mulher trabalhar. Quando o cara chega em casa, ela não tem tempo para o marido

Teacher (15:30): Ok! I'd like you work with two other friends, ok? Three people together:

(interação da turma)

Teacher: I'll give you these parts of a song, ok? And with two other friends, you are going to put in order...

Geraldo: É para fazer o que com o papel, professora?

Teacher: Colocar em ordem.

[?] eita o nosso veio respondido...

Teacher: é, né? Alguém fez esse favor...

[?] Pode apagar?

Teacher: hum, hum..

Teacher Let's listen to this song and put it in order, ok? Let's start!

### “If I were a boy” song

Ouvimos a música duas vezes. Na primeira para colocar em ordem, na segunda para ler e compreender o que a letra diz. Depois fomos ao nível que chamo de letramento crítico, no qual produzimos nossas reflexões a respeito daquilo que é construído, com base no nosso conhecimento de mundo, com os diálogos que travamos, com a escuta do outro, com meu posicionamento.

Teacher: What would she do If she was a boy?

(compreensão da letra da música)

Nessa etapa, Judite chega à conclusão que “ela” na música não seria diferente dos homens.

Teacher: Assim... e eu fiquei me perguntando: por que vocês tiveram tanta dificuldade em dizer as diferenças?

Geraldo (41:50) : A gente disse tanto, professora. A gente disse um monte!

Judite: Tem que ver também o lado que hoje... sei lá é tão misturado que...

hum...

Judite: não... não... não é no sentido de ser gay ou ser lésbica...

ninguém tinha falado nisso...

Judite: A mulher é MULHER, entendeu? Gosta de homem, só que acaba... como é que posso dizer? Agindo como homem, entendeu? Mas ela gosta de homem. Ou então um homem que é...

é mais sensível

Judite: é mais sensível, mas gosta de mulher, entendeu?

Teacher (42:30)- Gênero é uma coisa e opção sexual é outra. Não é obrigado que o Gênero feminino... todas as mulheres sigam. A mesma coisa para o homem. Isso não quer dizer que a opção sexual seja diferente...

(interação)

Teacher: Pessoal, mas é assim... é o que as meninas repetiram mesmo, né? Ela diz aqui... que seria um homem melhor... que se fosse um homem faria isso, faria aquilo...só que na verdade ela tá reproduzindo as ações dele, não é? Mostrando tudo que ele faz...

Geraldo: Ela deve tá dizendo isso só pra mostrar a ele que o que ele faz incomoda ela, mas na verdade o que ela quer de verdade é o que ela diz na estrofe.

(interação)

Teacher: Ok! Como MUITOS não falaram, só ficaram ouvindo seus colegas falarem, se posicionar... eu queria que vocês escrevessem as respostas de algumas perguntas que eu vou fazer sobre a música e sobre essas questões mesmo. A gente hoje vai ficar só coma letra dessa música, o que a música diz. Semana que vem a gente vai discutir um pouquinho mais sobre um outro material ainda sobre esse tema. Mas eu queria antecipar pra vocês que no face, no grupo que a gente criou, né? Só para nossa turma... quem não está ainda coloca um recadinho que eu adiciono ou vocês mesmos podem adicionar, né? A gente tem essa liberdade. Só não pode outras pessoas que não estão lá ver o que tem lá na íntegra, só sabe que existe o grupo quem participa. Então olhem lá porque eu vou postar o vídeo dessa música, o clip...

Judite: a tradução, né?

Teacher: Essa versão aqui não tem, mas quando você escuta eles falando e vê, né? Você lê os lábios, porque eles falam devagar, aí você entende. Inclusive o diálogo, ele é bem claro... eles falam bem devagar e você entende... aí alguém diz “jealous”... What’s “jealous” in English?

[?] ciúme

Teacher (45:10): É. Ciúme, ciumento, né? (...) o vídeo todo vai te mostrar porque isso tá acontecendo. Aí a discussão é: “Será que esse clipe tem a ver mesmo com a letra da música?” tá? Aí quando vocês assistirem lá... vocês vão dizer se tem coerência ou não. Mas pra AGORA eu queria que vocês respondessem algumas perguntas, destacassem para me entregar e à medida em que vocês terminarem vocês podem ir...

[?]: Individual?

Teacher: É, individual. Só gostaria de lembrar mais uma coisa, porque daqui a pouco vocês vão começar a se dispersar...É... o nosso projeto de inglês, em relação às apresentações que eu tinha dito, comecem a pensar, se programar, se reunir... o tema vai ser “different cultures and rythms: we can respect them”. Então: “diferentes culturas e ritmos: nós podemos respeitá-los”. É uma ideia de começarmos a pensar nas diferenças, diversidades, de respeitar mesmo, até no ritmo, né? Se eu escuto o ritmo do meu colega, o preferido dele, mas não é o meu e eu posso estar ali, sem choque, sem briga, né? Entendendo que existem particularidades aqui e ali, é uma forma de respeitar... então da mesma forma fiquem à vontade para mostrar aquilo que vocês acreditam, que vocês gostam mais... por exemplo, eu tenho uma turma que tem uma menina que é evangélica e outra turma que tem uns meninos que são católicos... normalmente os católicos não têm tanto problema em cantar outras músicas que não sejam da igreja, né? É uma questão cultural e religiosa, mas outros têm, preferem não cantar outras músicas, preferem só cantar músicas da igreja... então aproveitem e cantem música da igreja. O tema é esse: diversidade, respeitar os ritmos, então é seu espaço. Contanto que vocês façam um trabalho legal, mostrem a língua inglesa, mostrem que vocês sabem essa língua... mostrem aos outros também o que eles não ouviram ainda... Vamos, lá! Primeira pergunta... The first question is: “What would you do if you were a boy or a girl?”

[?] Peraí, professora...

Teacher: What would – you –do –if –you –were –a- boy –or –a- girl? Try to answer in English. But if you can't answer in English now, answer in Portuguese, no problem.

[?] tô cansada...

Teacher: Are there... differences...between boys and girls?... if you say “yes”, what are the main differences?

Yuri: professora, tá tocando o celular..

Teacher: Ok! What are the main differences and WHY do they happen?

Teacher: the third question is... “in the song ‘if I were a boy’... would the girl like to be a better man?”

Teacher: why? and explain it.

[?] São quantas perguntas, professora?

Teacher: Six!

Teacher: Fourth: Read the third part of the song... and talk about it... It could be in Portuguese or in English, ok? This question.

Teacher: Five: what “but you’re just a boy” means?

Teacher: And six: What do you think about Gender differences?

[?] Licença, professora...Obrigado!

Teacher: Would you like to answer these questions here or at home?

[?] At home!

Teacher: So, I'd like you answer these questions and give to me by e-mail, ok? You'll send to me.

Yuri: mandar por e-mail, né?

Teacher: Yes! J-c-m-l... parece “e”? Então por conta do tempo e eu gostaria que vocês respondessem pensando sobre essas questões, vocês anotam e em casa vocês digitam... mandem em arquivo de Word como anexo, tá? não mandem no próprio e-mail não. Mande como anexo. Aí vocês respondem essas questões... como vocês vão fazer em casa, aí vocês podem tentar responder em inglês... se fosse aqui, né?... como temos menos tempo tem algumas questões que ia ficar meio difícil... mas como é em casa, vocês podem pesquisar uma palavra ou outra e escrever em inglês... Tem alguma dificuldade sobre alguma questão? Entenderam todas? A primeira o que você faria se fosse um garoto ou garota; o segundo: “existem diferenças entre meninos e meninas? E sim, quais são as PRINCIPAIS diferenças? Por que elas acontecem?”; Na música “se eu fosse um garoto”, a garota gostaria mesmo de ser um homem? Por quê? Explique... de ser um homem melhor..., no caso “better man”. No

quarto: “Leia a terceira parte...” Essa é uma das que eu acho que vocês deveriam se debruçar um pouquinho mais porque essa estrofe ela tem muita coisa ali oculta, se você olhar direitinho vai ver que tem mais do que ela tá querendo dizer... então leia a terceira parte da música e fale sobre ela e comente. A quinta: “O que ‘mas você é só um garoto significa?Veja: eu não to querendo que você traduza... eu quero que você diga o que a pessoa quer dizer com “mas você é só um garoto”. E o que você pensa sobre as questões da diferenças de Gêneros, tá? A última é a que vocês podem escrever em português ou inglês, as demais por favor escrevam em inglês, mandem para esse e-mail até terça-feira, certo?”

[Incompreensível]

Teacher: Oh, esse aqui é para terça-feira da semana que vem, viu? Esse final de semana eu já posto algo em nosso grupo do face. Pessoal, a “Judite” postou algo muito interessante no grupo daquela música que fala sobre as diversidades, dos sonhos... e eu fiz uma pergunta e ninguém respondeu... interajam, por favor, ali também é nosso ambiente para trocar ideias... tá bom?

(incompreensível)

## APÊNDICE C

**LETRA DA MÚSICA TRABALHADA:****If I were a boy**

[Beyoncé](#)

*Compositor: BC Jean, Toby Gad*

If I were a Boy  
Even Just for a day  
I'd Roll outta bed in the morning  
And throw on what I wanted then go  
Drink beer with the guys  
And chase after girls  
I'd kick it with who I wanted  
And I'd never get confronted for it  
Cause they'd stick up for me

If I were a boy  
I think I could understand  
How it feels to love a girl  
I swear I'd be a better man  
I'd listen to her  
Cause I know how it hurts  
When you lose the one you wanted  
Cause he's taken you for granted  
And everything you had got destroyed

If I were a boy  
I would turn off my phone  
Tell everyone its broken  
So they'd think that I was sleeping alone  
I'd put myself first  
And make the rules as I go  
Cause I know that she'd be faithful  
Waiting for me to come home  
To come home

If I were a boy  
I think I could understand  
How it feels to love a girl  
I swear I'd be a better man  
I'd listen to her  
Cause I know how it hurts  
When you lose the one you wanted  
Cause he's taken you for granted  
And everything you had got destroyed

It's a little too late for you to come back  
Say its just a mistake  
Think I'd forgive you like that  
If you thought I would wait for you  
You thought wrong

But you're just a boy  
You don't understand  
Yeah you don't understand  
How it feels to love a girl someday  
You wish you were a better man  
You don't listen to her  
You don't care how it hurts  
Until you lose the one you wanted  
Cause you've taken her for granted  
And everything you have got destroyed  
But you're just a boy

### **QUESTÕES SOBRE A MÚSICA:**

- 1) What would you do if you were a boy/girl?
- 2) Are there differences between boys and girls? (If “yes”) what are the main differences? Why do they happen?
- 3) In the song ‘If I were a boy’, would the girl like to be a ‘better man’? why? Explain.
- 4) Read the third part of the song and talk about it. (it can be in Portuguese or English)
- 5) What “But you’re just a boy” means?
- 6) What do you think about “Gender differences”?

## APÊNDICE D

**LINKS DOS VÍDEOS:**

- Differences between men and women:

[https://www.youtube.com/watch?v=aL\\_Jb38IcuU](https://www.youtube.com/watch?v=aL_Jb38IcuU)

- Girls smarter than the boys:

<https://www.youtube.com/watch?v=7FS-u9YUfkM>

- If I were a boy:

<https://www.youtube.com/watch?v=AWpsOqh8q0M>

**COMENTÁRIOS SOBRE O VÍDEO “GIRLS SMARTER THAN THE BOYS”**

- **Posts trabalhados em aula:**

**HP Fan**

Women have more facial memory than Men. But men have more sense of directions than women.

**Balazs Nagy**

That isn't true. Girls left hemisphere functions developed faster, but boys right hemisphere functions developed faster. This is why girls have better verbal skills and boys have better math skills already in the elementary school. But no, infant girls are not smarter.



**Michael Terziany**

Such a fuckwiths, you girls are nothing but bitches.

**karutobi**

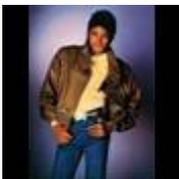
Irony you say young girls are smarter its true know why? Women got that ass tapped at young ages in the middle ages

**ChorusZyklonB VideosGreg**

I've actually been searching for such a claim with the exact words girls are smarter than boys. Seems only fair to tell you that most of the well known people with iqs in the 200s are men. Also, in the world memory championship, men come out on top. I've seen some women participants. You can say that women aren't interested in the memory championship, but I'm sure that you wouldn't give men the excuse that they wouldn't be interested in the memory championship if it were the other way around

**DrRClavan**

**Brother, mohammed (with his small stinking dick) was nothing but a CHILD RAPIST and allah (the pig) was Jahweh's slave and had to lick the shit off his butt (and he liked it!).**

**Kayut33**

ok internet talking aint 4 meh..lol

**Bluedeviant**

@brandonw1693 i know right there has never been a record of a woman inventing anything good



**smartypants208**

ok that is so smart to do! lol



**Gieszkanne**

This here is more phony or scheming interestingly this is equated today with intelligence!



**Lugia1337**

Well, then I can easily rule out you being a serious one. By putting up a pretend act that you are amused does actually make you look pathetic, to me.



**MegaLoserOfDoom**

Girls are acting like idiots by posting over 50 of these "Girls are smarter than boys vids".  
P.S.Girls IQ-56 Guys IQ-287



**Lugia1337**

And guess which sex invented the television, cyclotron, theorized multiple fields of physical science, and much more? Men. I am not saying that males are superior, just contradicting your idea that females are superior.



**Lugia1337**

Another sexist pig. Nice job, have a dislike.



### Balazs Nagy

And these differences are lot more bigger between men and women than between boys and girls.



### Kayut33

BTW Im White



### bracebuddy1

@Programming2011 What a stupid comment. There are women scientists too. And even if your statement was true, being a scientist doesn't make a person smarter, it means that he/she knows how to research. Fool.



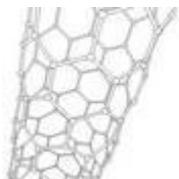
### Lugia1337

But you're the one using the grammatically incorrect abbreviation, "lol". Please, you sound truly pathetic.



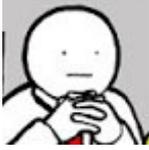
### Kayut33

(DUH) everybody know\$ GIRL\$ r way \$marter than BOY\$.



**Assault912**

@brandonw1693 There is a god?



**Rorschach W.D.**

i believe that anyone to be sexist is not that intellegent



**latice14**

so true smart girls



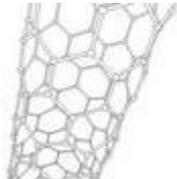
**Ahmed A**

This boy is a disgrace



**Alex Brent**

@Programming2011 your stupid



**Assault912**

completely disagree



**lozboz189**

haha! :P



**Lugia1337**

My brain is full of fuck.

**ZIU682**

You are very sexist. Boys and girls are are equally smart.

Spookypooky13

May I remind you... THESE ARE FREAKING BABIES. So really, this video is 100% wrong.



**DrRClavan**

Well, then don't!



**bracebuddy1**

oh well, I actually wasn't pretending to be amused, I think at the time I did find the comment amusing. Although its been a while so now I'm like w.e



**minotaur878**

Woah I know guys are smarter but that is racist. That needs to stop too...

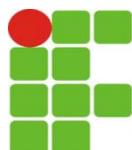
**Clockcat17**

The Fire escape, the Dishwasher, the Washing Machine, and the Refrigerator were all inventions by women D:<

**Kayut33**

just my opinion if yall dont lik it just ask meh nicely and ill remove it..i didnt know my commet was gon offend anybody.

## APÊNDICE E



Instituto Federal de Alagoas  
Campus Maceió

**Gender Trouble**

If gender is the cultural meaning that sexed body assumes, then a gender cannot be said to follow from a sex in any one way. Taken to its logical limit, the sex/gender distinction suggests a radical discontinuity between sexed bodies and culturally constructed genders. Assuming for the moment the stability of binary sex, it does not follow that construction of “men” will accrue exclusively to the bodies of males or that “women” will interpret only female bodies. Further even if the sexes appear to be unproblematically binary in their morphology and constitution (which will become a question), there is no reason to assume that genders ought also to remain as two. The presumption of a binary gender system implicitly retains the belief in a mimetic relation of gender to sex whereby gender mirrors sex or is otherwise restricted by it. When the constructed status of gender is theorized as radically independent of sex, gender itself becomes a free-floating artifice, with the consequence that man and masculine might just as easily signify a female body as a male one, and woman and feminine a male body as easily as a female one. (BUTLER, 1990, p. 6)

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

**QUESTIONS:**

1. Segundo o texto, o que é gênero? Você concorda? Explique.
2. Gênero e opção sexual são as mesmas coisas? Explique.
3. Comente a seguinte afirmação: "As diferenças de gêneros são construídas socialmente".
4. Among the words "Sexual option", "Sexual choice", "Sexual orientation" and "Sexual identity", which one thinks is the best to talk about heterosexuality and homosexuality? Why?

## APÊNDICE F

## School for Everyone: Malala's Story

On October 9th, 2012 in a region of Pakistan known as the Swat Valley, 14 year old Malala Yousafzai, an advocate and champion for the rights of young girls to attend school, was targeted and shot on a school bus. Malala's story is not unique: thousands of girls around the world do not have access to education and many risk violence in its pursuit. What is unique is that at 11 years old, Malala began her very public fight for the rights to education of girls in her country. With the encouragement and support of her father, Ziauddin Yousufzai, a headmaster of a girls' school in the Swat



Valley, she raised her voice against the repressive and violent discourse of extremists desperate for power. She began questioning why some girls were not allowed to attend school; she participated in rallies and marches; she spoke out against the burning of girls' schools. After one of her schoolmates backed out of an offer of publication with the BBC, Malala began writing an anonymous blog about her life in the Swat Valley; copy from which would be published in local papers, followed and supported in her community. In 2009 she became the president of the District Child Assembly in Swat; in 2011 she was nominated for the Children's Peace Prize and was awarded Pakistan's first National Youth Peace Prize two months later in December.

In the aftermath of the shooting, Malala's voice echoes strong; support has swelled in both secular and religious communities in Pakistan, uniting people in acknowledging the importance of her struggle, the importance of growing the discourse. Malala's courage has become a strong seed for change both in the Swat valley, and in the broader world; her example a template for critical engagement and activity for all young people.

Fonte:

<http://www.etfo.ca/advocacyandaction/SocialJusticeandEquity/SchoolForEveryone/Pages/default.aspx>. Acessado em 08/10/2013

**QUESTIONS:**

- 1) Tell, using your own words, Malala's story.
- 2) What's your opinion on her actions? What would you do if you lived there?
- 3) Can we do anything to help people who live in other countries? Why? How?
- 4) Are there Gender differences in Brazil? What can you do to solve this situation?
- 5) What is the main verbal tense in the text? Show with 6 verbs.
- 6) Do you know any story of a girl or boy (woman/man) who fight/fought against gender differences? Tell it here.

## **ANEXOS**

Nessa parte do trabalho ficam disponibilizados os documentos que darão uma visão maior da pesquisa realizada, como cópia do TCLE, cópias das atividades produzidas pelas pessoas participantes da pesquisa e selecionadas para esse trabalho, entre outros.

## ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Gênero e Diversidade nas aulas de inglês do Ensino Médio: um estudo sobre Letramentos.

**Pesquisador:** Josenice Cláudia Moura de Lima

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 14421913.8.0000.5013

**Instituição Proponente:** INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 807.007

**Data da Relatoria:** 11/09/2014

**Apresentação do Projeto:**

Nesse Projeto pretendo pesquisar o processo de ensino e aprendizagem de língua adicional, inglês, no Ensino Médio, sobretudo a formação de leitores críticos, com base nos estudos sobre Letramentos. Para isso, escolhi o tema "Gêneros e Diversidades". Realizarei um estudo de caso em uma das minhas turmas do Ensino Médio de uma escola da rede pública federal do estado de Alagoas. Como serei a professora-pesquisadora, trata-se de um estudo de caso com intervenção. Além das descobertas que faremos em sala de aula, das reflexões e possíveis mudanças, pretendo contribuir, com os resultados da pesquisa, para formação de outros colegas professores da rede pública.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Construir, dentro das aulas de Língua Adicional, inglês, a consciência crítica dos alunos dentro de uma abordagem sobre questões de Gênero e Diversidade.

**Objetivo Secundário:**

1- Utilizar o Livro Didático e outros materiais de suporte como: jogos, músicas, peças teatrais e filmes como instrumentos de desenvolvimento de leitores críticos; 2- Desenvolver atividades de leitura e produção de textos que incentivem reflexões sobre as discussões engajadas em sala; 3-

**Endereço:** Campus A - C Simões Cidade Universitária

**Bairro:** Tabuleiro dos Martins **CEP:** 57.072-900

**UF:** AL **Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041 **Fax:** (82)3214-1700 **E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 807.007

Promover momentos de interação entre os alunos para que, compartilhando ideias, possamos nos tornar cidadãos ativos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Sabendo que em toda pesquisa que envolve seres humanos há riscos, tentarei minimizá-los preservando os direitos e integridade física e mental tanto dos participantes da pesquisa, quanto daqueles que não desejarem participar. A pesquisa será realizada em uma de minhas turmas. Para assegurar o direito dos estudantes que não queiram participar, as atividades realizadas não serão objeto de avaliação, ou seja, não irão gerar notas.

**Benefícios:**

Estudantes e professora mais reflexivos, críticos e socialmente ativos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisadora atendeu as pendências do último parecer (Adequar o cronograma no projeto e no TCLE; alterar o texto referente aos procedimentos de análise de dados).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos foram apresentados de acordo com a Resolução 466/12.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Protocolo atende as recomendações éticas da Resolução 466/12.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Campus A . C Simões Cidade Universitária  
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900  
UF: AL Município: MACEIO  
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 807.007

MACEIO, 25 de Setembro de 2014

---

Assinado por:  
Deise Juliana Francisco  
(Coordenador)

Endereço: Campus A . C Simões Cidade Universitária  
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900  
UF: AL Município: MACEIO  
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticafal@gmail.com

## ANEXO B

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)**

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntário(o,a) da pesquisa e pelo responsável.  
Assinatura de todos os pesquisadores na última página e rubrica nas demais)

*"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa."* (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, ....., tendo sido convidado(o,a) a participar como voluntário(o,a) do estudo **Gênero e Diversidades nas aulas de inglês do Ensino Médio: um estudo sobre Letramentos** recebi da Professora Especialista Josenice Cláudia Moura de Lima, professora do Instituto Federal de Alagoas e mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, responsável pela execução dessa Pesquisa, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a investigar o processo de formação de leitores críticos nas aulas de inglês;
  - Que a importância deste estudo é a de possibilitar momentos de reflexões, interações e letramento tanto dos alunos quanto da professora envolvidos na pesquisa;
  - Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Sujeitos envolvidos na pesquisa com maior nível de letramento; que as reflexões sobre a pesquisa possam ajudar outros professores e turmas a se interessarem em investigar esse processo de letramento em suas aulas;
  - Que esse estudo começará em Setembro e terminará em Dezembro de 2013.
  - Que o estudo será feito da seguinte maneira: aulas com textos, músicas, vídeos, discussões, leitura e produções textuais sobre os temas "Gênero e Diversidades";
  - Que eu participarei das seguintes etapas: leitura, discussões e produções;
  - Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: exposição de minhas ideias e discordância de pontos de vista;
- Que a participação no estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental;
- Que deverei contar com a seguinte assistência: apoio da professora-pesquisadora e da equipe pedagógica ou psicológica, caso se faça necessário, sendo responsável por ela : os profissionais do Instituto Federal de Alagoas;
  - Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: maior nível de letramento pessoal, contribuir com uma nova metodologia de ensino-aprendizagem de línguas;
  - Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: através de gravações e produções textuais;
  - Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
  - Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
  - Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

*[Handwritten signature]*

- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para mim.
- Que eu serei indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa;
- Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

**Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)**  
 Domicílio: (rua, praça, conjunto): \_\_\_\_\_  
 Bloco:/Nº:/Complemento/Bairro: \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

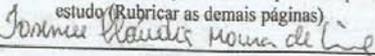
**Contato de urgência:** Sr(a). JOSENICE CLÁUDIA MOURA DE LIMA  
 Endereço: CONJ. MORADA DOS PALMANGS, RUA J, 229, NAVEIG-M  
 Telefones: 8883-5812

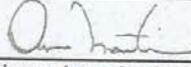
**Endereço da responsável pela Pesquisa**  
 Instituição: IFAL / UFAL  
 Endereço: R. Br de Atalaia Maceió - AL, 57020-510 (COLIC) / Campus A. C. Simões, Cidade Universitária - FALE (PPGLL)  
 Telefones p/contato: (82) 2126-7000 / 3214-1343

**ATENÇÃO:** Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:  
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:  
 Prédio da Reitoria, sala do C.O.C., Campus A. C. Simões, Cidade Universitária  
 Telefone: 3214-1041

Maceió,

Assinatura d(o,a) aluno(a) voluntári(o,a) - Rubricar as demais folhas	Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) responsável legal - Rubricar as demais folhas
--	--

 Josenice Cláudia Moura de Lima Nome e Assinatura da professora responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas) 	 Angela Baraldi Pacheco Diretora de Ensino IFAL - Campus Maceió Nome e Assinatura da Diretora de Ensino do IFAL (Rubricar as demais páginas)
--	--

 Roseanne Rocha Tavares Nome e Assinatura da professora orientadora da pesquisa - Rubricar as demais páginas	 Assinatura do coordenador do PPGLL demais páginas
---	---

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística-PPGLL-UFAL  
 Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Aymoré Martins  
 Coordenadora

## ANEXO C

IFAL - Campus Maceió

Turma: 422 B Eletrotécnica

Profª: Claudia Moura

**RASCUNHO (Quadrinho escolhido: Imagine)**

Diante de tantas diferenças visíveis e compartilhadas no dia a dia, é possível perceber que há uma acomodação no que diz respeito a sermos um só, isto é, juntarmos nossas singularidades em único plural. É tão simples nos darmos conta que somos semelhantes, basta lembrarmos que somos filhos do mesmo Pai, criados à sua imagem e semelhança e, sendo então seres natos para pregar o amor.

De tudo que é capaz de ser sentido, o amor prevalece, ainda mais quando despertamos o melhor que podemos ser. Nossas diferenças são mínimas quando se põe tamanho sentimento a frente, e nos une de uma maneira inexplicável. É possível se dar conta que seu irmão possui uma opção sexual diferente da sua, um cabelo um pouco mais ondulado, a cor da pele um pouco mais clara, de maior estatura, um gosto musical mais complexo e alguns costumes "retrôs", e mesmo assim ele continuar sendo seu irmão, pois como já foi dito somos filhos do mesmo Pai. Agora imagine toda essa teoria posta em prática... O amor iria se sobressair, não é? Haveria apenas o céu. Nós seríamos o branco das nuvens e o azul mesclados entre si, faríamos a diferença mesmo sendo diferentes, viveríamos o hoje sem avareza ou egoísmo e a união faria a força. Eu acredito, se você acredita também já, somos uma dupla, e se aquele teu amigo também acredita seremos um trio, e daqui a pouco, se quisermos, seremos o mundo. E assim então, seremos um só.

**TEXT IN ENGLISH**

With so many visible differences and shared on a daily basis, you can see that there is a accommodation with regard to being one, ie, join our singularities in single plural. It is so simple to realize that we are similar, just remember that we are children of the same Father, created in his image and likeness and then being beings born to preach love.

Everything that can be felt, love prevails, even more when we wake up the best we can be. Our differences are minimal when it puts forward feeling size and unites us in an inexplicable way. You can realize that his brother has a different sexual orientation of his, a somewhat wavy hair, the color of a little clearer skin, greater stature, a musical taste more complex and some "retro" mores, and even so he continues being his brother, because as has been said we are children of the same Father. Now imagine all this theory in practice... The love would prevail, is not it? Would be just heaven. We would be white clouds and blue mixed together, would make the difference even being different, we would live today without greed or selfishness and the union would form the force. If I and you believe, we are a duo. If I, you and your friend believes, will a trio. And soon, if we want, we will be the world. And so then we will be one.

ANEXO D

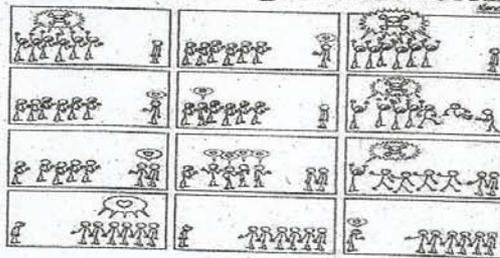
TURMA: 422-B ELÉTRICA

words  
have  
power

Words Can  
Hurt or Heal  
What Did Yours  
Do Today?



How To Change The World



Posted by Liris in the facebook group: "Gênero e Diversidades nas aulas de inglês"

1- CHOOSE ONE OR MORE DISCOURSES SHOWN HERE AND WRITE ABOUT "DIVERSITIES AND THE POWER OF LANGUAGE".

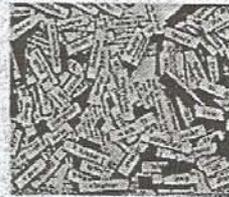
WELL WE CAN SEE THAT IN OUR DAILY LIVES WE ALL  
A LITTLE GENERAL AND VARIOUS WAYS SUCH AS POELS  
SUCH AS NEWSPAPERS, MAGAZINES, SPORTS, WOMEN AND OTHER  
MEN. THIS TERM REFERS TO THE VARIETY AND INTERACTION  
OF VARIABLES IDEALS AROUND A SPECIFIC TOPIC. COLLEGE  
FEATURES ELEMENTS OR DIFFERENT FROM EACH OTHER, GIVING  
THE NAME OF DIVERSITY.

IF YOU LOOK WELL, YOU'D STOP AND THINK ABOUT A  
WORD THAT THE FIRST JINWER IN MIND. FOR EXAMPLE, IT'S  
NOT ONLY A WORD BUT MORE THE WORD THAT TO CHOOSE  
BETWEEN IE MILLIONS OF WORDS SHE WAS CHOSEN HAS  
GREAT SIGNIFICANCE. WE SHOULD SEE THINGS DIFFERENTLY TO  
NOT ALWAYS BE SO MONOTONOUS THAT WE USE VARIATIONS  
IN OUR LIVES PREFERABLY FOR GOOD THINGS.

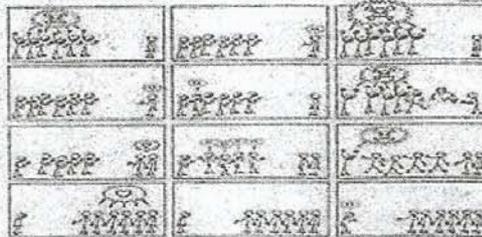
## ANEXO E

words  
have  
power

Words Can  
Hurt  or  Heal  
What Did Yours  
Do Today?



## How To Change The World



Posted by Liris in the facebook group: "Género e Diversidades nas aulas de inglês"

1- CHOOSE ONE OR MORE DISCOURSES SHOWED HERE AND WRITE ABOUT "DIVERSITIES AND THE POWER OF LANGUAGE".

The words can hurt or heal, why?

From children start to know or notice lan-  
guage. Hearing-impaired people, for example use  
the gestures to communicate, forming the  
words.

Through words we build our ideology and  
learn communication and their on the li-  
ves of other.

One can, through words, transform war  
into peace, hate into love, darkness into  
light, sadness into sound.

You need to use it wisely, seeking the  
good of all.

## ANEXO F

## Imagine

In a world where there are so many differences, ranging from skin color to sexual orientation, people need to be aware and make the title of "rational animal". It is necessary that they recognize a great similarity that unites us all, the fact of being human.

To change this situation it is necessary that we each do their part in helping to preach love and peace throughout the world.

Among many who fought for a better world and serve as inspiration to many people nowadays, we highlight John Lennon and Martin Luther King, who availed themselves of the word to fight for their ideals, proving that it is possible to change the world without the use of physical force necessary to do.

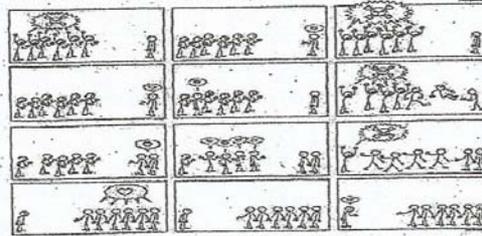
## ANEXO G

words  
have  
power

Words Can  
Hurt   
or  Heal  
What Did Yours  
Do Today?



### How To Change The World



Posted by Liris in the facebook group: "Gênero e Diversidades nas aulas de inglês"

1- CHOOSE ONE OR MORE DISCOURSES SHOWED HERE AND WRITE ABOUT "DIVERSITIES AND THE POWER OF LANGUAGE".

From when we are born until we die before, we influence people on and influenced by the power of the words on the language itself.

Words have a power of persuasion incredibly strong, and can make one or more people to change their way of thinking about certain thing if we can speak accurately. This we see in the last change.

The Change clearly shows how we can change the opinion of a group of people. In the first panel, shows a group of people on talking about wanting to "war", but there is one that was wanting on talking about "love" and persuading the one that will love you better. And in the end every one was on their side!

That's how we see the differences in each of the world, but the differences (in most cases) are good things. As the old saying says "being different is normal" and our duty is not to accept the differences but respect them forever! Only then will the world forward.

## ANEXO H

English activity

MUNDO

LIVRO

444-D

Tell, using your own, Malala's history.

What's your opinion on her actions, what would you do if you lived there?

Can we do anything to help people who live in other countries? why/how?

Are there gender differences in Brazil? what can you do to solve this situation?

What's the main verbal tense in the text? show 6.

Do you know any story of a girl or a boy (woman/man) who fight/fought against gender differences till here.

## Answers

Malala é um jovem garoto do Paquistão, que luta pela igualdade dos direitos de educação para as crianças de seu país. Ele se ajuda de seu pai e ganhou vários títulos ao longo do tempo.

suas ações são de extremo valor, pelo seu pensamento de mudança nos pensamentos que as pessoas têm. seria global de maneira menos dolorosa.

sim. Usando as redes sociais, a mídia e outras maneiras que estejam ao nosso alcance

sim, embora seja pequena. Mudar nossos pensamentos para uma forma de visão mais aberta.

past simple (forgot), past perfect (followed), raised, backed.

Sim. Malala, aluna do IFAL, mesmo não sendo vencedora tem um pensamento de mudança deste tipo de mundo. Ela pensa na posição da mulher em uma forma igualitária em relação aos homens, e nada deve ser restrito somente para o gênero masculino, as mulheres também devem ter mesmos direitos los homens, em relação a educação, política, etc.

## ANEXO I

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Alagoas

Aluno:

Matrícula:

Turma: 422-B

English Exercise

**1. What would you do if you were a boy or a girl?**

If I were a girl, I would have long hair with no problem and would know how to be more limited.

**2. Are there differences between boys and girls? What are the main differences? Why do they happen?**

Yes, there are. Boys are more freedom than girls. Girls are more sensitive than boys. Because are genres very different.

**3. In the song "If I were a boy" would the girl like to be a better man? Why?**

No. Because she would do everything the boy does.

**4. Read the third part of the song and talk about it.**

The third part talk about attitudes that she would have if she were a boy. She would do everything your partner do.

**5. What "but you're just a boy" means?**

It means he's just a boy, and doesn't understand everything a girl lives.

**6. What do you think about genre differences?**

I think boys and girls are very different, but in some ways there are common characteristics. But there are things that are unique to each genre and we shouldn't change it.

## ANEXO J

## Instituto Federal de Alagoas

Turma: 422-B

## Exercício de Inglês

**1-** Segundo o texto, o que é gênero? Você Concorda? Explique.

R- É o significado cultural que o corpo assume. Sim. Pois cada um já nasce com o sexo definido, assumido pelo corpo.

**2-** Gênero e opção sexual são as mesmas coisas? Explique.

R- Não. Gênero é o sexo que a pessoa tem desde a sua formação, masculino ou feminino. Opção sexual é a escolha que a pessoa faz ao longo de sua vida.

**3-** Comente a seguinte afirmação: "As diferenças de gêneros são construídos socialmente"

R- Algumas pessoas, as vezes são levadas a fazer esse tipo de escolha, as vezes por conta da pressão social, que tem uma grande influencia nesse tipo de assunto.

**4-** Among the words "Sexua option", "Sexual choise", "Sexual orientacion" and "Sexual indentity", wich one you think is the best to talk about heteronormativity and homosexuality? Why?

R- I think the best word to talk about it is "Sexual choise", because, in my opnion, the people can choose how they want to live.



ANEXO L

choose correctly

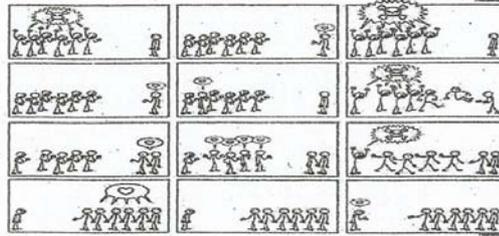
5

words have power

Words Can Hurt or Heal What Did Yours Do Today?



How To Change The World



Posted by Liris in the facebook group: "Gênero e Diversidades nas aulas de inglês"

1- CHOOSE ONE OR MORE DISCOURSES SHOWED HERE AND WRITE ABOUT "DIVERSITIES AND THE POWER OF LANGUAGE".

Diversities and the power of language

The language has a big power, and because of its power, our world has changed in different aspects. We can use the word to hurt and to heal, for example: Many people don't like people with others religions, and use the words to hurt that people.

But, we can use the words to good things. If you know a sad person, who is in a hospital now, you can believe... just one phrase used correctly, you can change one life and help that person in her health.

So, we can notice the language can be used for the good and bad things, we just need to know the best way to use it, and I believe... if we use correctly, we can do a lot of big things.

422-B

## ANEXO M

## English Activity

- ① Tell on your own words, what this comic strip Tell us
- ② what's your opinion about Jane Doe?
- ③ what do you think about the other girls?
- ④ If this comic strip had boys as example, what would they imitate?
- ⑤ what are the main issues?
- ⑥ Are you like Jane or the other girls? why?
- ⑦ Are you different? Explain
- ⑧ Who are you?

## Answers

- ① It's Tell us about a girl, A different girl who doesn't follow what the other girls follow. she just like to be herself.
- ② she has a great opinion about the differences and diversities in her society. She doesn't follow the model, she doesn't follow what say the society.
- ③ they follow a model, For example, if a famous actress use blond hair, the other girls want to follow.
- ④ they would imitate the hair style, clothes, attitude, and other things.
- ⑤ Discrimination, gender differences, ...
- ⑥ I think I'm like Jane. because I don't like being what I don't feel well, and don't care if I'm different

⑦ Yes. Because a do<sup>tt</sup> follow the model. For example, I don't listen musics because they're in the model. I listen musics which I like.

⑧ I'm a boy, I study at IFAL, I like eletronic games, I like reading books, I'm evangelic, I love playing the guitar on the church which I go every weekend, I like musics, like ~~the~~ gospel rock, and other kinds of music.

Student:

Turma: 422-B

## ANEXO N

IFAL

Turma: 422B

## Exercício de Inglês

1. Is hard to imagine being a boy. But I'd be shirtless when he was in the summer, for sure.
2. Yes. Usually, girls are more delicate and loving, and the boys are more free and carefree.
3. In the music, she says that would do the same as most men do. Just in the 3 e 4 part, she says that would be a better man.
4. De certa forma, ela diz que os garotos não podem entender o que uma garota sente, mas ela entenderia, porque ela sabe o que uma garota sente.
5. Means that he is just a boy who does not know the world female, and does not understand it.
6. I believe that we must respect the differences of others and accept our own differences, after all, we are all equally unique.

## ANEXO O

## Português:

Desde o princípio da humanidade, a comunicação é de grande importância e avançou até o surgimento da palavra e seus significados. Essa foi usada para exprimir ideias e teorias, e, dessa forma, gerando constante evolução do ser. Uma sequência de palavras pode unir o mundo, mas também pode causar uma guerra mundial.

No quadrinho baseado na música Imagine, do cantor e compositor John Lennon, é mostrado diferentes culturas, religiões e pensamentos que, hoje em dia, causam confronto e intriga. O quadrinho afirma que: se não houvesse disputas entre culturas diferentes, o mundo seria muito mais unido.

Toda essa desunião pela falta de respeito das diferenças ocorre, principalmente, devido ao mau uso das palavras. Por isso, deve-se pensar melhor antes de falar algo; as palavras tem poder e é preciso usa-las com sensatez.

## Inglês:

Since the principle of humanity, communication is very important and advanced to the emergence of the word and his meanings. The word was used to express ideas and theories, causing constant evolution of humanity. A string of words can bring the world together, but can also cause a world war.

In the comics based on the music Imagine, singer John Lennon, is shown different cultures, religions and thoughts that cause confrontation and intrigue today. The comics says: if there was no disputes between different cultures, the world would be a lot more united.

All this separation by the lack of respect for differences occur due to wrong use of words. So, one must think hard before saying something, words have power and is necessary use them judiciously.

## ANEXO P

25 • 10 • 13

## English Activity

n: 24

422B

1) Tell on your own words, what this comic strip tell us.

2) What's your opinion about Jone Doe?

3) What do you think about the other girls?

4) If this comic strip had boys as example, what would they imitate?

5) What are the main issues?

6) Are you like Jone or the other girls? Why?

7) Are you different? Explain.

8) Who are you?

Resp.:

1) O quadrinho fala sobre a pressão que a sociedade impõe para que todas sigam padrões e acabem não conhecendo quem são realmente.

2) Jone Doe é uma das poucas pessoas que conseguem vencer essa pressão imposta e superar os críticos.



El. 01 22

3) Eles, infelizmente, acabam seguindo a mesma grande marcha, talvez porque não tenham a coragem e maturidade de John Doe.

4) No caso dos meninos, isso ocorre quando a grande massa de jogadores de futebol lutam quando querem determinado, corre só porque a sociedade diz que é melhor e que te torna mais poderoso.

5) Imposição de padrões, discriminação, diferenças.

7) Dependendo do ponto de vista em relação ao estilo de música ou filmes, creio que não é diferente da maioria, já que eu conheço poucas pessoas que gostam do mesmo que eu.

6) Acho que sou o John Doe, pois gosto de coisas que poucos gostam, mas não sou com isso, talvez porque seja algo que não fica evidente, diferente do caso de John.

8) Sou uma garota de 17 anos, me chamo [nome] curso Eletrotécnica no Ifal e estou no 2º ano. Pretendo cursar Engenharia Civil e visitar muitos países.

5) Discrimination, difference, models.

8) I'm a girl, 17 years old, my name is [nome]. I'm in the 2nd year of the course of Electrical Engineering at Ifal. I want to study Civil Engineering and visit other countries.

libra

## ANEXO Q

15 10 2013

Hpd

Turma: 422B

1) Malala Yousafzai é uma garota de 15 anos que desde os 11, luta pelo direito de educação, que no seu país, Paquistão, é algo exclusivo dos homens. Malala, mesmo depois de sofrer atentados de pessoas que não concordavam com seus atos e opiniões, continua lutando até hoje para que as diferenças de oportunidades sejam menores entre homens e mulheres.

2) A coragem de Malala é algo para se tomar como exemplo por todos nós. Eu, em seu lugar, não seria tão corajosa, teria medo de correr os riscos de sofrer um atentado.

3) É possível, sim, ajudar pessoas que estão longe, em outros países. Podemos usar os meios de comunicação a nosso favor, colocando petições na internet e conscientizando as pessoas de que algo está errado e que podemos mudar para melhor.

4) Comparado ao Paquistão, as diferenças de gênero no Brasil são poucas, mas existem e há muitas pessoas que sofrem com isso. Uma maneira simples de diminuir o sofrimento dessas pessoas é acabar com os preconceitos e respeitar as diferenças.

5) Targeted, raised, participated, followed, supported, nominated. Passado simples.

tiffora

6) Meu pai foi um lutador pela igualdade de gênero. Na sua infância, ele discordava da forma que os cursos eram divididos, por exemplo: suas irmãs não podiam brincar na rua com ele, o que o fazia questionar porque disso. Já mais jovem, ele lutou, também em sua própria casa, pelo fim do preconceito com os diversos religiões e estilos, pois ele era muito discriminado por não ser da mesma religião que sua família e por seguir um estilo punk. Hoje eu ainda percebo nele esse espírito de igualdade, tentando dar os mesmos oportunidades a mim e meu irmão.



## ANEXO R

IFAL

422B

## Exercício

1 – Concordo com a autora quando ela coloca que gênero é algo independente do sexo (homem, mulher), no entanto, a cultura social atribui características específicas para cada sexo e impõe que onde homens têm que obrigatoriamente serem masculinos, e mulheres, femininas. Com a evolução da sociedade, foram criadas “coisas de homem” e “coisas de mulher”, mas que nem sempre agrada a todos. Por exemplo, há poucos anos não havia mulheres trabalhando em obras, tanto como construtora de edifícios quanto como engenheiras, pois culturalmente era dito como “trabalho para homens”, o que não condiz com a realidade, já que muitas mulheres vêm tendo desempenho tão bom quanto os dos homens. Isso também serve para homens em carreiras profissionais ditas como “de mulher”.

2 – Não. Gênero, como foi dito na questão 1, é algo imposto pela sociedade de forma cultural, ou seja, características que foram dadas a cada sexo. Já a opção sexual é algo pessoal, onde você determina qual gênero prefere ou é mais adequado para você.

3 – Pode se dizer que essa afirmação está correta, pois, com a evolução da humanidade, foram criadas características para cada sexo, onde, inicialmente, as mulheres ficavam cuidando do lar e dos filhos, enquanto o homem ia para a rua, para o trabalho. Disso, foram-se criando os gêneros e as coisas começaram a ficar mais divididas, onde há brinquedos, cores, atividades, atitudes, trabalhos “de homem/menino” ou “de mulher/menina”.

4 – Acho mais adequado o termo “identidade sexual”, pois acredito que ser hetero ou homossexual não seja uma escolha, nem uma orientação, e sim, algo relacionado ao seu “eu”, ligado à personalidade e a características pessoais.

I think the more appropriate term "sexual identity", because I believe that being heteronormativity or homonosexuality is not a choice, or an orientation, but something related to your "I", related to the personality and personal characteristics.

## ANEXO S



## O poder da língua (Words have power)

Muitas pessoas não acreditam no poder que as palavras têm, mas de fato, textos e músicas como a do baby marley acabou com muitos guerras sem sentido e promoveu paz a muitas sociedades

Many people don't believe in the power that words have, but in fact, texts and songs like in the baby marley end many wars meaningless, promoted peace in many societies

422-B

## ANEXO T

IFAL – Instituto Federal de Alagoas

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: 422-B, eletrotécnica

Exercício

1° What would do it you were a boy / girl ?

R: Try not to be sensitive

2° Are there differences between boys and girls? (if yes) what are the main differences why do they happen ?

R: Yes, women have learned to be stronger, they are sensitive and courageous

3° In the song "It I were a boy" would the girl like to be a beher man? Why? Explain

R: because she has suffered enough as a woman to escape the pain and try to avoid the pain of another woman

4° Read the third part of the song and talk about it

R:

she would understand women, because she knows how a woman feels

5° What "but you just a boy " means?

R: That all men are equal

6° what do you think about genre difference?

R: All are equal, we have eyes, legs, arms. The difference is in the history of all

To have suffered more, women learned to be strong and courageous

## ANEXO U

IFAL-Instituto Federal de Alagoas

Nome: \_\_\_\_\_

Turma 422-B

## Texto

if gender is the cultural meaning that sexed body assumes, then a one gender cannot be said to follow from a sex in any one way. Taken to its logical limit, the sex/gender distinction suggests a radical discontinuity between sexed bodies and culturally constructed genders. assuming for the moment the stability of binary sex, it does not follow that construction of "men" will accrue exclusively to the bodies of males or that "women" will interpret only female bodies. further even if the sexes appear to be unproblematically binary in their morphology and constitution (which will become a question), there is no reason to assume that genders ought also to remain as two. the presumption of binary gender system implicitly rearticulates the belief in a mimetic relation of gender to sex whereby gender mirrors sex or is otherwise restricted by it. when the constructed status of gender is theorized as radically independent that man and masculine might just as easily signify a female body as a male one, and woman feminine a male body as easily as a female one

## Perguntas

1º Segundo o texto o que é gênero?

R- Gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.

2º Gênero e opção sexual são as mesmas coisas? Explique?

R- Não, pois se uma pessoa nasce com corpo de mulher, não necessariamente ela irá ter a opção de ficar com homens, ela pode ter a escolha de ficar com outra mulher.

3º Comente a seguir a afirmação "As diferenças de gênero são construídas socialmente".

R- Ao longo dos tempos foi criado um status preconceituoso de que todo homem tem que ser "macho" e ficar com mulheres, e toda mulher tem que ser "fêmea" e ficar com

mulheres. Essa teoria de quem tem corpo de homem tem que ficar com mulheres e vice-versa foi criada socialmente durante décadas.

4° Among the words "Sexua option", "Sexual choise", "Sexual orientacion" and "Sexual indentity", wich one you think is the best to talk about heteronormativity and homosexuality? Why?

R- sexual identity is not a choice and not an option is the identity. They are not gay because they want to, but because it is identified with that

## ANEXO V



## English Acting Activity

1. tell in your own words, what this comic strip tells us.  
Fala sobre o padrão que a sociedade impõe e as ~~as~~ o que acontece se não cumprirmos.
  2. what's your opinion about jane doe?  
Acho que ela está certa, pois não devemos fazer o que não gostamos.
  3. what do you think about the other girls?  
Acho que elas devem respeitar as diferenças.
  4. If this comic strip had boy as example, what would they imitate?  
Cabelo e a roupa.
  5. what are the main issues  
Diferenças, formas diversas de pensar, regras estabelecidas pelo coletivo.
  6. Are you like jane or the other girls?  
Why?  
Jane, pois não me importo em ser igual a ninguém.
  7. Are you different? Explain  
Sim, todos somos diferentes, por mais que tentamos ser iguais temos opiniões diferentes.
- 

8. Who are you?

Meu nome é Ycaro e eu sou diferente  
e isso que me faz se normal.  
Não sigo regras de mídia e nem  
sou influenciado.

## ANEXO W

Instituto Federal de Alagos

No. \_\_\_\_\_

Turma 422-B

School for everyone: malala's story

1° Tell using your own words, malala's story

R-The story of a girl trying to overcome the prejudices of their region

2° What's your opinion on her action? what would you do if you lived there?

R- Brave attempt to change the opinion of a region, I would do the same to her, seek my rights

3° Can we do anything to help people who live in other countries? Why? How?

R- yes, we can show the countries world that distant countries evolved and prejudiced thoughts that need to be revised

4-are these genre differences in brazil? What can you do to solve this situation

R show people that prejudiced thoughts slows the country

5-

6-do you know any story of a girl or boy (woman/men) who fight/fought against genre differences? Tell mark

R- Yes, there are other stories of overcoming the world, a girl through a blog should reform the whole school

ANEXO X

222-8

data . . .  
S T Q Q S S D

English Activity

1) Uma mulher que mora na Espanha tem direitos e luta pelos seus direitos, contra a violência de seu país.

2) Eu acho do instante começa, uma guerra, esta luta pelos seus direitos, se fosse eu não sei de ter a esta situação.

3) Sim, Mas ainda não sei como.

4) Sim, acho que podemos mudar a parte de casa, não deixando a homem ser superior a mulher, mudando alguns atitudes.

5)

6) Não.

esbrel

Jandaia

## ANEXOY

222-B

English Activity

1) Tell on your own words, what this comic strip tell us.  
The comic tells of a girl wants be different was judged by Society.

2) What's your opinion about Jane doe?  
My opinion she is a different girl has own personality not let is tak for what others thought.

3) What's do you think about the other girls?  
I think we are girls who do not have own opinion or personality.

4) If this comic strip had keys as example, what would they imitate?  
Any player or singer.

5) What are the main issues?  
diversity, culture, prejudice.

6) Are you like Jane or the other girls? why?  
Sou igual a Jane, porque tenho opinião própria, e não preciso ser igual a ninguém.

7) Are you different? Explain.  
Sim, pois tenho opinião própria.

8) Who are you?  
my name is "I'm 18 years old and study in 5<sup>th</sup> grade" live in Jotico.

tilibra

## ANEXO Z

## Instituto Federal de Alagoas.

Aluna : \_\_\_\_\_

Nº 03'

The words nowadays has a big influencer on people power. This is because people are easily influenced .

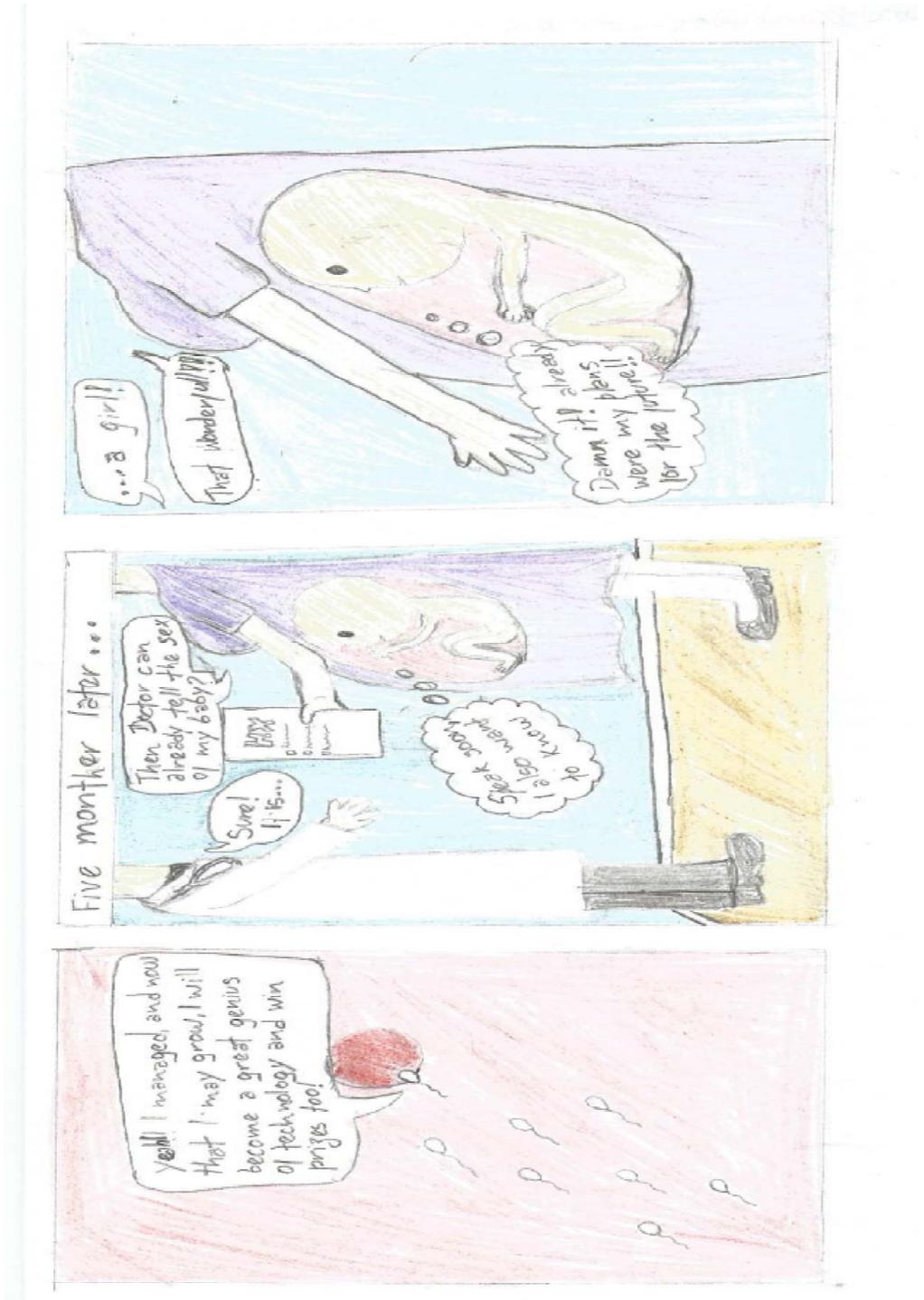
The power of the word is as strong as it shows the cartoon , only the words of a person can influence and change design and opinion of an entire group on a particular subject , thought or situation.

Most often , influencing people with just the simple fact of showing our thinking and opnion causing thoughts and even discussed doubts about it .

All this power of words , I can have the power to influence people and cause so much cultural diversity causes people to be different and equal at the same time. Other than the fact that not everyone has the same opinion and the same thought on all matters , and at the same time, become equal by the fact that all people are influenced , not the same , not the same people and not with the same facility , with all that, willingly or not , we are all influenced and influencers.

## ANEXO AA

Figura 1: Gestação



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Bruna, 2013.

## ANEXO BB

Figura 2: Trabalho pesado



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Maria, 2013

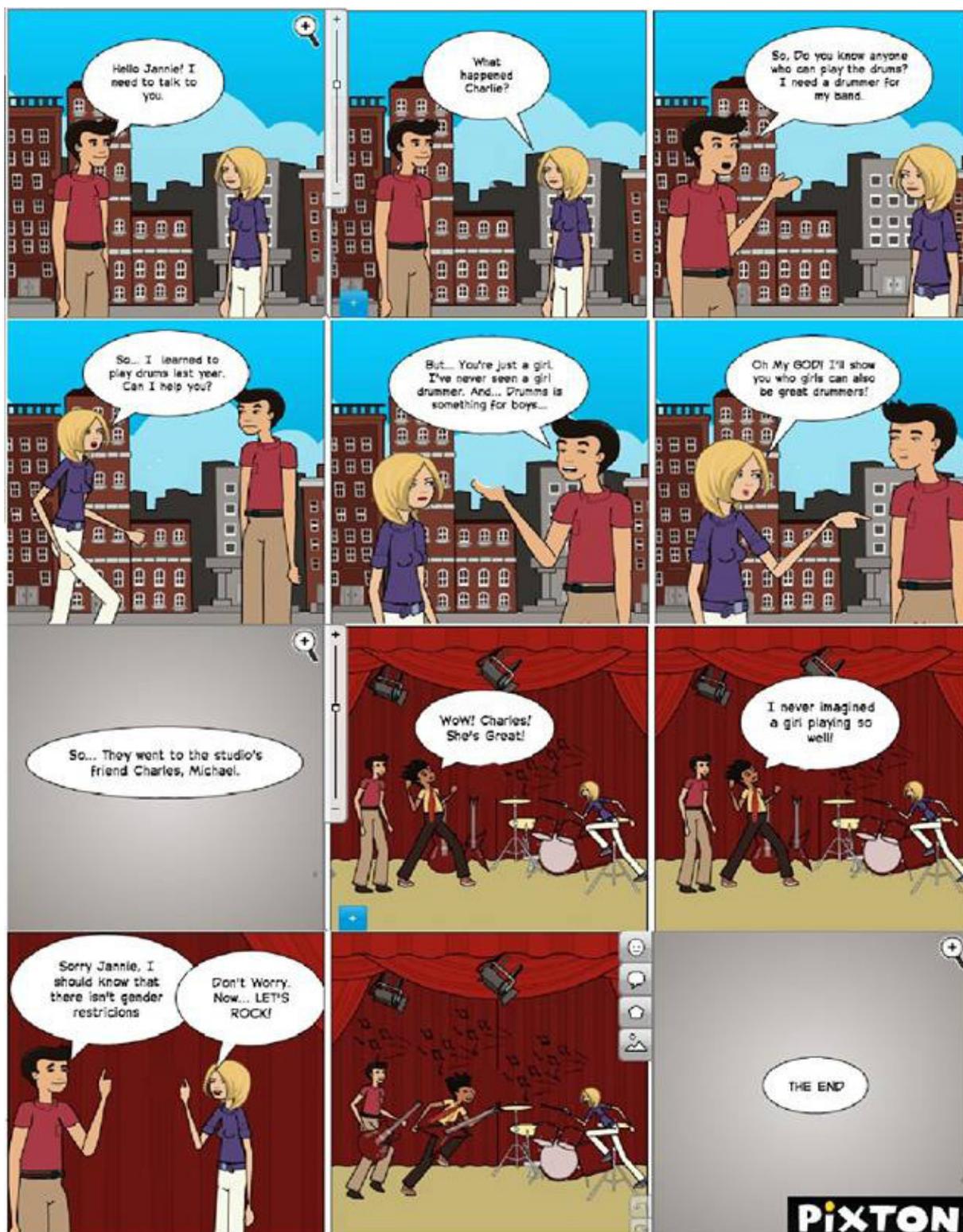
## ANEXO CC

**Figura 3:****Brinquedo de menino**

Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Tiago, 2013.

## ANEXO DD

Figura 4: Habilidades



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramento Crítico. Elias, 2013.

## ANEXO EE

Figura 5: Identidade



Gêneros, como construções identitárias, nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre Letramentos. Maria, 2013.